

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA  
FACULDADE DE LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

Adrieli Bonjour Laviola da Silva

**FRAMES E CONSTRUÇÕES EM CONTRASTE: UMA ANÁLISE COMPARATIVA  
PORTUGUÊS - INGLÊS NO TANGENTE À IMPLEMENTAÇÃO DE  
CONSTRUCTICONS**

Juiz de Fora  
2015

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA  
FACULDADE DE LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

**FRAMES E CONSTRUÇÕES EM CONTRASTE: UMA ANÁLISE COMPARATIVA  
PORTUGUÊS - INGLÊS NO TANGENTE À IMPLEMENTAÇÃO DE  
CONSTRUCTICONS**

Adrieli Bonjour Laviola da Silva

Dissertação de Mestrado apresentada ao programa de Pós-Graduação em Linguística da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Linguística.

Orientador: Professor Doutor Tiago Timponi  
Torrent

Juiz de Fora  
Março de 2015

**FRAMES E CONSTRUÇÕES EM CONTRASTE: UMA ANÁLISE COMPARATIVA  
PORTUGUÊS - INGLÊS NO TANGENTE À IMPLEMENTAÇÃO DE  
CONSTRUCTICONS**

Adrieli Bonjour Laviola da Silva

Orientador: Prof. Dr. Tiago Timponi Torrent

Dissertação de Mestrado submetida ao programa de Pós-Graduação em Linguística da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Linguística.

Aprovada por:

---

Presidente, Prof. Dr. Tiago Timponi Torrent – UFJF

---

Prof. Dr. Luiz Ferando Matos Rocha – UFJF

---

Profa. Dra. Angelica Terezinha Carmo Rodrigues

Juiz de Fora  
Março de 2015

*“Já se disse que as grandes ideias vêm ao mundo mansamente, como pombas. Talvez, então, se ouvirmos com atenção, escutaremos, em meio ao estrépito de impérios, o suave acordar da vida e da esperança.”*  
*Albert Camus*

*Aos meus pais, irmão e noivo - meus  
lugares de partida e retorno.*

## AGRADECIMENTOS

Agradecer significa, neste momento, dividir o êxito da realização desta dissertação. Assim, quero agradecer à Universidade Federal de Juiz de Fora, a instituição onde venho me desenvolvendo intelectual e academicamente, através do suporte de incríveis mestres com quem tive a honra de estudar. Agradeço ao Programa de Pós Graduação em Linguística e à coordenação do Programa por todo o apoio e por oportunizar momentos de aprendizado e crescimento na minha vida.

Nenhuma palavra seria suficiente para expressar minha gratidão ao meu orientador, Tiago Torrent, a quem devo inúmeros êxitos e conquistas. Agradeço por acreditar em minha capacidade intelectual, por me incentivar e estimular meu crescimento. Agradeço pela paciência, atenção, amizade e por todos os ensinamentos. Ser sua aluna e orientanda é uma grande honra para mim, e honra maior ainda é poder aprender um pouco do seu conhecimento.

À amiga e professora Natália Sigiliano, agradeço por sua orientação e apoio durante grande parte da graduação e do mestrado. Obrigada por sempre me incentivar, por compartilhar alguns de seus conhecimentos comigo e por ser peça fundamental na minha formação profissional.

Agradeço, também, à equipe da FrameNet Brasil por todo o aprendizado compartilhado e pela parceria na realização das atividades.

Em especial, agradeço à minha amiga e parceira Carolina Alves, pela amizade de sempre, pelas experiências divididas, e, principalmente, por todo o seu suporte durante a nossa formação desde a graduação. Nossa amizade, muitas vezes, foi meu refúgio em momentos de desânimo e o que me deu força para superar desafios. Muito obrigada.

Aos meus pais e meu irmão, agradeço imensamente por apoiarem minhas decisões e escolhas e por nunca me deixarem desanimar. Obrigada também pelo carinho incondicional e por sempre me mostrarem que sonhos são possíveis. Agradeço aos três por serem meus primeiros professores e pelos ensinamentos constantes.

Agradeço ainda ao meu noivo, Otávio, por entender minhas ausências, por confiar nas minhas decisões e por crescer e amadurecer junto comigo dia após dia. Agradeço por seu aconchego e carinho, por sua amizade, seu amor e por me ajudar a superar e suportar os desafios.

Aos meus tios Elenise e Douglas, quero agradecer por nunca se cansarem de me receber em sua casa, como filha, e por sempre me apoiarem durante toda a minha formação acadêmica. Pelo amor, cuidado, atenção, pela paciência e pelos ensinamentos, tenho vocês como meus pais de coração e, por terem aceitado essa missão com tanto carinho, apenas tenho a dizer muito obrigada.

E finalmente agradeço a Deus, criador de todas as coisas, que fortalece meu ser com a certeza de que todos meus sonhos são possíveis.

Silva, Adrieli Bonjour Laviola da.

Frames e Construções em Contraste: uma análise comparativa português – inglês no tangente à implementação de Constructicons / Adrieli Bonjour Laviola da Silva. – Juiz de Fora: UFJF / FALE, 2015.

x, 125f.:il.; 2,0cm.

Orientador: Tiago Timponi Torrent

Dissertação (mestrado) – UFJF / Faculdade de Letras / Programa de Pós-Graduação em Linguística, 2015.

Referências Bibliográficas: f.106-108.

1. Gramática das Construções. 2. Semântica de Frames. 3. Análise Contrastiva. 4. Construção de Dativo com Infinitivo. 5. Infinitival Relative Modal Construction. I. Torrent, Tiago Timponi *et al.*. II. Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Letras, Programa de Pós-Graduação em Linguística. III Título.



## RESUMO

Esta dissertação está inserida no projeto Frames e Construções em Contraste (SALOMÃO, SAMPAIO & TORRENT, 2013), o qual é um dos empreendimentos da FrameNet Brasil (FN-Br). Nesse sentido, intenciona verificar, dado o funcionamento do Constructicon do Português Brasileiro (PB) – um repertório de construções disponível *online* – as possíveis alterações necessárias para aprimorá-lo de modo a possibilitar seu alinhamento a outros Constructicons em desenvolvimento. Dessa maneira, esta dissertação busca embasamento em duas abordagens construcionais: a Gramática Cognitivista das Construções (GOLDBERG, 1995; 2006; 2013) e a Gramática das Construções de Berkeley (FILLMORE, 2012; 2013). Além disso, discute aspectos relacionados à Semântica de Frames e à proposta de estudos construcionais contrastivos de Boas (2010). No trabalho, as análises partiram da observação dos padrões do Inglês descritos no Constructicon de Berkeley, buscando equivalências em PB. Os achados comparativos levaram à classificação das 69 construções válidas do Constructicon de Berkeley em três grupos: (A) padrões equivalentes, quando tanto a forma quanto o significado são possíveis em PB; (B) parcialmente equivalentes, para as construções que, ainda que semanticamente sejam possíveis nas duas línguas, possuem alguma diferenciação na estrutura e (C) não-equivalentes, quando nenhuma aproximação pôde ser verificada em PB. Posteriormente, foi realizada a comparação entre a construção de Dativo com Infinitivo (DCI) do PB – que já vem sendo amplamente estudada na FN-Br em trabalhos anteriores (TORRENT, 2009; LAGE, 2013) e sua contraparte do Inglês – a construção Infinitival Relative Modal (FILLMORE, 2008). Nessa análise, foram percebidas algumas especificidades na DCI que precisaram ser atestadas através da aplicação de um Teste de Similaridade Semântica a falantes nativos do PB. Por fim, esta dissertação advoga em favor da realização de análises contrastivas que possam ir além da mera comparação superficial entre a forma e o sentido de construções de línguas distintas, quando da implementação de Constructicons multilíngues.

Palavras-chave: 1. Gramática das Construções. 2. Semântica de Frames. 3. Análise Contrastiva. 4. Construção de Dativo com Infinitivo. 5. Infinitival Relative Modal Construction.

## **ABSTRACT**

This dissertation is part of the Frames and Constructions in Contrast project (SALOMÃO, SAMPAIO & TORRENT, 2013), which is developed at FrameNet Brasil and aims to add multilinguality features to the Brazilian Portuguese Constructicon. In this work, we build on two constructional approaches – Cognitive Construction Grammar (GOLDBERG, 1995; 2006; 2013) and Berkeley Construction Grammar (FILLMORE, 2012; 2013) – so as to analyze to what extent Boas' (2010) proposition of contrastive constructional analysis can be applied to multilingual constructicography. In the study, the analyses were based on the English patterns described in Berkeley Construction, seeking equivalence in Brazilian Portuguese. Comparative findings led to the classification of the 69 valid constructions of the Berkeley Constructicon in three groups: (A) equivalent patterns, when both the form and the meaning are possible in BP; (B) partially equivalent, when constructions, despite being semantically possible in the two languages, bear some difference in the structure and (C) non-equivalent, when no link can be found between English and BP constructions. Subsequently, the comparison was made between the Dative with infinitive construction in BP – which has already been largely studied by FrameNet Brasil (TORRENT, 2009; LAGE, 2013) and its equivalent in English – the Infinitival Relative Modal construction (FILLMORE, 2008). In this analysis, the application of a semantic similarity test to native speakers of BP showed some peculiarities in the Dative with Infinitive construction not attested for the English construction. Finally, this dissertation argues in favor of performing contrastive analyses that go beyond mere superficial comparison between the form and the meaning of different languages constructions, when implementing Multilingual Constructicons.

Keywords: 1. Construction Grammar; 2. Frame Semantics; 3. Contrastive Analysis; 4. Dative with Infinitive Construction; 5. Infinitival Relative Modal Construction.

## SUMÁRIO

|   |     |
|---|-----|
| <b>INTRODUÇÃO</b>   | 12  |
| <b>1 A GRAMÁTICA DAS CONSTRUÇÕES E O DESENVOLVIMENTO DE CONSTRUCTICONS</b>                | 15  |
| <b>1.1 Abordagens construcionais para a gramática</b>                                     | 18  |
| 1.1.1 <i>Gramática Cognitivista das Construções</i>                                       | 21  |
| 1.1.2 <i>Gramática das Construções de Berkeley</i>  | 24  |
| <b>1.2 O desenvolvimento de Constructicons</b>  | 30  |
| 1.2.1 <i>O Constructicon de Berkeley</i>  | 39  |
| 1.2.2 <i>O Constructicon da FrameNet Brasil</i>   | 47  |
| <b>1.3 Análise contrastiva de construções</b>   | 52  |
| <b>2 METODOLOGIA</b>  | 55  |
| <b>2.1 O Processo de Anotação de Construções na FrameNet Brasil</b>                       | 55  |
| <b>2.2 Testes de Julgamento de Similaridade Semântica</b>                                 | 59  |
| <b>3 ANÁLISE CONTRASTIVA ENTRE OS CONSTRUCTICONS DO INGLÊS E DO PORTUGUÊS BRASILEIRO</b>  | 62  |
| <b>3.1 Panorama Contrastivo</b>   | 62  |
| <b>3.2 As Construções Infinitival Relative Modal e Dativo com Infinitivo em Contraste</b> | 79  |
| 3.2.1 <i>A Construção Infinitival Relative Modal</i>                                      | 79  |
| 3.2.2 <i>A Construção de Dativo com Infinitivo</i>  | 82  |
| 3.2.3 <i>Análise Contrastiva</i>  | 86  |
| <b>4 IMPLICAÇÕES DA ANÁLISE PARA A IMPLEMENTAÇÃO DE CONSTRUCTICONS</b>                    | 102 |
| <b>5 CONCLUSÕES</b>   | 105 |
| <b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>   | 107 |
| <b>ANEXO – RELATÓRIO DE RESPOSTAS AO TESTE DE JULGAMENTO DE SIMILARIDADE SEMÂNTICA</b>    | 110 |

## INTRODUÇÃO

A presente dissertação insere-se no projeto Frames e Construções em Contraste (SALOMÃO, SAMPAIO & TORRENT, 2013), subprojeto da FrameNet Brasil – FN-Br – (SALOMÃO, 2009) cujo objetivo é o desenvolvimento de um Constructicon para o Português do Brasil (PB). Na FN-Br, seguindo o que é feito na FrameNet – FN, sediada no International Computer Sciences Institute, em Berkeley (<http://framenet.icsi.berkeley.edu>) – em relação ao Inglês, são desenvolvidos dois empreendimentos: um voltado para a criação de um Lexicon e o outro de um Constructicon.

O Lexicon se refere a um recurso online que articula frames e Unidades Lexicais (ULs), baseado na Semântica de Frames (FILLMORE, 1982) e sustentado por evidência em *corpora*. Nesse contexto, as ações desenvolvidas na FN constituem-se em: identificar e descrever *frames* (no caso da FN-Br, traduzir frames do Inglês e criar novos, adequando-os à realidade cultural do Brasil), analisar o significado das ULs a partir dos *frames* que elas evocam e as propriedades sintáticas delas para, assim, realizar a anotação com base no frame evocado e na análise sintática realizada (FILLMORE ET AL., 2003).

O Constructicon (FILLMORE ET AL., 2012), por sua vez, é um recurso sintático, que tem como base teórica as abordagens construcionais e utiliza informações em *corpora* para sustentar as análises realizadas, analogamente ao que é feito no Lexicon. De acordo com Fillmore et al. (2012), o objetivo do constructicon é documentar uma ampla gama de possibilidades sintáticas, semânticas e pragmáticas por um viés computacional para a anotação de sentenças, análise dos padrões encontrados e exibição dos resultados. Esse empreendimento, tal como é descrito, surgiu da observação de que o tratamento lexicográfico fornecido pela FN não era suficiente para capturar as propriedades sintáticas e semânticas de algumas estruturas. Desse modo, o Constructicon surge como uma proposta de registrar todos os aspectos gramaticais, desde morfemas, elementos do léxico e expressões idiomáticas até estruturas sintáticas mais complexas.

Para implementar o Constructicon na FN-Br, foram eleitas as construções da família Para Infinitivo Português do Brasil (TORRENT, 2009; LAGE, 2013), e as construções de Quantificação Indefinida (BRODBECK, 2010; TAVARES, 2014) – por

exemplo, construções como “*uma chuva de N*” ou “*um bando de N*”. As construções da família Para Infinitivo compartilham um VP<sup>1</sup> infinitivo regido por *para* e, em relação ao sentido, evocam, em geral, o frame de Finalidade, ou outros relacionados a este, devido ao fato de o verbo no infinitivo apontar para um objetivo o qual se intenciona realizar ou alcançar.

Na fase inicial de implementação, definiram-se políticas de anotação focadas em definir se determinado material linguístico seria tratado via Lexicon ou via Constructicon e, ainda, qual seria a natureza das etiquetas empregadas no Constructicon. Nesta dissertação, por sua vez, iniciamos as reflexões relacionadas ao alinhamento do Constructicon do PB a outros constructicons em desenvolvimento. Isso significa que, com esta pesquisa, buscamos analisar construções do Português do Brasil, assim como já vem sendo feito no projeto, e, em seguida, contrastá-las com padrões do Inglês, verificando aproximações e diferenciações. Num segundo momento da pesquisa, não contemplado no escopo desta dissertação de mestrado, pretendemos dispor as entradas construcionais em um mecanismo que permita sua articulação com construções equivalentes de línguas diferentes. Nesse sentido, a pesquisa intenciona verificar a existência de padrões construcionais equivalentes, parcialmente equivalentes ou não-equivalentes entre as duas línguas. Identificadas aquelas construções que apresentam equivalência no PB, ainda que parcial, intencionamos descrevê-las também – com as devidas adaptações – no recurso do PB.

Para tanto, inicialmente, analisamos as construções do Constructicon de Berkeley de modo a fazer um levantamento preliminar acerca das construções que apresentam equivalência no PB. Em seguida, a fim de demonstrar que uma aparente equivalência construcional pode esconder discrepâncias entre as línguas, elegemos a construção de Dativo\_com\_Infinitivo (DCI), para a qual encontramos como contraparte no Inglês, a construção Infinitival\_relative\_modal (IRM). As duas construções são formadas por uma estrutura sintática equivalente: dois signos filha – um Sintagma Nominal (Núcleo/Head), seguido por um sintagma infinitivo (VP\_para\_inf/VP\_to). Semanticamente, tais construções apresentam o sentido de Habilitação. Assim, o Núcleo/Head indica um Recurso que garante a realização de

---

<sup>1</sup> Nesta dissertação, optamos por não traduzir as siglas indicativas de tipos sintagmáticos, de modo a manter sua correlação com as etiquetas de anotação utilizadas na FN-Br e apresentadas nas figuras ao longo do texto.

um Propósito, o qual é codificado pelo VP\_para\_inf/VP\_to. No entanto, a equivalência semântica entre as duas construções, aparentemente, não ocorre em todos os casos, visto que, em algumas sentenças com a forma {[NP] [VP\_para\_inf]} no português, emerge uma leitura deôntica, e não habilitativa. Diante disso, propusemos a realização de um teste de julgamento de similaridade semântica, o qual foi realizado por falantes nativos do PB com o intuito de determinar as restrições estruturais relativas a cada uma das possibilidades de significado para a DCI.

O primeiro capítulo desta dissertação, nesse sentido, destina-se à apresentação da base teórica, em que descrevemos as perspectivas adotadas nesta pesquisa. Assim, tratamos de aspectos referentes às abordagens construcionais, dentre as quais, para este trabalho, elegemos a Gramática Cognitivista das Construções (GOLDBERG, 1995, 2006) e a Gramática das Construções de Berkeley (FILLMORE, 2012, 2013). Além disso, situamos as análises desenvolvidas no âmbito da FrameNet, com base na Semântica de Frames (FILLMORE, 1982). Em seguida, exploramos o desenvolvimento de Constructicons, caracterizando o Constructicon de Berkeley e o Constructicon da FN-Br.

No capítulo dois, descreveremos a metodologia de anotação construcional adotada pela FN-Br e os testes de julgamento de similaridade semântica empreendidos nesta pesquisa. No terceiro capítulo, apresentaremos o levantamento realizado quanto às construções do Constructicon de Berkeley que, aparentemente, apresentam equivalências no PB. Em seguida, trataremos da comparação entre as construções DCI do PB e IRM do Inglês, demonstrando as semelhanças e as possíveis diferenças que há entre as duas.

Dando prosseguimento ao trabalho, o capítulo quatro se destina às implicações dessas análises contrastivas para a postulação de diretivas na implementação de Constructicons multilíngues.

## 1 A GRAMÁTICA DAS CONSTRUÇÕES E O DESENVOLVIMENTO DE CONSTRUCTICONS

A Linguística abrange várias vertentes de pensamento e linhas de pesquisas que tratam da linguagem em perspectivas diferentes, algumas vezes, divergentes, mas podendo ser, em muitas situações, complementares. Isso se deve ao fato de a Linguística, embora seja um campo investigativo relativamente recente, possuir uma história permeada por grandes mudanças de paradigmas. Tal aspecto torna conveniente, muitas vezes, que nos refiramos a ela no plural: “as linguísticas”.

A diferenciação dos trabalhos da linguagem que norteou os estudos do século XX centrou-se na divisão entre semântica e sintaxe, ocasionando o que Salomão (2007), ao citar trabalho em coautoria com Marchuschi (MARCHUSCHI & SALOMÃO 2004), denominou de “dilematização entre as ‘linguísticas do significante’ e as ‘linguísticas do significado’” (SALOMÃO, 2007, p.28).

A análise formal da linguagem, empreendida pela “linguística do significante” relaciona-se aos estudos pré-estruturalistas, estruturalistas e gerativistas e foi responsável pelo sucesso acadêmico-político da Linguística, justamente por garantir sua autonomia disciplinar. Isso se deveu ao fato de estudos formais da linguagem permitirem demonstrar a possibilidade de estudá-la como uma competência modular (SALOMÃO, 2007. p. 29).

Ainda segundo Salomão (2009), com a metodologia da vertente formalista – a qual consiste em reconhecer unidades sistemáticas identificadas via oposições distintivas e estabelecer categorias sintagmáticas via regularidades distribucionais –, foi possível descrever vinte por cento do total das línguas hoje conhecidas, o que foi, sem dúvidas, um ponto importante para o trabalho com a linguagem, visto que permitiu a ampliação do conhecimento científico sobre ela. Tal empreendimento, juntamente com a visão emergente que passou a considerar a oralidade objeto de estudo, abordando, portanto, fatos reais de uso da língua, também levou ao surgimento dos estudos da variação linguística – estes ainda pautados na descrição de aspectos formais da linguagem –, através dos trabalhos de William Labov.

Por volta da década de cinquenta, os trabalhos de Noam Chomsky desenvolvem a linguística gerativa, dando aos estudos formais da linguagem refinamento analítico e epistemológico. Contudo, apesar da sofisticação teórica que recebem os estudos da sintaxe, o modelo gerativo passa a ser questionado,

principalmente, devido à insuficiência no tratamento semântico e à ausência de descrições relacionadas à idiomaticidade das línguas, a qual é, segundo Salomão (2009), “uma característica indescartável das línguas humanas como produções históricas” (SALOMÃO, 2009. p. 21).

Apesar disso, ao mencionar que a teoria linguística é mentalista, Chomsky faz o primeiro rompimento com a tradição estruturalista em direção ao surgimento da Linguística Cognitiva. No entanto, os estudos ligados ao significado ainda ficavam restritos à forma lógica, não abrangendo traços próprios do uso concreto da língua pelos falantes. Outro fator relevante que fez com que, para o tratamento semântico, fosse necessário romper com os pressupostos chomskyanos, relaciona-se à ideia de que, ignorando os aspectos idiomáticos de cada língua, o falante-ouvinte seria capaz apenas de interpretar o que fosse fornecido pela sintaxe, não conseguindo entender ironias e idiomáticas, a não ser literalmente, uma vez que o modelo abarcava unicamente as construções mais regulares da língua (SALOMÃO, 2009).

Isso caracteriza o que Fillmore (1979) chamou de “falante-ouvinte inocente”, em referência irônica ao “falante-ouvinte ideal” postulado pela corrente gerativista. Segundo o linguista, o falante-ouvinte inocente conhece os morfemas da sua língua, bem como os significados destes e a articulação de tais morfemas em estruturas gramaticais, as quais também é capaz de reconhecer. Semanticamente, o “falante-ouvinte inocente” calcula o significado da estrutura como um todo com base no que sabe acerca do significado de cada uma das partes que a compõem. Por essa razão, ele apresenta várias limitações no que tange à competência semântica, uma vez que (i) não compreende expressões idiomáticas lexicais ou sintagmáticas; (ii) é incapaz de compreender colocações lexicais que não se baseiam em relações semânticas; (iii) não tem habilidade para julgar a adequação das expressões fixadas para determinados tipos de situações específicas; (iv) não compreende metáforas e (v) carece de mecanismos interpretativos para a comunicação indireta (FILLMORE, 1979, p. 65-66). Esses apontamentos no que tange ao “falante-ouvinte inocente” de Fillmore exemplificam as críticas que emergiam em relação aos modelos que apresentavam um tratamento semântico insuficiente e a necessidade de uma revisão nesse sentido.

Na década de 70, surgem, portanto, os primeiros trabalhos em linguística cognitiva, tais como os estudos de Geroge Lakoff, acerca da categorização; de Eleanor Rosch, Brent Berlin, Paul Kay e colaboradores, os quais identificaram os



efeitos de prototipia nos processos de categorização, com base no léxico das cores; e, dentre outros, de Charles Fillmore em relação à Semântica de Frames (SALOMÃO, 2007, 2009). A partir desses primeiros empreendimentos, desenvolve-se a Linguística Cognitiva como novo paradigma teórico, opondo-se à Linguística Gerativa, essencialmente, devido ao fato de propor uma “continuidade entre a competência linguística, as outras capacidades cognitivas e as práticas sociais que lhes correspondem” (SALOMÃO, 2007, p. 33), enquanto o gerativismo assumia a língua como um módulo independente na mente. Além disso, enquanto no gerativismo a sintaxe assumia destaque nas análises, na Linguística Cognitiva, busca-se muito mais o trabalho com a significação. Nesse sentido, os autores que se opunham ao gerativismo, buscavam uma perspectiva teórica que considerasse as relações entre sintaxe e semântica, investigando especialmente as relações entre forma e significado.

Desse modo, segundo Salomão (2007) há uma divisão, dentro do novo paradigma, entre aqueles que desenvolvem pesquisa linguística voltada para a significação do discurso – focadas na situação comunicativa – e aqueles que se voltam para a significação da sentença – relacionada às descrições do léxico ou das construções gramaticais. Nota-se, nesse sentido, um amplo escopo analítico disponível para o trabalho em Linguística Cognitiva (LC), que culmina no desenvolvimento de teorias que, embora tenham uma base teórica comum, adotam objetos de pesquisa diferentes e assumem metodologias e perspectivas variadas. Assim, segundo Ferrari (2010),

em que pesem as características que a distinguem de outras vertentes teóricas, não se pode afirmar que a LC constitua uma teoria linguística homogênea; na verdade, a área abriga um conjunto de vertentes inter-relacionadas que compartilham as hipóteses do pareamento forma-significado e da natureza cognitiva dos processos semânticos, mas possuem especificidades que merecem ser comentadas. (FERRARI, 2010. p. 150)

Um desses empreendimentos é o tratamento de construções gramaticais, que levou ao desenvolvimento da Gramática das Construções, a qual, assim como a Linguística em si e a própria Linguística Cognitiva, tem sido abordada como “gramáticas das construções”. Desse modo, é possível falar em Gramática Cognitivista das Construções (GOLDBERG, 1995; 2006), Gramática das Construções de Berkeley (KAY & FILLMORE, 1999; FILLMORE, 2013), Gramática das Construções Baseada em Signos (BOAS & SAG, 2012) ou ainda Gramática das Construções Corporificada (BERGEN & CHANG, 2013), por exemplo.

Apesar de ser um campo bastante heterogêneo no que tange às formulações teóricas e às ferramentas analíticas adotadas, a LC possui três princípios fundamentais que são comuns a qualquer perspectiva dentro dessa linha de pesquisa e que, conseqüentemente, fundamentam os estudos das “gramáticas das construções”. Nas palavras de Salomão (2009), são eles:

1. A cognição linguística é contínua aos demais sistemas cognitivos; portanto, a linguagem não é um sistema cognitivo autônomo.
2. A gramática é uma grande rede de construções; portanto, postula-se uma continuidade básica entre sintaxe e léxico, calcada no uso linguístico.
3. Todo processo de significação procede pela projeção entre domínios cognitivos; portanto, a semântica cognitivista tem um viés inferencialista, que a diferencia do referencialismo da ortodoxia. (SALOMÃO, 2009. p. 22)

### 1.1 Abordagens construcionais para a gramática

Nesta seção, trataremos das abordagens construcionais para a gramática e, para tanto, é necessário compreender primeiramente o que é entendido por construção. O termo construção, no contexto das abordagens mais tradicionais para a gramática, é amplamente utilizado para se referir, basicamente, ao seguinte conceito, encontrado em dicionário: **Gram:** *Colocação sintática das palavras de um período, segundo as regras próprias* (MICHAELIS ONLINE). Nesse sentido, percebe-se a compreensão do termo sob uma perspectiva única, a formal, em que se consideram como construção os termos de um dado período, ordenados segundo regras sintáticas. Além disso, essa definição abrange apenas estruturas formais maiores que uma palavra, contrariando o princípio da LC que considera a continuidade entre léxico e sintaxe. Essa definição, portanto, não contempla elementos como palavras e morfemas, limitando a concepção de construção a regras sintáticas.

Outro aspecto que nos leva a propor uma oposição relativa a esse conceito é o fato de construção, no contexto em que se insere esta dissertação, ser entendida como um par forma-significado (GOLDBERG, 1995), ainda que com variações de opiniões entre os teóricos, visto que, conforme foi apontado anteriormente, são muitas as “gramáticas das construções”. Isso significa que, diferentemente da definição transcrita acima, o conceito de construção assumido neste trabalho engloba não só uma perspectiva formal, mas, também, semântica ou funcional.

O entendimento de construção como um pareamento de forma e significado está relacionado à definição de signo linguístico, abordada por Ferdinand de

Saussure no Curso de Linguística Geral (2008 [1916]), uma vez que, desde os trabalhos do linguista, assume-se que um signo – uma palavra ou ainda um elemento no nível morfológico – é um pareamento de forma e significado, ou seja, uma construção (GOLBERG, 2013, p. 17). Desse modo, nas palavras de Salomão (2009), “a gramática se apresenta como uma rede de signos; não só formas: signos, investidos de uma dimensão dual”. (SALOMÃO, 2009. p.36).

Isso significa dizer que, assim como uma unidade lexical – casa, por exemplo – apresenta uma forma – nesse caso, composta pelos fonemas /k/, /a/, /z/, /a/, e grafemas c, a, s, a – e um significado resultante da união desses elementos formais – a saber *Nome comum a todas as construções destinadas a moradia* (MICHAELIS ONLINE) –, um grupo sintagmático mais complexo também é composto por uma estrutura de mesma natureza.

Para compreender melhor, observemos a sentença (1).

(1) Maria tem dinheiro para viajar.

A sentença (1) é composta pelos sintagmas *Maria*, *tem*, *dinheiro* e *para viajar*, respectivamente, um Sintagma Nominal (NP), um Verbal (VP), outro NP e uma oração infinitiva, introduzida pela preposição *para* (VP\_para\_inf). Cada um desses elementos apresenta, sozinho, uma significação própria. No entanto, a soma dos significados das partes componentes da sentença em questão pode não ser igual ao significado dela como um todo (TORRENT, 2009). Isso significa, por exemplo, que o verbo *ter* apresenta a significação básica de posse, mas unido ao NP *dinheiro* e seguido pelo VP\_para\_inf pode adotar uma significação diferente de apenas indicar a posse sobre algo. O verbo, portanto, cumpre a função de integrar seu significado básico ao significado global da construção, o que será tratado com melhor profundidade em seção posterior. No caso da sentença (1), emerge o significado de *Habilitação*, em que a posse sobre o NP *dinheiro*, assumido como um *Recurso*, habilita o sujeito, caracterizado pelo NP *Maria*, a realizar a ação prevista pelo V<sub>inf</sub> *viajar*.

Além disso, a oração infinitiva VP\_para\_inf não pode ser caracterizada como uma oração relativa reduzida comum. Tal fato é comprovado através da impossibilidade de se parafrasear, em várias instâncias, a oração infinitiva por uma oração relativa desenvolvida. Tomando a sentença em (1) como base, poderíamos

retirar a preposição *para* e substituí-la pelo pronome relativo *que*, o qual deve ser seguido de um verbo flexionado de acordo com as características do nome ao qual o pronome relativo faz referência, no caso de (1), o NP *dinheiro*. Fazendo essas devidas alterações, o que teríamos seria o seguinte:

(2) \*Maria tem dinheiro que viaja.

A sentença (2) não funciona como uma paráfrase de (1), uma vez que o NP *dinheiro* deixaria de representar um Recurso que habilita o NP *Maria* a realizar a ação expressa pelo verbo *viajar*, para ser o elemento *que*, nesse caso, seria o protagonista da ação.

Ainda que se considere uma versão menos direta da cláusula relativa, que, através da anteposição de *com*, considere a natureza instrumental do antecedente *dinheiro* – sentença (3) –, a leitura habilitativa não é direta como em (1).

(3) Maria tem dinheiro com o qual viaja.

Essa breve análise exemplifica a ideia central constitutiva da emersão das abordagens construcionais. Elas partiram da observação de pesquisadores de que muitos elementos da língua não poderiam ser analisados a partir de uma abordagem puramente lexical, visto que existem unidades linguísticas complexas, cuja relação da forma com o significado não poderia ser previsível a partir de cálculos combinatórios entre suas partes componentes, por estar agregada a condições pragmáticas específicas, relativas a situações de uso singulares (SALOMÃO, 2009). Nas palavras de Goldberg (1995), construções são, assim,

definidas como sendo um pareamento de forma e significado, de tal modo que alguns aspectos da forma ou algum aspecto do significado não são estritamente previsíveis a partir das partes componentes ou de construções já estabelecidas como existentes na língua. (GOLDBERG, 1995, p.4)

Surge, portanto, a necessidade de um tratamento voltado para as construções, o qual é exercido por várias abordagens construcionais, indicando a existência de não só uma, mas várias gramáticas das construções, conforme já foi mencionado. A apresentação de duas dessas abordagens é o que faremos a seguir.



estrutura argumental da construção como um todo. Goldberg (2013) aponta, assim, como evidência dessa observação, os verbos *nonsense*, verbos sem sentido. Ao se ter uma sentença construída com um verbo *nonsense*, mas cuja estrutura como um todo aponte para o sentido de transferência, o verbo poderá ser facilmente compreendido como um que tenha sentido literal ou metafórico relacionado a transferência. Para melhor compreender o que isso indica, observemos o exemplo (5).

(5) Ana **huilhou** dinheiro para o Pedro.

A sentença (5) é composta pelo verbo *nonsense* “**huilhou**”, o qual, isoladamente, não constitui uma palavra da Língua Portuguesa, não tendo, portanto, *a priori*, um significado plausível. Entretanto, a estrutura NP (Ana) V (“huilhou”) NP (dinheiro) PP<sub>para</sub> (para o Pedro) pode apontar para a relação com o *frame* de transferência, visto que, a partir de tal forma, pode-se inferir que Ana transferiu de sua posse para a posse de Pedro o dinheiro. Assim, o verbo *nonsense* “huilhou” poderia, facilmente, ser substituído por verbos como “emprestou”, “entregou”, “deu”, entre outros, os quais evocam o significado de transferência. O exemplo (5) representa a construção de Transferência, a qual, segundo Goldberg (1995), pode ser representada conforme a Figura 1. Nessa representação, vem especificada na primeira linha a estrutura semântica da construção (Sem), enquanto, na terceira, a contraparte sintática (Sin), a qual especifica as funções gramaticais de sujeito e objeto(s). Na segunda linha (R), por sua vez, é apresentado o esquema do verbo e seus papéis de participantes.

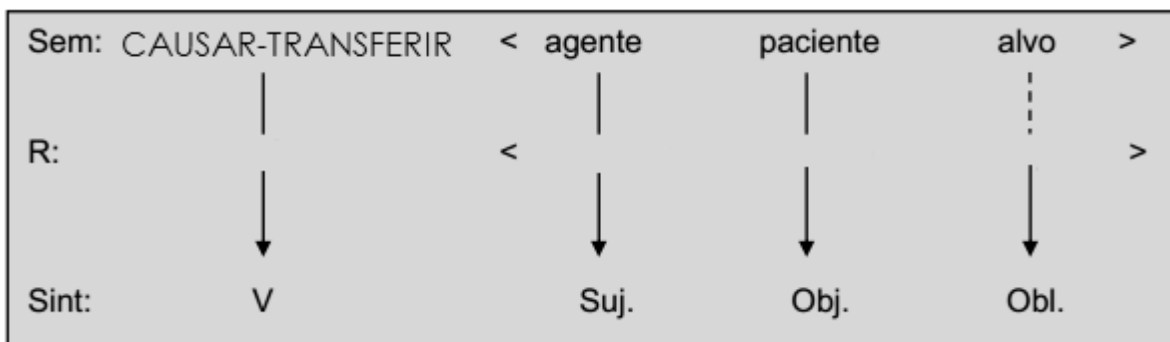


Figura 1: Representação da Construção de Transferência

A integração entre a semântica do verbo e a da construção segue dois princípios gerais na Gramática Cognitivista das Construções: o da Coerência Semântica e o da Correspondência. O primeiro princípio, de acordo com Goldberg (1995) propõe que apenas papéis que são semanticamente compatíveis podem ser integrados. Isso significa que dois papéis  $r_1$  e  $r_2$  são compatíveis se e somente se  $r_1$  puder ser construído como uma instância de  $r_2$ . Goldberg (1995) exemplifica isso a partir do participante *chutador* (*kicker*) do frame de *Chute* (*Kick*), em que tal participante pode ser integrado ao papel de agente da construção Ditransitiva do Inglês, pelo fato de o papel *chutador* poder ser assumido como uma instância do papel de agente. Os critérios para que um papel possa ser assumido como uma instância de outro papel são determinados, conforme Goldberg (1995), por princípios de categorização genéricos.

Segundo o princípio da Correspondência, por sua vez, cada papel de participante que é lexicalmente perfilado e expresso deve ser integrado com um papel argumental perfilado da construção. Goldberg (1995) descreve um caso típico de integração com base nesse princípio, o qual ocorre quando os papéis de participantes relacionados ao verbo podem ser colocados em uma correspondência de um-para-um com os papéis argumentais da construção. Nesse caso, o significado construcional é inteiramente redundante com o do verbo, e este apenas adiciona informação ao evento designado pela construção (GOLDBERG, 1995, p. 50-51).

Os aspectos tratados acima podem, ser sintetizados, nesse momento, através de duas premissas básicas adotadas pela abordagem cognitivista para as construções e também compartilhadas por outras teorias que tratam da análise construcional:

(i) a gramática é concebida como uma grande rede construcional. Isso significa dizer que não há uma distinção entre léxico e gramática, apenas uma diferenciação no que tange à sua especificação formal interna; e

(ii) o signo linguístico é um vetor bipolar indissociável, ou seja, todo signo é um pareamento de forma e significado, o qual é construído tanto semântica quanto pragmaticamente de modo indissolúvel (SALOMÃO, 2009, p.27).

Na próxima seção, entretanto, trataremos de outra abordagem construcional, que em alguns aspectos se diferencia da que foi apresentada até agora, a denominada Gramática das Construções de Berkeley. Esta fundamenta o trabalho

de desenvolvimento de Constructicons, foco desta dissertação, sobre o qual falaremos mais adiante. A principal diferença entre ambas as abordagens centra-se no fato de que a segunda, à qual se destina a seção a seguir, apresenta um formalismo mais explícito e delimitado, principalmente devido ao fato de se basear no conceito de unificação. Ademais, a Gramática das Construções de Berkeley assume a existência de construções que não apresentam contraparte semântica, ou seja, que são padrões absolutamente formais. Para a Gramática Cognitivista das Construções, entretanto, toda construção é um pareamento de forma e significado, mesmo aquelas que, aparentemente, sejam mais formais. Além disso, a Gramática Cognitivista das Construções é mais fácil de ser adaptada à psicolinguística e a teorias da aquisição da linguagem, enquanto a Gramática das Construções de Berkeley adapta-se melhor ao modelo computacional, razão pela qual a maioria dos trabalhos que seguem essa abordagem está relacionada à Linguística Computacional.

### *1.1.2 Gramática das Construções de Berkeley*

A segunda abordagem construcional de que trataremos neste trabalho refere-se àquela desenvolvida na Universidade da Califórnia em Berkeley. A escolha desse modelo deve-se ao fato de o Constructicon – a ser apresentado em seção posterior – ter se desenvolvido com base nessa proposta. Sendo assim, é conveniente que conheçamos as bases teóricas que norteiam tal empreendimento.

Os estudos em Berkeley nos anos 1980 e 1990 centravam-se em analisar aspectos idiomáticos e irregularidades da língua, demonstrando a frequência e a importância deles no conhecimento linguístico dos falantes (FILLMORE, 2013). O tratamento desses casos ditos mais periféricos na língua vai ao encontro da necessidade visualizada pelos críticos da gramática gerativa, a qual não incluía em suas análises aspectos relacionados à idiomaticidade. Apesar disso, o foco dado a esses casos pelos pesquisadores em Berkeley fez com que começasse a emergir uma visão de que as construções estudadas eram escolhidas de forma aleatória independentemente da gramática real. Para corrigir tal pensamento, Fillmore e Kay tentaram mostrar que as mesmas ferramentas analíticas eram responsáveis tanto pelas estruturas mais básicas quanto pelos casos ditos como “especiais” (FILLMORE, 2013, p. 111-112). Além disso, é relevante tratar os casos assumidos



como periféricos, visto que, segundo Fried e Ostman (2004), são esses aspectos que refletem o uso real da língua.

No entanto, segundo Kay e Fillmore (1999) a adoção de uma abordagem construcional implica tratar da mesma forma, com a mesma importância, tanto padrões gramaticais relativamente gerais – sejam eles morfológicos ou sintáticos –, quanto padrões idiomáticos. Baseada nesse compromisso, “a função de um gramático das construções seria desenvolver um sistema de representações capaz de uma codificação econômica e sem perda em generalização de todas as construções (ou padrões) da língua, do mais idiomático ao mais geral” (KAY & FILLMORE, 1999, p. 2).

Uma construção é definida como idiomática na medida em que seu sentido pode especificar relações semânticas e pragmáticas diferentes das que podem ser obtidas a partir do cálculo da semântica do conjunto de construções menores que a compõe (cf. FILLMORE et al, 1988, p. 501). Nesse sentido, diante dos aspectos idiomáticos, um modelo semântico absolutamente composicional – segundo o qual o significado da construção sempre corresponde à soma do significado das partes que a constituem – é falho, o que torna necessário, portanto, um tratamento diferenciado para esses casos. Essas observações preliminares demonstram a relação da perspectiva da Gramática das Construções de Berkeley com as outras abordagens construcionais, conforme já foi dito anteriormente. Isso também é notado a partir da definição de construção assumida pela teoria em questão: o significado e a forma são inseparáveis um do outro e, por essa razão, não constituem módulos independentes (cf. FRIED & OSTMAN, 2004), ou seja, os objetos linguísticos são pareamentos de forma e função – para usar as palavras de Goldberg (1995, 2006). Apesar disso, essa abordagem construcional em especial considera que há construções que são meramente formais, conforme veremos mais adiante.

Fried e Ostman (2004) ainda propõem a gramática das construções como uma abordagem gramatical **não modular** – pelo fato de abarcar informações fonológicas, sintáticas, semânticas, as quais não são tratadas separadamente, o que garante descrições de signos complexos –, **gerativa** – por ter o objetivo de abarcar todas as construções gramaticais da língua, em especial aquelas que requerem certo grau de formalização –, **não-derivacional** – por não haver regras de derivação de um nível a outro, como ocorria na abordagem gerativista chomskyiana – e **baseada em unificação** – pelo fato de as construções e especificações que formam

as construções encaixarem-se uma a outra em uma forma não-derivacional. A unificação é bastante relevante na medida em que garante que as peças linguísticas que não sejam compatíveis umas às outras não sejam capazes de licenciar uma construção (FRIED & OSTMAN, 2004).

É possível conceituar o processo de unificação como uma operação em que duas ou mais Matrizes de Atributo e Valor (AVMs) – ou seja, cada uma das construções – combinam-se, projetando uma nova AVM, a qual contém exatamente os valores e atributos das AVMs que se uniram (GOLDBERG, 2006). Essas AVMs correspondem a conjuntos de traços que especificam as características de cada elemento, bem como as possibilidades (ou restrições) de combinações de dois ou mais elementos em uma construção. Segundo Fried e Ostman (2004), a tarefa principal da unificação é assegurar que os atributos com valores contraditórios falhem ao se combinar, não chegando a licenciar uma construção.

Esse processo, portanto, encarrega-se de receber ou rejeitar constituintes candidatos a preencher posições sintagmáticas particulares. A aceitação ou não depende da compatibilidade entre os valores atribuídos aos elementos linguísticos associados e aqueles requeridos pelas posições da construção. Assim, padrões análogos às regras de estrutura frasais definem as posições que satisfazem as necessidades da entidade que elas combinam para formar. Termos regentes específicos podem determinar, por sua vez, os tipos de entidade que podem ou devem acompanhá-los nos sintagmas dos quais participam.

Uma das possibilidades de unificação de AVMs é aquela que integra matrizes de verbos e construções (GOLDBERG, 1995). Nesse procedimento, se um verbo é membro de uma classe verbal que é convencionalmente associada a uma construção, os papéis de participantes desse verbo devem ser integrados semanticamente aos papéis argumentais de tal construção. Essa possibilidade, conforme ressalta Goldberg (1995), não é determinada pelo fato de um elemento poder preencher simultaneamente os papéis do verbo e da construção, mas, ao contrário, por esses papéis serem de tipos compatíveis.

Uma forma de melhor visualizar esse processo é através do exemplo fornecido por Fillmore (2013) para descrição dos valores utilizados para a formação da construção DetHead (Determinante mais um elemento nominal nuclear) do inglês. Esses elementos são: *category* (cat), *maximality* (max), *configuration* (conf), *definiteness* (def) e *number* (num). O primeiro deles refere-se à categoria gramatical

a que pertence um determinado lexema, por exemplo, nome e determinante, no caso dos exemplos a seguir. O segundo está relacionado à possibilidade de um elemento ser um nominal máximo, ou seja, poder ocorrer como um argumento – sujeito ou objeto de um verbo ou, ainda, objeto de uma preposição. *Configuration* especifica se um elemento da língua é contável <ct> ou não contável <nct>. *Definiteness*, por sua vez, caracteriza elementos que se configuram como definidos (def<+>) ou indefinidos (def<->). Por fim, *number* está ligado à especificação dos elementos quanto ao número, isto é, singular ou plural, em que alguns determinantes têm valores de número marcados como num<sg> e outros como num<pl>. Vejamos, agora, alguns exemplos dados por Fillmore (2013).

(6) NOMES:

- a. dog: [cat<n>, max<->, config<ct>, lxm<dog>]
- b. water: [cat<n>, max< >, config<nct>, lxm<water>]

(7) DETERMINANTES:

- c. a: [cat<d>, def<->, config<ct>, num<sg>, lxm<a>]
- d. some: [cat<d>, def<->, config<nct>, num<sg>, lxm<some>]

A partir da observação das especificações em (6) e (7), é possível combinar os elementos em (6a) e (7c), e (6b) e (7d). Ao se observar o traço *configuration*, percebe-se que a combinação (6a) e (7d) ou (6b) e (7c) é inviável, visto que, enquanto (6a) é <ct>, (7d) é <nct>, o que também ocorre com (6b) e (7c), em que (6b) é <nct> e (7c), por sua vez, é <ct>. Esses valores demonstram que alguns determinantes são compatíveis, em inglês, apenas com certos tipos de nomes (FILLMORE, 2013).

A Figura 2 ilustra outra combinação entre um determinante e um nome, nesse caso o modificador *much* e o substantivo *snow*, do inglês, exemplo fornecido por Fried e Ostman (2004). Aqui, há correspondência de valores semânticos entres os dois em três atributos – cnfg (configuração), num (número), e *bounded* (delimitação), ou seja, ocorre a unificação desses valores, o que permite que a construção seja licenciada.

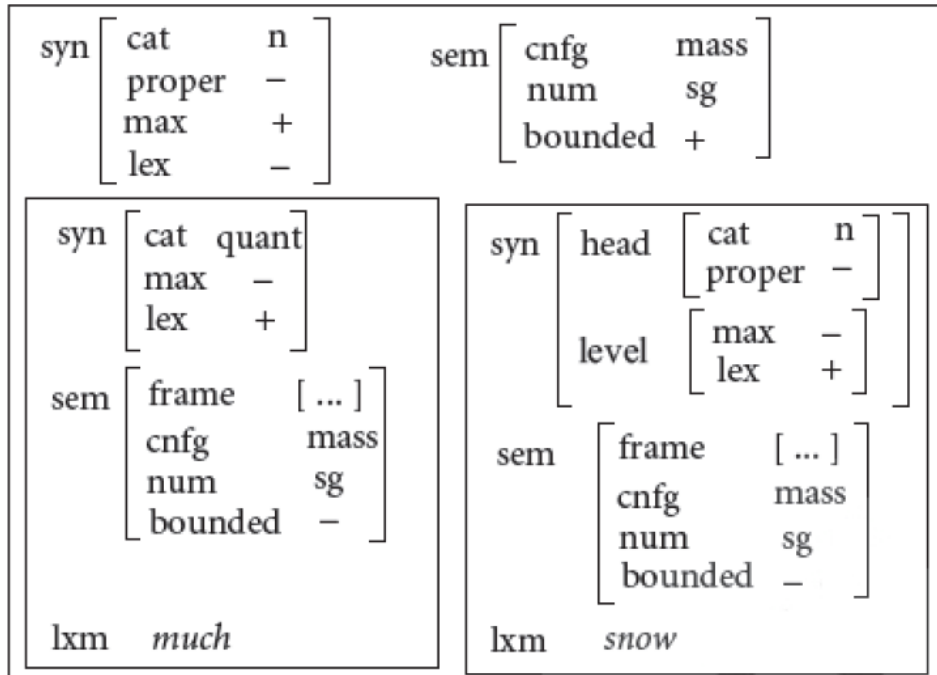


Figura 2: Combinação dos sintagmas *much* e *snow* do Inglês (FRIED & OSTMAN, 2004. p. 34)

Por outro lado, a Figura 3 demonstra a incompatibilidade de valores entre *much* e *book*, que resultou em falha ao tentar combinar esses dois elementos. Isso ocorre pois *\*much book* não constitui uma construto possível na língua inglesa, visto que os valores associados aos atributos configuração e delimitação para cada um dos elementos são conflitantes.

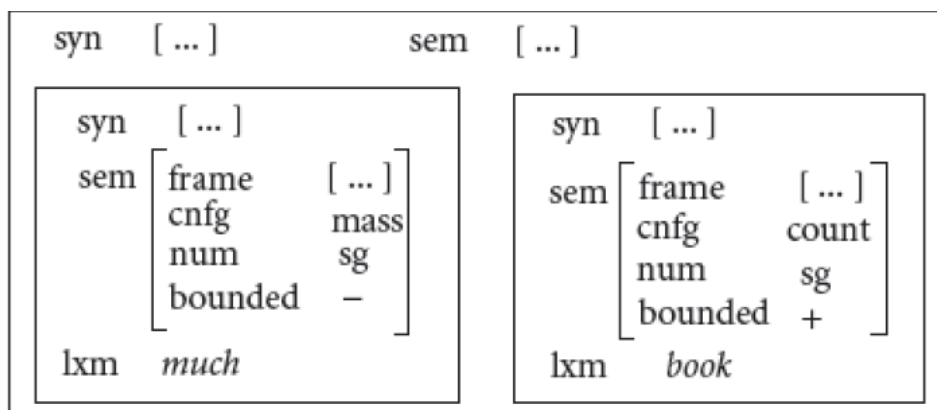


Figura 3: Combinação dos sintagmas *much* e *book* do Inglês (FRIED & OSTMAN, 2004. p. 35)

Outro aspecto relevante para a Gramática das Construções de Berkeley no tratamento construcional é a noção de valência. Segundo Fillmore (2013), a valência completa de um lexema conta com todos os valentes – semânticos e sintáticos – especificados em termos de papel semântico, função gramatical e tipo sintagmático.

Isso é importante uma vez que uma sentença não pode ter um tratamento construcional além do lexical se as partes que a compõem puderem ser definidas com base na valência de um item do léxico. Isso é justificado pelo fato de cada elemento que compõe a sentença, nesses casos, poder ser explicado com base no que se sabe sobre a valência do termo nuclear. Para exemplificar isso, tomemos o exemplo fornecido por Fillmore (2013), transcrito em (8).

(8) She loves me.

Na sentença em (8), é possível saber qual a função gramatical e o caso dos pronomes pessoais envolvidos, por exemplo. Nesse sentido, *she*, por preencher a posição de argumento externo, apresenta caso nominativo, enquanto *me*, por ocupar a posição de argumento interno, ligado diretamente ao verbo, apresenta caso acusativo. A interpretação semântica, por sua vez, conforme aponta Fillmore (2013), está ligada ao significado do verbo e às possibilidades referenciais dos argumentos. Desse modo, estruturas que podem ser definidas a partir da valência do termo nuclear não carecem da proposição de construções de nível argumental extras.

Os aspectos tratados até agora relativos à Gramática das Construções de Berkeley evidenciam que o formalismo presente nessa abordagem construcional tende a ser mais explícito. Isso faz com que frequentemente os trabalhos desenvolvidos sob essa perspectiva estejam mais relacionados à Linguística Computacional. No entanto, a contraparte semântica da análise não deixa de ser relevante. Ao relacionar padrões sintáticos e semânticos, são incorporadas a essa abordagem construcional as noções da Semântica de Frames (FILLMORE, 1982; FILLMORE & ATKINS, 1992). A relação existente entre a Semântica de Frames, a Linguística Computacional e a perspectiva formalista baseada em unificação desse modelo será relevante para a proposta de desenvolvimento de um recurso sintático online para as construções do Inglês – e, posteriormente, seguindo as mesmas concepções, de outras línguas, como o Português do Brasil. A esse recurso, denominado Constructicon, destinam-se as próximas seções.

## 1.2 O desenvolvimento de Constructicons

A FrameNet, projeto no qual se insere o Constructicon, desenvolveu-se, inicialmente, no International Computer Sciences Institute, em Berkeley, sob coordenação do professor Charles Fillmore, como um projeto lexicográfico computacional, baseado nos princípios da Semântica de Frames e amparado em evidências em corpora, com o intuito de descrever os fenômenos lexicais da língua inglesa (FILLMORE ET AL., 2003). Posteriormente, ela se expandiu para outros países, os quais desenvolveram trabalhos sob a mesma ótica para suas respectivas línguas. Assim, hoje, já existem trabalhos em espanhol, japonês, alemão, sueco, mandarim, francês, hebraico, coreano e em português do Brasil. Este se desenvolve na FrameNet Brasil, sediada na Universidade Federal de Juiz Fora.

O projeto lexical da FN – o Lexicon – refere-se a um recurso online que articula *frames* e Unidades Lexicais (ULs), entendidas como pareamentos entre o um lema e um *frame*. O embasamento da FN na Semântica de *Frames* é o que garante a grande relevância das análises no âmbito do projeto, uma vez que os *frames* relacionam-se com a experiência cultural dos indivíduos, permitindo, conseqüentemente, uma descrição que rompa os limites tradicionalmente propostos entre conhecimento de dicionário e de enciclopédia. Nesse contexto, as ações desenvolvidas no âmbito da FN constituem-se em: identificar e descrever *frames* (no caso da FN-Br, traduzir *frames* do Inglês e criar novos, adequando-os à realidade cultural do Brasil), analisar o significado das ULs a partir dos *frames* que elas evocam e as propriedades sintáticas delas para, assim, realizar a anotação com base no *frame* evocado e na análise sintática desenvolvida. Sobre o processo de anotação, trataremos mais adiante.

Como foi dito, a FN baseia-se nos conceitos da Semântica de *Frames*, a qual é, segundo Petruck (1996), “um programa de pesquisa em semântica empírica que enfatiza a continuidade entre linguagem e experiência” (p.1). Tal noção vai ao encontro do que propôs Fillmore (1977) ao afirmar que “os significados são relativizados às cenas”, o que demonstra que os significados apresentam uma estrutura interna organizada a partir de sua inserção em cenas estruturadas culturalmente, os *frames*. Estes são admitidos como sistemas de conceitos relacionados, de modo que, para entender um determinado conceito separadamente, é fundamental compreender o sistema no qual ele se insere como

um todo (Petrucci, 1996, p. 1). *Frames*, nesse sentido, podem ser definidos como uma idealização individualizada da percepção, da memória, da experiência, da ação ou de um objeto por parte do usuário da língua. Assim, o falante toma esses conceitos relativizados às cenas (*frames*) para compreender sentenças, elementos do léxico e mesmo as próprias situações cotidianas das quais participa. Como exemplo, analisemos a Figura 4.



Figura 4: Tirinha Dr.Pepper.com

O que causa humor na tirinha acima é o fato de a fala do personagem no segundo quadrinho ter sido interpretada denotativamente pelo outro personagem, resultando na ação inesperada do terceiro quadrinho. Isso ocorreu porque o verbo *chutar* pode apresentar dois significados distintos, que se enquadram em cenas conceptuais diferentes e estão relacionados à experiência de cada envolvido. Isso significa que o verbo em questão pode evocar dois frames distintos, o frame de *Cause\_motion*<sup>2</sup> e o frame de *Estimating*, cujas definições são apresentadas nas Figuras 5 e 6.

<sup>2</sup> Nesta dissertação, seguindo-se o padrão dos trabalhos desenvolvidos no âmbito das FrameNets, os nomes dos frames serão apresentados em fonte Courier, enquanto os FEs serão mostrados em VERSALETE.

## Cause\_motion

[Lexical Unit Index](#)

**Definition:**

An **Agent** causes a **Theme** to undergo translational motion. Although different members of the frame have different degrees of profiling of the trajectory, the motion may always be described with respect to a **Source**, **Path** and/or **Goal**. In contrast with Placing, the final state of motion is not universally profiled, although individual instances of an LU may emphasize the **Goal**. Some words in this frame do not emphasize the **Manner/Means** of causing the motion (transfer.v, move.v). For many of the others (cast.v, throw.v, chuck.v, etc.), the **Agent** has control of the **Theme** only at the **Source** of motion, and does not experience overall motion. For others (e.g. drag.v, push.v, shove.v, etc.) the **Agent** has control of the **Theme** throughout the motion; for these words, the **Theme** is resistant to motion due to some friction with the surface along which they move. (They thus differ from the words of the **Bringing** frame in that they are supported by this surface.)

Figura 5: Frame de Cause\_motion conforme constante da base de dados da FrameNet

## Estimating

[Lexical Unit Index](#)

**Definition:**

A **Cognizer** carries out an approximate calculation or considers some **Evidence** so as to arrive at an approximate **Value** for some **Feature** of an **Item**. There are two alternative construals. In one, the **Feature** is presented as a **Question** about the **Item** and the **Value** is conceived as an answer to the **Question**. In the second construal, a fully propositional **Estimation** by the **Cognizer** is presented which expresses the result of the **Cognizer**'s approximation.

Until 1971, dolphin mortality could be ESTIMATED only from analyses of vessels' logbooks -- and the figures are probably underestimates. CNI

The UK government ESTIMATES that there is sufficient gas in the UK sector to meet UK demand for some 17 to 35 years .

The astronomers ESTIMATED how much energy was needed to create the cavities by calculating the density, temperature and pressure of the hot gas.

The banner is ESTIMATED in value at \$500. CNI

When Congress passed the Medicare bill in late 2003, the Congressional Budget Office ESTIMATED its cost at \$395 billion over 10 years.

We estimated how much we had at around 12 thousand.

Figura 6: Frame de Estimating conforme constante da base de dados da FrameNet

Há, portanto, no caso da tirinha, duas Unidades Lexicais. A UL que evoca o frame de Cause\_motion traz uma cena em que um AGENTE leva um TEMA a se mover de um lugar a outro. A UL que evoca o frame de Estimating, por sua vez, carrega a ideia de um indivíduo que realiza um cálculo mental ou considera algumas provas a fim de chegar a um valor aproximado no que diz respeito a alguma característica de um elemento que está sendo avaliado. No que diz respeito à interpretação gerada no segundo quadrinho, nota-se que o frame acionado pelo personagem ao ouvir a frase “Chuta”, foi o de Cause\_motion, enquanto esperava-se que ele acionasse o frame de Estimating, uma vez que, inicialmente, no diálogo, ele tinha a intenção de saber o que o outro estava bebendo.

De acordo com Fillmore e Atikins (1992), teorias semânticas fundadas na noção de frames baseiam-se na ideia de que o significado das palavras pode ser



entendido apenas em relação a um contexto de experiência estruturado, que envolve crenças ou práticas sociais, o que constitui uma espécie de pré-requisito para o entendimento do significado. Assim, os falantes só são capazes de saber o significado de uma palavra se entendem primeiro os frames que motivam o conceito que tal palavra codifica. Na Semântica de Frames, portanto, palavras ou sentidos de palavras não se relacionam uns aos outros diretamente, mas ligam-se a partir do contexto em comum em que se inserem, de modo que sejam englobadas na definição de um mesmo frame (FILLMORE & ATIKINS, 1992, p.77)

Segundo os autores, a descrição da Semântica de Frames precisa ser integrada a uma teoria do Lexicon, dentro da qual informações semântica e gramatical são trazidas juntas, exatamente como é feito pela FrameNet. Cada item lexical ou sintagma individual, por sua vez, pode ser associado a uma descrição de valência, ou seja, uma descrição que especifica, tanto em termos semânticos quanto sintáticos, o que a expressão de seus constituintes e do contexto requer, e qual a contribuição de tal descrição para as estruturas que a contêm. O exemplo mais comum e mais claro envolvendo verbos relacionados semanticamente com diferentes valências emerge do domínio das Transações Comerciais.

[Lexical Unit Index](#)

## Commerce\_scenario

**Definition:**

Commerce is a situation in which a **Buyer** and a **Seller** have agreed upon an exchange of **Money** and **Goods** (possibly after a negotiation), and then perform the exchange, optionally carrying it out with various kinds of direct payment or financing or the giving of change. The **Seller** indicates their willingness to give the **Goods** in their possession to a **Buyer** who would give them some amount of **Money**. The **Seller** may have already decided on the amount of money that they would require, in which case it is called the Asking price. The **Buyer** also indicates their willingness to give an amount of money called an Offer to a **Seller** who would give them the **Goods**. Normally the process is begun by the **Seller**. The means by which the **Seller** indicates their wish to engage in an exchange are various, ranging from putting a price tag on an item on a store shelf, to advertizing, to communicating directly and specifically with a possible **Buyer**. In some cases, however, the process may be initiated by the **Buyer** indicating to a possible **Seller** that they would like to make an exchange.

**BUYER** beware.

Figura 7: Frame de *Commerce\_scenario* conforme constante da base de dados da FrameNet

Como se pode notar, as categorias deriváveis do frame de *Commerce\_scenario* que são necessárias para descrever os significados lexicais ligados a ele incluem, a princípio, o COMPRADOR (*BUYER*), o VENDEDOR (*SELLER*), a MERCADORIA (*GOODS*) e o DINHEIRO (*MONEY*), elementos envolvidos em qualquer

evento comercial. Observa-se que o frame acima, transcrito da base de dados da FN, traz uma definição genérica do cenário de Comércio, o que significa que não há, na definição dele, nenhuma noção de perspectiva. Esta, no entanto, altera-se a depender da Unidade Lexical – em geral, um verbo – em análise. Com a alteração de perspectiva, a função sintática de cada um dos elementos essenciais acima mencionados na sentença será alterada. Para compreendermos como isso ocorre, observemos os exemplos em (9) e (10).

(9) João **comprou** o carro de Pedro por 15.000.

(10) Pedro vendeu o carro para João por 15.000.

Na sentença (9), perspectivamos o COMPRADOR (no caso, João), o qual representa, gramaticalmente, o sujeito da sentença. O VENDEDOR é representado por Pedro, o qual pertence a um sintagma preposicional, introduzido pela preposição “de”, indicando que a MERCADORIA, o carro, estava, antes da movimentação comercial, sob a posse de Pedro, o VENDEDOR. Na sentença (10), por outro lado, perspectivamos o VENDEDOR, Pedro, que, nesse caso, passa a representar o sujeito da oração. O COMPRADOR, nessa ocasião, é parte de um sintagma preposicional, introduzido pela preposição “para”, o que indica o destino da MERCADORIA, o carro, após a transação comercial. O DINHEIRO gasto na troca (o que indica o valor da MERCADORIA), por fim, em ambos os casos, é representado também por um sintagma preposicional, iniciado pela preposição “por”. Seria perfeitamente possível, entretanto, omitir esse elemento, nas duas sentenças, uma vez que ele é opcional. Essas especificações podem ser melhor observadas na Tabela 1, proposta por Fillmore & Atkins (1992) para formalizar a valência semântica e sintática dos verbos que evocam o frame de Comércio.

|                    | BUYER<br>(Comprador) | SELLER<br>(Vendedor) | GOODS<br>(Mercadorias) | MONEY<br>(Dinheiro) |
|--------------------|----------------------|----------------------|------------------------|---------------------|
| BUY<br>(Comprar)   | Subj.                | (from) / (de)        | D-Obj                  | (for)               |
| SELL<br>(Vender)   | (to) / (para)        | Subj                 | D-Obj                  | (for)               |
| CHARGE<br>(Cobrar) | (I-Obj)              | Subj                 | (for) / (por)          | D-obj               |
| SPEND              | Subj                 | NULL                 | For/on                 | D-obj               |

|               |         |         |       |       |
|---------------|---------|---------|-------|-------|
| (Gastar)      |         |         |       |       |
| PAY (Pagar)   | Subj    | (I-Obj) | [for] | D-obj |
| PAY (Pagar)   | Subj    | (to)    | For   | D-obj |
| COST (Custar) | (I-Obj) | NULL    | Subj  | D-obj |

Tabela 1: Valência semântica e sintática de verbos do Frame de *Transação\_Comercial*

(adaptada de FILLMORE & ATIKINS, 1992)

Na Tabela 1, “Subj” rotula o sujeito do verbo em questão; “D-obj” significa objeto direto e “I-obj”, objeto indireto. A preposição indica que os elementos em questão podem ser representados por um sintagma preposicional. O sinal de parênteses indica que o elemento é opcional, enquanto os colchetes indicam possibilidade de omissão sob condições de anáfora “definida” (FILLMORE & ATIKINS, 1992, p. 79).

No trabalho de anotação lexicográfica, depois de identificado o frame evocado pela UL<sup>3</sup>, anotam-se os demais elementos da sentença em que a UL alvo encontra-se, classificando-os de acordo com as funções semântica e sintática que desempenham na sentença em questão. A contraparte semântica é representada pelos Elementos de Frame (FE), enquanto a contraparte sintática, ou formal, pelos Tipos Sintagmáticos (PT) e pelas Funções Gramaticais (GF).

Os Elementos de Frame representam os papéis semânticos específicos de um frame. Dessa maneira, são definidos de acordo com a característica de cada frame, o que indica que pode haver variação no número de FEs entre um frame e outro, bem como na quantidade de elementos nucleares e não-nucleares. Um FE nuclear faz parte da situação empírica que está caracterizando e define o frame de forma específica. Um FE não-nuclear, por sua vez, descreve aspectos relacionados aos eventos de forma mais geral, ou seja, fornece informações sobre a situação e os objetos, mas não é essencial para compreender a situação analisada, como ocorre no caso de um FE nuclear. Na Figura 8, podemos observar os FEs nucleares e não-nucleares que definem o frame de *Prender*, conforme consta na base de dados da FN-Br.

<sup>3</sup> Como foi mencionado acima, a FrameNet é um projeto lexicográfico baseado nos princípios da Semântica de Frames. Nesse sentido, o trabalho na FN centra-se na análise da relação entre ULs os *frames* que elas evocam. Assim, em casos em que um único lexema evoca dois frames diferentes, como foi visto no caso do *chutar* anteriormente, temos, na verdade, duas Unidades Lexicais diferentes. Busca-se, portanto, identificar os frames evocados, descrevê-los, analisar os significados das palavras que evocam tais frames e as propriedades sintáticas de tais palavras.

Primeiramente, na descrição de um *frame*, é proposta uma definição para ele, seguida dos Elementos de Frames (FEs), os quais são acompanhados de definições e, quando necessário, sentenças exemplo. Cada FE, independentemente de nuclear ou não-nuclear, é marcado com um fundo em cor distinta, a fim de facilitar a visualização na anotação. No que diz respeito à observação dos Elementos de Frame no frame acima, é possível notar que há três FEs nucleares – as ACUSAÇÕES, as AUTORIDADES, o CRIME e o SUSPEITO. O fato de tais elementos serem considerados centrais está relacionado à função essencial que eles desempenham na própria definição do frame, a qual é dependente desses dois elementos. Além disso, esses elementos são responsáveis pela evocação do frame. Os elementos não-nucleares, por outro lado, podem aparecer ou não a depender da estruturação da cena, visto que eles introduzem informação adicional, não sendo suficientes para caracterizar o frame (RUPPENHOFER ET AL., 2010). Desse modo, os elementos CO-PARTICIPANTE e FINALIDADE – como se pode ver na Figura 8 – podem não aparecer na sentença sem prejuízos para a compreensão do sentido da cena.

## Prender

[Lexical Unit Index](#)

### Definição [Definition]:

**Autoridades** acusam um **Suspeito** (as **Acusações**), que está sob suspeita de ter cometido um crime, e o levam sob custódia.  
A polícia **PRENDEU** Harry sob a acusação de homicídio culposo.

### Elementos de Frame [Frame Elements]:

#### Nuclear [Core]:

**Acusações [Charges]** As **Acusações** identificam uma categoria dentro do sistema jurídico, o crime pelo qual o **Suspeito** é acusado.  
A polícia **PRENDEU** Harry sob acusação de homicídio culposo.

**Autoridades [Authorities]** As **Autoridades** acusam o **Suspeito** de cometer um crime e o levam sob custódia.  
Semantic Type: Sentient  
A polícia **PRENDEU** Harry sob a acusação de homicídio culposo.

**Crime [Offense]** O **Crime** indica a razão pela a qual o **Suspeito** é preso.  
Eles prenderam o Harry por furto em loja.

**Suspeito [Suspect]** O **Suspeito** está preso sob suspeita de ter cometido um crime.  
A polícia **PRENDEU** Harry sob a acusação de homicídio culposo.

#### Não-Nucleares [Non-Core]:

**Co-participante [Co-participant]** Uma pessoa que participa do evento juntamente com as **Autoridades** ou com o **Suspeito**.  
Ela foi **PRESA** com o ministro da Fazenda, Javier Seledad.

**Finalidade [Purpose]** Este FE identifica a finalidade pela qual as **Autoridades** prendem um **Suspeito**.  
Semantic Type: State\_of\_affairs  
A polícia **PRENDEU** Harry para tirá-lo da rua.

Figura 8: Frame de Prender conforme constante da base de dados da FrameNet Brasil

Por outro lado, por serem fundamentais para a caracterização do frame, os FEs nucleares, quando não aparecem explícitos na sentença, devem ser anotados como Instanciações Nulas, sejam elas Definidas (DNI), Indefinidas (INI) ou

Construcionais (CNI). As DNIs são marcadas quando um FE está omitido na sentença, embora seja facilmente recuperável pelo contexto. A sentença (11) exemplifica a ocorrência de uma DNI, visto que é evidente que o que “O garoto” chutou para o “gol” foi a entidade “bola”. A INI – exemplificada em (12) –, por outro lado, é utilizada quando o FE omitido é um argumento implícito de certo verbo transitivo, comumente utilizado intransitivamente, como *comer*, *beber*, *cozinhar*. (cf FILLMORE ET AL., 2003, p. 245 e 246). Esses argumentos que podem estar implícitos geralmente especificam uma categoria, como um alimento ou uma bebida, no caso dos verbos acima. Já a CNI ocorre quando um elemento nuclear é omitido devido a uma especificidade construcional. Um exemplo são as sentenças na voz passiva, em que o Agente da Passiva é omitido, como ocorre no exemplo (13). Nesse caso, sabe-se que uma AUTORIDADE *prende* João, no entanto, esse FE não está explícito, tem-se, portanto, uma CNI marcando o FE AUTORIDADE.

(11) O garoto **chutou** pro gol.

(12) Tomás parou de **beber**.<sup>4</sup>

(13) João foi **preso**.

Na anotação lexicográfica, como já foi mencionado, além da análise dos aspectos semânticos do frame e da Unidade Lexical relacionada a ele, explícitos através da anotação dos Elementos de Frame, é importante analisar e anotar a contraparte sintática. Isso aponta para o que já foi dito acerca das construções, que abarcam não só padrões gramaticais e expressões idiomáticas, mas, inclusive, Unidades Lexicais, uma vez que estas são também pareamentos de forma e sentido. Tal caráter é notável, principalmente, através da anotação lexicográfica da FrameNet realizada em camadas, já que, em cada uma delas, é explicitado um tipo de informação – semântica e sintática / sentido e forma – através da anotação dos Elementos de Frames, dos Tipos Sintagmáticos e das Funções Gramaticais associados às ULs em análise.

---

<sup>4</sup> A descrição de valência básica do verbo *beber* exige a presença de um experienciador – o qual exerce a função de sujeito na estrutura sintática – e um conteúdo – este ocupando a posição sintática de objeto. No entanto, Bronzato (2010) apresenta uma análise de verbos como *beber*, que podem aparecer destransitivizados em alguns casos, ou seja, sem a presença do objeto, ou, especificamente no tangente a *beber*, do conteúdo. Nessas ocorrências, o verbo restringe a posição de objeto a elementos relativos a bebidas alcólicas, devido a uma relação com fatores culturais.

Como se pôde perceber, a FrameNet desenvolveu-se, inicialmente, como um projeto com foco em pesquisa lexical, na medida em que busca descobrir e descrever as propriedades semânticas e sintáticas das ULs (FILLMORE ET AL., 2012). No entanto, em dado momento analítico, percebeu-se que certas sentenças poderiam apresentar características particulares a depender da relação entre suas partes e que, assim, frames diferentes daqueles evocados pela Unidade Lexical separadamente poderiam ser evocados pela sentença como um todo. Dentre os casos que levaram a essa observação, destacam-se, principalmente, aqueles assumidos como mais periféricos na língua, conforme foi dito anteriormente.

Foi observado, portanto, que algumas sentenças apresentam organização sintática e semântica que não podem ser totalmente explicadas nos termos de estruturas já reconhecidas na base de dados da FN. Dessa maneira, segundo Fillmore et al (2012), a noção de unidade lexical como o alvo da análise se expande necessariamente para incluir objetos linguísticos que contenham mais de uma palavra, como os *phrasal verbs* do inglês; os padrões formados por preposição + nome – *sob prisão*, por exemplo –, ou por verbo + nome – como *pegar gripe*, o qual apresenta o sentido de contrair uma doença, e não o sentido prototípico atribuído ao verbo pegar –; além de expressões idiomáticas – como *bater as botas*.

Nesse sentido, chegou-se à conclusão de que uma abordagem baseada inteira e unicamente em análises lexicais não é suficiente por não abranger todos os dados linguísticos da língua em análise. Surgiu, assim, a necessidade de criação de um recurso sintático, nos moldes do que já vinha sendo desenvolvido para descrições lexicais: um Constructicon, baseado nos princípios das “gramáticas das construções”.

O objetivo de um Constructicon, portanto, é documentar a ampla gama de possibilidades sintáticas, semânticas e pragmáticas de uma língua específica – por exemplo, no que diz respeito à FN, do Inglês, e à FN-Br, do Português do Brasil (PB) –, através de anotação computacional de sentenças exemplo. Intenciona-se, desse modo, fazer com que tal recurso seja um mecanismo válido para ajudar no trabalho de pesquisadores na área de Linguística, bem como de professores de língua estrangeira, tradutores e pesquisadores que trabalham com Processamento de Linguagem Natural (NLP) e Inteligência Artificial (AI) (FILLMORE ET AL. 2012). Pensando nisso, a FN-Br busca, além de descrever construções do PB a fim de desenvolver o Constructicon brasileiro, compará-las àquelas já descritas pelo Inglês,

no intuito de encontrar padrões forma-função que sejam comuns às duas línguas, o que é, também, foco deste trabalho.

### 1.2.1 O Constructicon de Berkeley

Conforme foi dito acima, o Constructicon foi desenvolvido com o intuito de documentar as possibilidades sintáticas, semânticas e pragmáticas do Inglês através de uma ferramenta computacional online. Nesse sentido, busca-se descrever as características semânticas e sintáticas de cada construção e anotar sentenças exemplo de cada uma delas a fim de demonstrar essas características, usando basicamente as mesmas ferramentas usadas para o trabalho com o Lexicon (FILLMORE ET AL., 2012. p. 309). Assim, o procedimento de anotação, segundo Fillmore et al. (2012), parte do método de identificação e classificação de sintagmas – proposto para o trabalho lexicográfico –, mas, além disso, intenciona indicar as porções de língua que instanciam a construção em questão – a saber, o sintagma entre chaves { } em (14a); os segmentos desses trechos que são determinados pelas exigências da construção – por exemplo, os sintagmas entre colchetes [ ] em (14b); e os elementos do contexto cujas propriedades requerem uma instância da construção dada ou são selecionados por ela – como a preposição disposta fora das chaves em (14c).

- (14) a. They hired me at {four dollars an hour}  
 b. They hired me at {[four dollars] [an hour]}  
 c. They hired me [at] {[four dollars] [an hour]}

Uma construção é entendida, nesse recurso, como uma regra que licencia uma forma linguística potencialmente significativa, denominada construto. Um construto pode ser um morfema – por exemplo, o morfema formador de plural –, uma palavra, expressões idiomáticas e expressões de múltiplas palavras, além de padrões sintáticos abstratos – coordenação ou a estrutura de um sintagma nominal.

No exemplo (14) (*They hired me at four dollars an hour*), o construto é a porção de língua que instancia a construção *Rate.cost\_time – four dollars an hour* –, conforme consta no Constructicon da FN, representado na Figura 9.

**Rate.cost\_time**

Inherits from Rate.

- The **Rate.cost\_time** construction indicates rate of transfer of assets in terms of **Cost** for each period of (iterated) **Time**.  
 ex.: I am now going to have to pay [<sub>Cost</sub> **five pounds**] [<sub>Time</sub> **per day**] for these children. TRANSLATIONS
- **Cost(cos)**: **Cost** expresses amount of assets transferred for each period of (iterated) Time.  
 ex.: I am now going to have to pay [<sub>Cost</sub> **five pounds**] per day for these children. TRANSLATIONS
- **Time(tim)**: **Time** expresses the period of (iterated) time over which the amount of assets indicated by Cost are transferred.  
 ex.: I am now going to have to pay five pounds [<sub>Time</sub> **per day**] for these children. TRANSLATIONS

Figura 9: Construção *Rate.cost\_time* conforme constante da base de dados do Constructicon da FN

De acordo com a descrição acima, as porções entre colchetes separados são os denominados Elementos do Construto (CEs). Com base na descrição dessa construção específica acima, os elementos da sentença (14) [*four dollars*] e [*an hour*] equivalem, respectivamente, aos elementos *Cost* e *Time*.

Esse exemplo em (14) representa uma construção mais complexa. Apesar disso, como foi mencionado, todas as regras sintáticas, das mais básicas às idiomáticas, são consideradas construções. Contudo, o Constructicon de Berkeley – denominado *Beyond the Core* (BTC) – preocupou-se, inicialmente, com as construções gramaticais não-nucleares (*non-core*), ou seja, com aqueles padrões sintáticos considerados idiomáticos, os quais, em sua maioria, são negligenciados pelos trabalhos linguísticos. Sendo assim, buscou-se demonstrar a relevância de se estudar e descrever tais padrões construcionais, desenvolvendo um recurso gramatical amplo, incluindo todas as construções da língua.

Segundo Fillmore et al. (2012), as construções podem ser classificadas de acordo com os tipos de construtos que licenciam. Assim, eles listam as construções que precisam ser descritas em um Constructicon: construções evocadores de frame; construções de aumento de valência; construções sem significado; construções determinadas contextualmente; construções exocêntricas e sem núcleo; construções de alçamento e construções definidoras de orações.

As primeiras, **as construções evocadoras de frame**, são aquelas em que as expressões licenciadas evocam frames. Essas construções fazem a fronteira entre o Lexicon e o Constructicon, uma vez que os construtos agem da mesma forma que as Unidades Lexicais. Nesses casos, é mais explícita a noção de construção como pareamento entre forma e significado. Um exemplo do PB é a construção de *Dativo\_com\_Infinitivo*, representada pela sentença (15).



(15) Ana tem a {[passagem] [para ir ao Rio de Janeiro]}.

Em (15), nota-se que o construto {passagem para ir ao Rio de Janeiro} evoca o frame de Habilitação. Nesse sentido, o elemento [passagem] habilita o sujeito, no caso da sentença exemplo, Ana, a realizar a ação instanciada pelo sintagma verbal infinitivo introduzido pela preposição *para* [para ir ao Rio de Janeiro], – a qual indica a Finalidade do Recurso.

Um exemplo do inglês citado por Fillmore et al. (2012) são as construções *verb-way*, as quais evocam o frame de Movimento (Motion) e apresentam CEs relevantes para o movimento descrito. Uma das construções *verb-way* é apresentada na figura a seguir, conforme consta no Constructicon da FN<sup>5</sup>.

**Way\_neutral** NoColor NoTag ColorTag summary

Evokes the Motion frame.

- The verb *make* (or *wend*, or possibly a few others) takes a noun phrase *one's way* as an object, where *one's* is coindexed with *make's* external argument. The expression as a whole indicates motion, and the complex predicate takes motion-relevant complements (Source/Path/Goal, etc.). This construction is inherited by *Way\_manner* and *Way\_means*.  
 ex.: [the **She**] [<sub>man</sub> **carefully**] [<sub>mak</sub> **made**] [<sub>cee</sub> **her way**] [<sub>pat</sub> **through the cluttered room**] [<sub>goa</sub> **to the altar at the north end**].  
 TRANSLATIONS 1 2

---

- CEE(cee)**: The construction-evoking element is the noun phrase *one's way*, where *one* is coindexed to the **Theme**.  
 ex.: She carefully made [<sub>cee</sub> **her way**] from the main entrance through the cluttered room to the altar at the north end.  
 TRANSLATIONS 1 2
- Direction(dir)**: The direction that the **Theme** heads in during the motion.  
 ex.: She carefully made her way [<sub>dir</sub> **towards the altar**]. TRANSLATIONS 1 2
- Goal(goa)**: **Goal** is used for any expression which tells where the **Theme** ends up as a result of the motion.  
 ex.: She carefully made her way from the main entrance through the cluttered room [<sub>goa</sub> **to the altar at the north end**].  
 TRANSLATIONS 1 2

Figura 10: Construção *Way\_neutral* conforme constante da base de dados do Constructicon da FN

**As construções de aumento de valência** são aquelas em que a valência de um signo específico é ampliada. Um exemplo claro é a construção de Comparação, na qual um adjetivo ou um advérbio tem sua valência aumentada. Vejamos os exemplos em (16):

- (16) a. Stênio é alto.  
 b. Stênio é mais alto do que Rafael.

<sup>5</sup> Ao contrário do que se pode notar na descrição das construções pela FN, a FN-Br separa, na anotação, as contrapartes formal e funcional das construções. Assim, enquanto, na anotação da FN, os CEs se confundem com FEs, isso não ocorre na anotação da FN-Br. Dessa forma, temos, para a anotação de construções, FEs – aqueles referentes ao frame evocado pela construção – e CEs – relacionados aos elementos que caracterizam construção formalmente (cf. LAGE, 2013).

Na sentença (16a), o adjetivo alto apresenta apenas um argumento – Stênio. Em (16b), por outro lado, a inserção dos elementos [mais] e [do que Rafael] – o padrão em relação ao qual o Item anterior é comparado – aumenta a valência do referido adjetivo, o qual passa a contar com dois argumentos. É importante notar que devido ao fato de aumentar a valência, outro frame passa a ser evocado.

O terceiro tipo de construções descrito por Fillmore et al. (2012) são **as construções sem significado**. De acordo com a visão golbergiana, todas as construções são evocadores de frame, ou seja, todas as construções equivalem a um par forma-significado. No entanto, a visão da Gramática das Construções de Berkeley, adotada pelo projeto BTC, contraria essa proposta, uma vez que assume que existem construções que não evocam frames, ou seja, padrões construcionais puramente sintáticos, estabelecidos independentemente de aspectos de significado e de uso.

Fillmore et al. (2012) apresentam três situações em que é desnecessário associar significado a estruturas sintáticas. A primeira delas refere-se a padrões sintáticos com características formais precisas cuja interpretação depende da combinação de informações de seus constituintes de maneira regular. Isso pode ser exemplificado pelas construções de Complementação, Modificação e Predicação. Essas construções especificam, entre outras coisas, a ordem relativa dos elementos nas referidas estruturas, além das categorias sintáticas dos sintagmas gerados.

A segunda situação descrita por Fillmore et al. (2012) abrange as construções que determinam padrões sintáticos que podem ter interpretações distintas sob diferentes variações. Nesse sentido, têm-se construções mais específicas com semântica e pragmática próprias, mas com sintaxe determinada por uma construção mais genérica e abstrata. Exemplos que se enquadram nessa situação são as construções *Aux\_Initial* e *Filler\_Gap*. A primeira cria signos que podem servir como componentes de uma ampla variedade de construções específicas, uma vez que descreve a possibilidade de inversão do auxiliar, o que é bastante comum no Inglês, como se nota em (17a). Os sentidos que as construções mais específicas podem apresentar são relacionados, por exemplo, a perguntas, desejos, condições e exclamações. A segunda abrange construções que produzem expressões com sentido de interrogação, foco contrastivo, condicionalidade, entre outros, o que se pode observar em (17b).

(17) a. Do you have the tickets?

b. Should I forget this day.

Por último, há as construções que permitem a omissão de um constituinte de uma posição específica que poderia ser repetido na sentença. As construções do Inglês descritas no Constructicon da FN que se enquadram nessa definição são as de *Gapping*, *Shared-Completion* e *Stripping*. Segundo Fillmore et al. (2012), a interpretação das sentenças produzidas por tais construções implica restaurar e reestruturar cognitivamente os elementos omitidos na estrutura formada. A construção de *Gapping*, por exemplo, licencia uma estrutura coordenada na qual algum elemento verbal no primeiro conjunto é omitido nos conjuntos subsequentes, o que pode ser observado em (18a), em que, na segunda oração, há a omissão do verbo “adorar”. Na construção de *Shared\_completion*, exemplificada em (18b), há um elemento que é compartilhado por dois elementos dispostos em duas ou mais orações distintas, ligadas por um conectivo, em geral, uma conjunção. A construção de *Stripping*, por sua vez, licencia também uma estrutura de coordenação em que um fragmento é ligado a uma oração anterior por uma conjunção, e a interpretação do fragmento, em geral, é dependente dessa oração anterior, como se pode notar em (18c).

(18) a. Maria adora Pedro, e ele, ela.

b. Jonas estava familiarizado com e dependia de toda aquela situação.

c. Tomás geralmente vai à escola, mas nunca nas sextas-feiras.

**As construções determinadas contextualmente** referem-se às construções que criam expressões as quais têm requisitos contextuais que não são determinados pelo seu significado. A sentença (19) é um exemplo retirado da construção de *Uniqueness*. A descrição de tal construção pode ser visualizada na Figura 11.

**Uniqueness** NoColor NoTag ColorTag summary

Evokes the \*Uniqueness Frame.

- Uniqueness is a general construction from which several others inherit, including Superlative, *only*, *sole*, and ordinal numbers.
- A Unique\_entity is the only one to hold a particular position on a scale or have a particular Property or relation, among a Candidate\_set of other entities. Uniqueness allows for modification by Infinitival\_relative without modal meaning.

ex.: In general, the story is broke by [<sub>det</sub>the] [<sub>mar</sub>first] [<sub>ite</sub>journalist] [<sub>rel</sub>to arrive on the scene]. TRANSLATIONS 1 2

ex.: Mine was [<sub>det</sub>the] [<sub>mar</sub>only] [<sub>ite</sub>dog] [<sub>cite</sub>of his breed] [<sub>rel</sub>to be put in that category]. TRANSLATIONS 1 2

---

- **Comp\_set\_by\_item(cite)**: The **Comp\_set\_by\_item** identifies the set of entities that the **Item** is unique among.  
ex.: Mine was the only dog [<sub>cite</sub>of his breed] to be put in that category. TRANSLATIONS 1 2
- **Comp\_set\_by\_reln(crel)**: The **Comp\_set\_by\_reln** identifies the set of entities that the **Item** is unique among by indicating a relation to the members of that set.
- **Determiner(det)**: The **Determiner** in the Uniqueness construction always definite, but it is not licensed by the usual pragmatic means (e.g., possibility of the speaker and hearer determining the reference of the definite expression). Rather the fact that lexical material in the construction (the **Marker of uniqueness**) indicates uniqueness licenses definite marking.

Figura 11: Construção *Uniqueness* conforme constante da base de dados do Constructicon da FN

No exemplo (19), percebe-se que o nominal *journalist* (jornalista) ao ser modificado pelo adjetivo *first* (primeiro) passa a indicar a situação em que um determinado jornalista chegou à cena antes de outros possíveis jornalistas, e não apenas a noção de chegada de um jornalista qualquer à cena.

(19) In general, the story is broke by the first journalist to arrive on the scene.

**As construções exocêntricas e sem núcleo** são aquelas que licenciam estruturas com propriedades sintáticas não previsíveis a partir das propriedades de suas partes. Um exemplo são as construções que têm valor adverbial, mas são compostas a partir de núcleos nominais, como em (20)

(20) esta semana

Outro tipo de construções incluído no Constructicon, de acordo com Fillmore et al (2012), são as **construções de “bombeamento”**. Estas envolvem os construtos em que o signo mãe não é licenciado a partir da combinação de signos filha, mas de um único signo filha. Essas construções licenciam interpretações e restrições contextuais que não fazem parte originalmente do signo filha e que não alteram seus aspectos morfológicos e fonológicos. Por outro lado, essas construções são capazes de alterar a valência e a propriedade de nomes. Um exemplo é a alteração contável-incontável na construção *Meat-grinding* do inglês. Nessa construção, há nomes de animais que se referem a nomes de carnes, os quais são diferenciados a depender do determinante que acompanha o nome.

Assim, *a lamb*, sendo, devido à presença do artigo indefinido, contável, refere-se ao animal, enquanto *some lamb*, neste caso, incontável, refere-se à carne que é consumida como alimento. Apesar disso, com a presença do artigo definido *the*, a estrutura é ambígua entre as duas possibilidades, visto que os dois tipos podem ocorrer no singular com o artigo *the* (FILLMORE ET AL., 2012. p. 329).

Por último, **as construções definidoras de orações** referem-se às construções que abrangem construtos de todos os níveis de descrição gramatical: unidades lexicais, sintagmas máximos e não máximos e orações. São as construções mais genéricas e produtivas de uma língua, visto que são realizadas linguisticamente por uma ampla variedade de padrões.

Definidos os tipos de construções que devem constar em um Constructicon, Fillmore et al. (2012), apresentam as convenções notacionais usadas para as representações das construções analisadas no Constructicon. O signo mãe – o construto que licencia a construção como um todo – é apresentado entre chaves, enquanto os signos filhas – cada uma das partes que compõem o construto –, entre colchetes, conforme mostrado em (21).

(21) {M [D1 sign1] [D2 sign2]}

Com base nisso, para cada construção, a entrada no Constructicon incluirá:

- (i) uma fórmula em colchetes com nomes mnemônicos para constituintes mães e filhas;
- (ii) um nome mnemônico para a construção;
- (iii) uma descrição informal das propriedades do constituinte mãe;
- (iv) uma descrição informal de cada constituinte filha; e
- (v) uma interpretação de como as propriedades dos constituintes filha participam nas propriedades detalhadas do signo resultante em termos de sintaxe, semântica, pragmática e contexto (FILLMORE ET AL., 2012. P. 331).

A Figura 12 exemplifica tais especificações para a descrição da construção de *Rate*.

|                       |   |
|-----------------------|---|
| <b>Name</b>           | <b><i>Rate</i></b>                                  |
| <b>M</b>              | <b>NP</b>   |
| <b>D1</b>             | <b>Numerator. A Quantified NP.</b>                  |
| <b>D2</b>             | <b>Denominator. An indefinite singular NP.</b>      |
| <b>Interpretation</b> | <b>A ratio is built from numerator/denominator.</b> |

Figura 12: Descrição da construção de *Rate* (FILLMORE ET AL., 2012, p.331)

Atualmente, o Constructicon de Berkeley conta com a descrição de 73 padrões construcionais, sendo que 4 deles encontram-se ainda incompletos. Cada construção conta com definição de suas propriedades sintáticas e semânticas, e, na maioria dos casos, com algumas sentenças-exemplos anotadas. Do mesmo modo, os elementos componentes das construções são definidos e exemplificados. As relações de herança, quando presentes, são também demonstradas na descrição da construção. Para compreender como isso se processa, observemos a descrição da construção de Gapping mostrada na Figura 13, conforme ela é apresentada na base de dados da FN. Nota-se que, na segunda linha após a indicação do nome da construção, apresenta-se a informação de que tal construção tem uma relação de herança com a construção de Coordenação. Em seguida, é apresentada a definição da construção com referência aos elementos que a compõem, no caso do exemplo da Figura 13, os elementos *Before*, *After*, *Gapped\_portion*, *Conjunction* e *Punctuation*. Seguem-se a isso exemplos anotados dessa construção, como o transcrito da Figura 13 em (22):

(22) It is one of those places in which [Before perspectives] [Gapped\_portion are]  
[After restored] [Punctuation .] [Conjunction and] [Before anxieties] [After erased].

**Gapping** NoColor NoTag ColorTag summary

Inherits Coordination.

- The construction contains two or more conjuncts, which can be linked by a **Conjunction** (e.g. *and*). When there is a **Conjunction**, the normal conjunction rules apply.
- Each conjunct contains a **Before** and an **After**. All of the **Before**s correspond to each other semantically and all of the **After**s correspond to each other semantically.
- All conjuncts other than the final one can contain a **Gapped\_portion**, which directly follows the **Before** and directly precedes the **After**. The first conjunct must contain the **Gapped\_portion**. If multiple conjuncts contain the **Gapped\_portion**, it is the same in all of them.
- The **Gapped\_portion** can be omitted from all conjuncts other than the first one. It must be omitted from the final conjunct. If the **Gapped\_portion** is omitted then the **Before** directly precedes the **After** and the conjunct is interpreted as though the **Gapped\_portion** were present between the **Before** and the **After**.
- The conjuncts may be separated by **Punctuation**.
- It is one of those places in which [Before perspectives] [Gapped\_portion are] [After restored] [Punctuation .] [Conjunction and] [Before anxieties] [After erased].

Figura 13: Construção de *Gapping* conforme constante da base de dados do Constructicon da FN

Nesta dissertação, intencionamos também, demonstrar quais das construções listadas e descritas no Constructicon de Berkeley apresentam equivalentes no Português do Brasil e, com base nisso, incluir no Constructicon da FrameNet Brasil

tais construções com as adaptações que sejam necessárias no tangente ao PB. Tal empreendimento será tratado posteriormente.

Na seção a seguir, explicitamos o trabalho já realizado no âmbito do Constructicon da FrameNet Brasil e o objeto analítico de tal projeto.

### 1.2.2. O Constructicon da FrameNet Brasil

Para a implementação do Constructicon do PB, foi escolhida uma família de construções a qual já havia sido analisada e descrita com base nos pressupostos da gramática das construções: a família Para Infinitivo (TORRENT, 2009; LAGE, 2013). As construções que formam essa *família* compartilham a forma sintática [NP1 V AdjP/NP2 para (NP3) VINF] ou são relacionadas a ela através de links de herança. Todas as construções descritas em Torrent (2009) e Lage (2013) herdam propriedades da Construção Adjuntiva\_final\_infinitiva, a qual é caracterizada formalmente como [para (NP) VINF]. Essa construção recebe esse nome pelo fato de codificar a finalidade da construção à qual serve de adjunto. Note-se que o uso dos parênteses nas notações acima indica que o sujeito do verbo infinitivo pode vir explícito ou implícito, podendo, neste último caso, estar relacionado a algum elemento da cláusula núcleo.

No que tange à contraparte semântica, as construções dessa família evocam o frame de Finalidade ou algum outro frame a ele relacionado. Nesse sentido, todas as construções relacionam-se a “um esquema cognitivo de movimento em direção a um alvo”, este representado pela resultante desejada de uma determinada ação (TORRENT, 2009. p. 75).

O primeiro passo no trabalho de implementação do Constructicon do PB foi definir quais construções, dentre aquelas descritas por Torrent (2009), receberiam tratamento construcional e quais poderiam ser analisadas como padrões de valência. Para exemplificar como isso se processou, vamos considerar as construções Manipulativa e Dativo\_com\_infinitivo. De acordo com Torrent (2009), a primeira construção indica um Manipulador o qual faz com que um Manipulado seja levado a empreender uma determinada ação para alcançar uma Finalidade, como é possível notar no exemplo em (23).

(23) [MANIPULADOREla] pediu o [MANIPULADOirmão] [FINALIDADEpra comprar o pão].

Essa sentença quando anotada na FrameNet Brasil, tem o verbo *pedir* como UL alvo e, nesse contexto, esta evoca o frame de *Pedir* (*Request*). A definição de tal frame, conforme consta na base de dados da FN-Br, é mostrada na Figura 14.

[Lexical Unit Index](#)

## Pedir

**Definição [Definition]:**

Neste frame, um **Falante** pede alguma coisa a um **Destinatário** ou que ele realize alguma ação.

**O cliente EXIGIU o reembolso.**

**Eu IMPLOREI aos meus pais para eles me deixarem ficar acordado até tarde.**

**Elementos de Frame [Frame Elements]:**

**Nuclear [Core]:**

**Destinatário [Addressee]**      Neste Frame, o **Destinatário** pode ocorrer como um SN objeto (geralmente com uma oração complemento) ou como um SP complemento de verbos ou substantivos.  
 Semantic Type: Sentient      A criança **IMPLOROU a seus pais** para deixá-la ficar até tarde.

Eu **IMPLOREI ao motorista do ônibus** para me deixar ir sem pagar.

Eu fiz um **APELO aos pedestres** para me ajudarem.

**Falante [Speaker]**      O **Falante**, como em outros Frames de comunicação, é, geralmente, um Argumento Externo.  
 Semantic Type: Sentient      **O juiz ORDENOU** que o autor devolvesse o dinheiro.

Figura 14: Frame de *Pedir* conforme constante da base de dados da FrameNet Brasil

Assim, adotando-se as categorias analíticas do frame em questão, o exemplo (23) pode ser anotado como (23a).

(23a) [**Falante/Ext/NP Ela**] **PEDIU** [**Destinatário/DObj/NP o irmão**] [**Mensagem/DObj/NP pra comprar o pão**]

Torrent et al. (2014) mostram que, ao anotar sentenças com *pedir* em diferentes configurações sintáticas, é ainda possível anotar a sentença a partir do frame de *Pedir* (*Request*). Vejamos o exemplo (24) encontrado em Torrent et al (2014) e anotado segundo as notações do frame de *Pedir* acima.

(24) Por que [**Falante/Ext/NP a senhora**] não **PEDIU** [**Mensagem/DObj/NP uma carona**]?

A anotação das sentenças em (23) e (24) de acordo com o frame de *Pedir* indica que tais estruturas podem ser descritas com base em padrões de valência e anotadas segundo os princípios lexicográficos, não sendo necessário, portanto, de



acordo com Fillmore (2013), que se postule uma construção de estrutura argumental adicional no Constructicon.

Algo diferente, porém, foi observado ao se analisar a construção de *Dativo\_com\_infinitivo*, a qual é também foco desta dissertação. Essa construção, segundo Torrent (2009), caracteriza-se formalmente pela estrutura [(NP1) V NP2 para (NP3) VINF], em que o NP2 especifica um Recurso o qual possibilita o NP3, o qual representa um Beneficiário/Agente – que pode estar explícito ou não – a realizar a ação expressa pelo Verbo no infinitivo, introduzido pela preposição *para*. O exemplo (25) demonstra essa definição:

(25) [NP1Ana] tem [NP2/RECURSODinheiro] para [VINFcomprar as passagens].

Percebeu-se ao tratar da Construção de DCI que ela não poderia ser anotada com base em uma UL alvo. Isso ocorre uma vez que, considerando-se a UL *ter*, no exemplo acima, seria evocado o frame de *Posse*. No entanto, embora haja a noção de posse sobre o Recurso, a sentença como um todo tem um sentido mais específico, de *Habilitação*, o qual se mantém o mesmo independente do verbo utilizado. Assim, é possível que as sentenças (26) e (27), juntamente com a (25) sejam exemplos da Construção de DCI.

(26) Ana **comprou** as passagens para viajar.

(27) Ana **encontrou** o dinheiro para comprar as passagens.

A partir de análises dos padrões construcionais da Família Para Infinitivo, foram propostos três critérios os quais objetivam ajudar a equipe da FrameNet Brasil a decidir se um determinado elemento linguístico deve ser tratado computacionalmente como uma construção e analisado no Constructicon do PB. Segundo Lage (2013), esses critérios são formalizados como perguntas sim-não, seguidos por uma instrução a qual depende da resposta.

A primeira pergunta a ser feita é: **(i) Sendo X um material lexicalmente especificado, existe X na construção em potencial?** Se a resposta for não, a construção não poderá ser tratada lexicalmente e, portanto, deverá ser anotada no Constructicon. Se a resposta, por outro lado, for sim, deve-se seguir para o critério seguinte.

A pergunta a ser feita no segundo critério é: **(ii) Sendo F um *frame* e X um material lexicalmente especificado, X evoca F?** Obtendo uma resposta negativa, X deverá ser tratado como Construção e anotado no Constructicon. Se a resposta for positiva, entretanto, é necessário considerar a terceira e última pergunta, segundo a qual:

**(iii) Sendo F um *frame* e X um material lexicalmente especificado, X evoca F em outro padrão de valência?** Se, diante desse critério, a resposta for sim, isso indica que X é uma Unidade Lexical cuja valência é capaz de dar conta de todas as propriedades de ocorrência de X e de seu contexto linguístico imediato, assim, seguindo os pressupostos da Gramática das Construções de Berkeley, não se deve propor uma construção extra para o tratamento de X. Contudo, se a resposta for não, isso aponta para a existência de uma construção e a exigência de um tratamento construcional. Tal padrão, portanto, deverá ser anotado no Constructicon.

Ao analisar a construção Manipulativa, a resposta ao segundo critério é positiva. Constata-se, portanto, que X – no caso da construção em questão, verbos como *pedir* – é uma Unidade Lexical. Isso é provado pelo fato de a construção evocar o mesmo frame – *Pedir (Request)* – ainda que se altere sua estrutura sintática, conforme se pôde observar anteriormente. O mesmo ocorre com exemplo de Fillmore (2013) no tangente às especificações da Gramática das Construções de Berkeley. Fillmore apresenta a sentença *She loves me*, a qual explicitamos acima, a fim de mostrar que, nesse caso, a UL *love*, através de sua valência, já fornece toda a informação necessária sobre a sentença, não havendo, portanto, a necessidade de se postular uma construção extra.

Após definir o que deveria ser descrito como construção e, por conseguinte, anotado no Constructicon, partiu-se para o trabalho de definição de quais propriedades deveriam ser formalizadas e como isso se processaria. Para o Constructicon de Berkeley foi proposto que, quando uma construção evocar um determinado *frame*, os elementos do construto (CEs) irão coincidir com os FEs do referido *frame*.

Diferentemente, a FrameNet Brasil, para o Constructicon do PB, ao invés de definir os CEs como pareamentos de forma e significado, definiu-os como elementos formais apenas e, nas situações em que a construção evoca um frame, propôs a tarefa de mapear cada CE a um FE do frame evocado (TORRENT ET AL., 2014).

Retomando o exemplo em (25) e considerando a descrição da construção de *Dativo\_com\_infinitivo* na Figura 15 e do frame de *Habilitação* na Figura 16, vejamos como se dá esse procedimento:

**Dativo\_com\_infinitivo**

**Definição [Definition]**  
Um VP\_para\_inf indica um propósito cuja realização depende de um recurso codificado em um Núcleo nominal ao qual o VP\_para\_inf se liga. Dada a interpretação habilitativa dessa construção, o VP\_para\_inf não é interpretado como uma oração relativa infinitiva comum.

**Elementos da Construção [Construction Elements]**

**Núcleo[Head]** Nome que codifica um recurso empregado para a realização do propósito indicado pelo VP\_para\_inf.

**VP\_para\_inf[VP\_para\_inf]** Oração que indica o propósito cuja realização é habilitada pelo recurso codificado pelo Núcleo. A construção de Dativo com Infinitivo bloqueia a interpretação deste VP\_para\_inf como uma simples oração relativa.

Figura 15: Construção de *Dativo\_com\_infinitivo* conforme constante da base de dados do Constructicon da FN-Br

[Lexical Unit Index](#)

**Habilitação**

**Definição [Definition]:**  
Este frame se refere às situações nas quais um determinado **Recurso** habilita um **Agente** a alcançar uma determinada **Finalidade**. A **Finalidade** em questão pode ser uma quantia em dinheiro, um artefato, uma capacidade cognitiva, uma informação ou mesmo um ser vivo. Neste frame, também são anotadas as sentenças nas quais se enfoca a falta do **Recurso**.

**Elementos de Frame [Frame Elements]:**

**Nuclear [Core]:**

|  |  |
|--|--|
| <b>Agente [Agent]</b>                          | Pessoa ou grupo que busca alcançar a <b>Finalidade</b> .   |
| <small>Semantic Type: Sentient</small>         |  |
| <b>Finalidade [Purpose]</b>                    | Estado de coisas que se busca alcançar através do <b>Recurso</b> .   |
| <small>Semantic Type: State_of_affairs</small> |  |
| <b>Recurso [Resource]</b>                      | Este EF pode se referir a um valor, um bem, uma capacidade, uma informação ou uma pessoa que habilita o <b>Agente</b> a alcançar sua <b>Finalidade</b> . |

Figura 16: Frame de *Habilitação* conforme constante da base de dados da FrameNet-Br

Mapeando os FEs do frame de *Habilitação* com os CEs da DCI, poderíamos anotar a sentença (25a) da seguinte forma.

(25a) Ana tem [Núcleo/Recurso **dinheiro**] [VP\_para\_inf/Finalidade **para comprar as passagens**].

Como se percebe, o Núcleo codifica o FE Recurso no frame de *Habilitação*, e o VP\_para\_inf, o FE de Finalidade. Essa política de anotação empreendida pela FN-Br no Constructicon do PB evita a redundância de dados, uma vez que se torna desnecessária a duplicação dos sistemas conceptuais dos frames na base de dados construcional. Sobre a metodologia de anotação de construções na FrameNet Brasil, porém, trataremos mais a fundo no capítulo seguinte.

Atualmente, o Constructicon do PB conta com a descrição de 12 padrões construcionais, referentes à família Para Infinitivo, a saber: (i) Construção de Dativo com Infinitivo; (ii) Construção Modal Epistêmica; (iii) Construção Modal Deôntica; (iv) Construção de Propósito Qualificado; (v) Construção de *Gap* de Sujeito; (vi) Construção de *Gap* de Objeto; (vii) Construção de *Gap* de Adjunto; (viii) Construção Volitiva; (ix) Construção Manipulativa; (x) Construção de Tempo Iminente; e (xi) Construção de Aspecto Iterativo, além da (xii) construção Adjuntiva\_final\_infinitiva (LAGE, 2013).

O próximo passo, a fim de aumentar as descrições no Constructicon do PB, é analisar que construções do inglês – as quais se encontram na base de dados do Constructicon de Berkeley – apresentam equivalentes no PB, sejam eles totais ou parciais, e, por essa razão, podem ser descritas no Constructicon do PB com as devidas adaptações à língua. Descreveremos mais adiante as ações que estão sendo empreendidas nesse sentido, voltamo-nos antes, entretanto, à discussão do procedimento analítico de comparar construções de línguas distintas.

### 1.3 Análise Contrastiva de Construções

Segundo Boas (2010), as pesquisas construcionais entre línguas distintas tiveram início nos anos 90, em que se pôde verificar que as mesmas ferramentas e procedimentos analíticos propostos para o Inglês em trabalhos anteriores poderiam ser aplicados com sucesso para descrever, analisar e explicar diversos fenômenos linguísticos em uma variedade de línguas (BOAS, 2010, p.4).

Para os trabalhos contrastivos entre línguas, Boas (2010) sugere uma abordagem que vise a comparar e contrastar construções entre pares de línguas. Essa abordagem – denominada *bottom-up* – contraria as teorias sintáticas formais, as quais se propõem a identificar princípios descritivos específicos que podem ser empregados em línguas diferentes. Segundo Boas (2010), obter generalizações universais ocorreria apenas se fosse possível, em uma situação idealizada, obter uma análise que demonstrasse como todas as línguas codificam função e significado na forma linguística. Essa proposta não funcionaria para análises contrastivas, visto que subfocalizaria certas especificadas de cada língua que poderiam ser bastante relevantes para a descrição, visto que, de acordo com

Bäckström et al (2014), construções são, de certa forma, mais ou menos específicas de cada língua.

Outras propostas contrastivas são apresentadas por Boas (2010) e, dentre elas, destaca-se o trabalho realizado pela FrameNet com base na Semântica de Frames. Para o propósito de se fazer comparações e generalizações entre línguas, essa abordagem é bastante útil, já que estuda as propriedades sintáticas das palavras e, com base nisso, verifica suas propriedades semânticas. Segundo Boas (2010), a análise com base na Semântica de Frames garante duas vantagens no que diz respeito a análises contrastivas. A primeira refere-se ao fato de ser possível comparar as Unidades Lexicais de cada língua a partir da estruturação dos Lexicons das línguas em termos de domínios e frames. A segunda diz respeito à característica de cada frame sintático expressar um aspecto específico do significado de uma Unidade Lexical que pode ser considerado como uma construção gramatical. Tais considerações foram feitas, inicialmente, para análises lexicais, mas como apontado anteriormente neste trabalho, foram ampliadas para o tratamento de construções.

A abordagem da Semântica de Frames, em que se compara primeiro a parte semântica para, a partir disso, contrastar a contraparte sintática, opõe-se aos estudos formalistas tradicionais, os quais propõem que construções identificadas como semelhantes no que tange à forma tendem a apresentar sentido semelhante. Essas análises partem, portanto, de uma observação formal para o desenvolvimento de análises do significado. Contudo, nota-se que a semelhança formal nem sempre é capaz de garantir proximidade semântica. Por essa razão, a proposta de Boas (2010), consoante com a da Semântica de Frames, configura-se em considerar primeiramente o polo do significado como a base primária para comparações de construções entre línguas, enquanto o polo da forma seria então secundário (BOAS, 2010, p. 15).

Apesar disso, Bäckström et al (2014) reforça que equivalência entre construções pressupõe não só similaridade semântica, mas inclusive, um grau de similaridade estrutural. Desse modo, também conforme Bäckström et al (2014), comparações entre línguas devem levar em consideração a estrutura interna das construções. Assim, é possível dizer, por exemplo, que a descrição semântica de uma construção do Inglês pode ser considerada como um primeiro passo para

comparar e contrastar propriedades formais de contrapartes construcionais em outras línguas, como o que se propõe neste trabalho mais adiante.

Por fim, é importante ressaltar, de acordo com Boas (2010), alguns apontamentos importantes da metodologia contrastiva para a Gramática das Construções: (i) construções são ferramentas analíticas e descritivas viáveis para comparações entre línguas que tornam possíveis capturar tanto propriedades específicas de cada língua (idiossincrasias) quanto generalizações entre elas; (ii) construções permitem aos linguistas fazer generalizações entre línguas em variados níveis de granularidade, além de permitir que cheguem a resultados envolvendo todos os níveis da estrutura gramatical entre as línguas e (iii) a relação entre significado e forma pode ser restringida por diferenças tipológicas entre línguas (BOAS, 2010, p. 15).

## 2 METODOLOGIA

### 2.1 O Processo de Anotação de Construções na FrameNet Brasil

A FrameNet Brasil, para as tarefas que se propõe desenvolver, possui três métodos de anotação: o lexicográfico, o de texto corrido e o de construções, os quais serão utilizados em diferentes análises a depender do objetivo de trabalho. Todos os três métodos são realizados com auxílio de uma ferramenta computacional, o FrameNet-Br Desktop. No FN-Br Desktop, incluem-se os *corpora* para se iniciar o processo de anotação conforme a metodologia da FrameNet (RUPPENHOFER et al., 2010).

Na anotação lexicográfica, define-se, inicialmente, uma UL alvo, a qual será o centro da anotação. Em seguida, verifica-se qual é o frame evocado por tal UL e parte-se para a análise das relações estabelecidas entre a UL e seu contexto sintático imediato, no qual se instanciam os elementos desse frame. A anotação se modifica a depender do frame evocado pela UL, uma vez que diferentes papéis são atribuídos aos constituintes das sentenças, conforme o frame que a UL evoca. Para compreender, observemos os exemplos (28) e (29).

(28) João **ganhou** um presente do irmão.

(29) Eles **ganharam** o jogo.

Observa-se que, formalmente, temos formas vocabulares de um mesmo lexema nas duas sentenças. Entretanto, na sentença (28) o significado subjacente ao lexema **ganhar** é o de receber algo de alguém, que equivale ao frame de *Ganhar (Getting)*, enquanto na (29), é o de conquistar uma vitória em uma competição, o que corresponde ao frame de *Terminar\_competição (Finish\_competition)*. Percebe-se, com isso, que temos ULs diferentes, visto que a primeira evoca, nessa valência, um determinado frame e a segunda, outro. Assim, quando uma mesma forma linguística evoca frames diferentes, temos também Unidades Lexicais diferentes, que terão relações distintas, mapeando papéis semânticos e sintáticos diferentes aos elementos com os quais interagem.

Estabelecida a UL e o frame evocado, e verificados os FEs relativos a ela, iniciam-se os procedimentos de anotação. A anotação lexicográfica, de acordo com

o que é exposto no Book (RUPPNHOFER et al., 2010), é feita em camadas, divididas em: Elemento de Frame (FE), Função Gramatical (GF) e Tipo Sintagmático (PT). Na primeira delas, anotam-se os elementos da sentença conforme os papéis semânticos desempenhados em relação à UL. Assim, etiqueta-se tal elemento, o qual fica marcado com a cor estabelecida para o FE na descrição do *frame*. Na segunda camada, são etiquetadas as funções gramaticais desempenhadas por cada constituinte na sentença em questão. Esse procedimento se dá com base nas seguintes categorias: externo (Ext) – a qual especifica o elemento que apresenta função de sujeito na sentença –, objeto direto (DObj), objeto indireto (IndObj), dependente (Dep) – destinada a marcar elementos que funcionam como adjuntos, agentes da passiva, predicativos, oblíquos e complementos nominais –, aposto e núcleo. Por sua vez, a terceira camada anota que tipo de sintagma representa cada um dos constituintes na sentença em questão. Assim, se o núcleo do constituinte é expresso por um nome, tem-se um sintagma nominal (NP), por outro lado, se for um verbo, tem-se um sintagma verbal (VP) (TORRENT & ELLSWORTH, 2013). Para exemplificar, vejamos a Figura 17. Nela, é demonstrada a anotação lexical no FrameNet Desktop da UL *pedir*, a qual evoca o frame de *Pedir*. Note-se que cada FE é marcado por uma cor específica, assim como cada uma das funções gramaticais e dos tipos sintagmáticos, conforme explicado anteriormente.

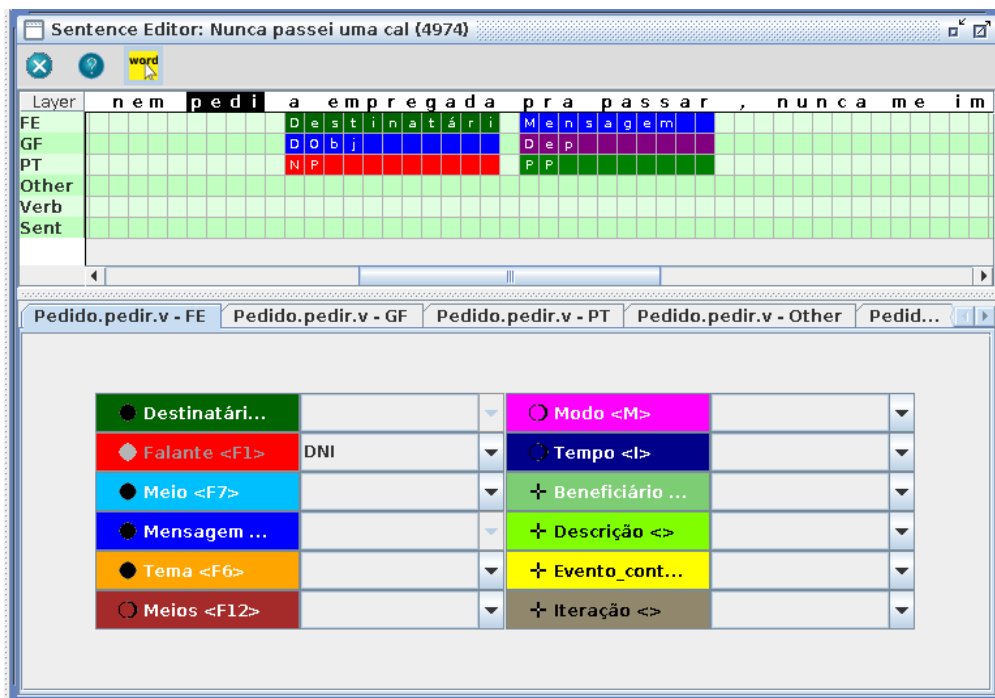


Figura 17: Tela de anotação lexical no FrameNet Desktop



Na anotação de texto corrido, não há a seleção de uma UL específica para a anotação. Parte-se de um texto e anotam-se todas as ULs que aparecem nele. Dessa maneira, não há um *frame* específico que direciona a anotação, mas vários, uma vez que, como se busca anotar todos os elementos das sentenças que compõem um texto, serão várias ULs a serem anotadas e, conseqüentemente, também serão numerosos os frames. Excetuando-se essa peculiaridade, a anotação se processa como ocorre na anotação lexical. A Figura 18 é um exemplo da anotação de texto corrido por meio do FrameNet Desktop. É interessante observar que o texto escolhido para anotação é disposto em linhas, as quais são devidamente numeradas. Assim, a anotação é feita com uma linha de cada vez.

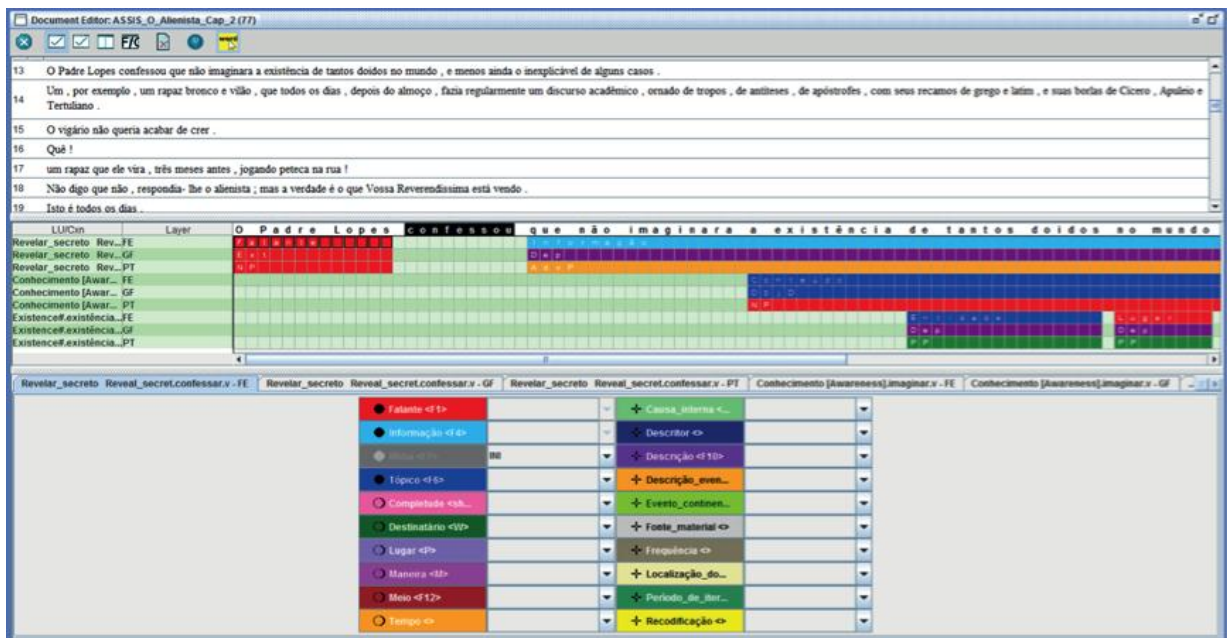


Figura 18: Tela de anotação de texto corrido no FrameNet Desktop

Trataremos, agora, da anotação de construções especificamente, a qual tende a ser, para este trabalho em especial, de maior relevância. Em geral, a anotação construcional é bastante semelhante à lexical, uma vez que em ambas parte-se de um elemento alvo para depois se buscar o frame evocado por tal elemento. A diferença, no entanto, centra-se no fato de que, na anotação construcional, o que é anotado são as propriedades de um construto, enquanto na anotação lexical, anotam-se as propriedades de uma UL.

Os procedimentos de anotação seguem a mesma metodologia da FN para o tratamento lexical, já que a anotação é também realizada em camadas, as quais são



## 2.1. Testes de Julgamento de Similaridade Semântica

Com a finalidade de verificar as hipóteses levantadas nos casos em que sentenças com o mesmo padrão da Construção de Dativo com Infinitivo apresentam semântica distinta no PB, e fornecer evidência quantitativa para sustentá-las, foram desenvolvidos testes de julgamento de similaridade semântica por meio de uma pesquisa virtual, criada e aplicada através do *site* da Internet *Survey Monkey*.<sup>6</sup> Este é um software que disponibiliza ferramentas de desenvolvimento de pesquisas, coleta e análise de dados online. Nesse sentido, esses testes foram propostos com o objetivo de verificar se as várias sentenças inicialmente coletadas como exemplares da construção de DCI compartilham restrições sintáticas ou mesmo se é possível agrupá-las em subconstruções diferentes com base em alguma correlação de restrições formais e peculiaridades semânticas.

Para esta pesquisa, foi elaborado um questionário contendo 60 questões. Para cada questão, foi apresentada uma sentença de referência, seguida de outras cinco sentenças, sendo estas possíveis paráfrases da primeira. Nesse sentido, foram incluídas no questionário aquelas sentenças que possuem o sentido prototípico da DCI, de habilitação, e aquelas em que foi evidenciada semântica distinta, relacionada à obrigação. As sentenças alvo que contêm o padrão da construção de DCI foram retiradas de *corpora* previamente selecionados por Torrent (2009) e adaptadas de modo que todas pudessem ter aproximadamente o mesmo tamanho, a fim de que a estrutura da sentença não interferisse no julgamento dos falantes.

As paráfrases para cada uma das sentenças de referência foram elaboradas através de cinco estratégias. A primeira refere-se à clivagem, em que se focaliza, no início da frase, o elemento ao qual se intenciona dar maior relevância. No caso das sentenças do questionário, focalizou-se o elemento relativo ao Recurso, como se pode observar no exemplo contido na Figura 20. A segunda paráfrase foi formada por sentenças sem sentido, em que a sentença alvo foi alterada de modo a não ter um significado plausível. A terceira estratégia utilizada foi a inversão, em que a relativa *Para\_Infinitivo* foi deslocada para o início da sentença, alterando a ordem padrão. Foi utilizada, ainda, a alteração da preposição *para* por *de*, e, por fim, uma

---

<sup>6</sup> <http://www.surveymonkey.com>

mudança na cláusula relativa introduzida por *para* por uma relativa comum, iniciada por *que*. Essas cinco estratégias, respectivamente, já aplicadas a paráfrases no questionário, podem ser visualizadas na Figura 20.

| <b>2. Nós não temos recurso pra fazer isso.</b> |  | 1                     | 2                     | 3                     | 4                     | 5                     | 6                     | 7                     |
|---|--|-----------------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|
| É recurso que nós não temos pra fazer isso.     |  | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> |
| Recurso pra fazer isso não nos tem.             |  | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> |
| Pra fazer isso, nós não temos recurso.          |  | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> |
| Nós não temos recurso de fazer isso.            |  | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> |
| Nós não temos recurso que faz isso.             |  | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> |

Figura 20: Recorte do questionário aplicado

Com base nessas estratégias, o objetivo foi fazer com que cada participante avaliasse em que medida essas sentenças podem ser boas alternativas para a sentença inicial, representando o mínimo possível de alterações com relação ao significado original. Desse modo, os participantes utilizaram uma escala de 1 a 7, em que 1 equivale a dizer que "A SENTENÇA EM ANÁLISE É UMA PÉSSIMA ALTERNATIVA PARA A SENTENÇA DE REFERÊNCIA" e 7 significa que a "A SENTENÇA EM ANÁLISE É UMA ÓTIMA ALTERNATIVA PARA A SENTENÇA DE REFERÊNCIA". Assim, quanto maior a semelhança entre os significados da sentença de referência e a sentença alternativa, maior deveria ser a nota do participante na escala, já quanto mais diferentes forem os significados, menor seria a nota dada.

Dentre as 60 sentenças selecionadas, apenas 20 compartilham o esquema [[NÚCLEO][VP\_PARA\_INF]], enquanto as outras são tomadas como distratores. O objetivo destas é, segundo Torrent (2009), controlar o efeito de *priming*, ou seja, evitar que o falante, por ser bastante exposto ao padrão pesquisado, passe a considerar todas as sentenças analisadas como boas, ou "normais". Por essa razão, incluímos no teste o dobro de questões distratoras, com a intenção de minimizar as possibilidades de uma associação nesse sentido pelo participante. Outra estratégia consistiu em apresentar as alternativas contendo as paráfrases de forma aleatória. Com isso, evitamos a repetição da ordem das alterações na estrutura da sentença de referência entre as sentenças alternativas, o que, por sua vez, não permite que o

participante crie um padrão de escalonamento das alternativas. Evitamos, ainda, sentenças que possam ter interpretação negativa e com temas polêmicos, pelo conteúdo que pode ser evocado na mente do falante, influenciando a análise e as respostas dele ao questionário.

A pesquisa contou com 50 participantes. No entanto, apenas 45 voluntários responderam ao questionário por completo, o que fez com que considerássemos apenas as respostas destes e descartássemos as dos demais participantes. Para critério de inclusão, todos os participantes deveriam estar cursando o Ensino Superior ou Técnico em curso diferente ao de Letras. Desse modo, não poderiam responder ao questionário alunos que ainda estivesse cursando o Ensino Médio ou alunos do curso de Letras. Esse último critério de exclusão foi definido no intuito de evitar que o participante tivesse qualquer influência prévia na resposta do questionário.

### 3 ANÁLISE CONTRASTIVA ENTRE OS CONSTRUCTICONS DO INGLÊS E DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

#### 3.1 Panorama Contrastivo

A primeira atividade analítica consistiu na realização de um levantamento das construções do inglês, descritas no Constructicon de Berkeley, verificando possíveis equivalências entre elas e as construções do PB. A proposta desse tipo análise está de acordo com a estratégia *bottom-up* proposta por Boas (2010), segundo a qual, para se chegar a propor generalizações no que tange a estudos construcionais contrastivos, deve-se partir da comparação entre pares de línguas. Assim, tendo como objetivo maior a implementação de um Constructicon Multilíngue, partir de uma análise *bottom-up* pode acelerar tal empreendimento, uma vez que, considerando o que aponta Boas (2010), muitos trabalhos têm sido realizados contrastando construções do Inglês com outras línguas. Um exemplo é o que vem sendo feito para o sueco no âmbito da Swedish FrameNet++ (BÄCKSTRÖM ET AL, 2014). Isso é justificado, ainda de acordo com Boas (2010), pelo fato de um grande conjunto de análises construcionais ter se baseado primeiramente no Inglês e, com isso, haver uma gama maior de resultados a serem considerados ao se contrastar com outras línguas.

Assim, levando em consideração as análises que já haviam sido empreendidas para o Inglês separadamente no âmbito do Constructicon de Berkeley e comparando as propriedades semânticas, sintáticas e os exemplos com possibilidades em PB, separamos as construções do Inglês em três grupos distintos: (A) construções que parecem ter equivalência muito próxima, (B) construções que possuem equivalência parcial e (C) construções que, a princípio, não apresentam nenhuma equivalência. Das 74 construções do inglês descritas no Constructicon de Berkeley, apenas 69 foram aproveitadas para este estudo, uma vez que as 5 descartadas contam com descrição incompleta, não tendo, portanto, material suficiente para contrastá-las com o PB. Dessas 69 consideradas, 47 parecem apresentar equivalência no PB, enquanto, aparentemente, 11 não apresentam estruturas semelhantes, diferindo das 11 construções que demonstram ter uma equivalência parcial. A Tabela 2 traz a especificação das construções enquadradas no grupo (A).













As construções do Inglês encontradas no Constructicon de Berkeley que, aparentemente, demonstram ter equivalência parcial com as do PB são aquelas que, embora possuam semelhança com as do Português, principalmente no que diz respeito à semântica, apresentam algumas distinções expressivas, em sua maioria, sintáticas.

A primeira construção desse grupo é a **Be\_recip**. Essa construção representa uma relação pessoal recíproca entre dois indivíduos. Para tanto, é formada por um núcleo nominal (**Head\_noun**) o qual indica que tipo de relação é essa. Esse núcleo nominal pode ser modificado por um **Modificador**, desde que este caracterize a relação especificada pelo nome. Nesse sentido, pode-se ter algo como *good friends* (bons amigos), mas não *rich friends* (ricos amigos).

Essa construção ainda apresenta duas possibilidades de valência: assimétrica e simétrica. A valência assimétrica é aquela em que a primeira parte da relação recíproca é o argumento externo da sentença (**Individual\_1**) e a segunda (**Individual\_2**), um sintagma preposicional introduzido pela preposição *with* – *PPwith*. Vejamos um exemplo em (30)

- (30) **Anna** are **good friends** [*PP-with* with **Sara**].  
 Anna são boas amigas com Sara.

Na valência simétrica, por sua vez, todas as partes envolvidas na relação recíproca (**Individuals**) são expressas no argumento externo da sentença, conforme se observa no exemplo em (31):

- (31) **Anna and Sara** are **good friends**.  
 Anna e Sara são boas amigas.

Essa ocorrência com a valência simétrica, em que os indivíduos que mantêm alguma relação recíproca ocupam a posição de argumento externo juntos, é bastante comum em PB. Apesar disso, ainda que uma estrutura semelhante àquela proposta para a valência assimétrica da construção do Inglês seja possível em Português, ela apresenta algumas distinções tanto sintáticas quanto semânticas. Em PB, teríamos algo como mostrado em (32).

(32) Ana é uma boa amiga da Sara.

Nessa sentença, temos o primeiro indivíduo seguido pelo núcleo nominal e pelo segundo indivíduo introduzido pela preposição *de*. A primeira diferença, portanto, centra-se na preposição – em Inglês, a relação de reciprocidade é marcada pela preposição *with* (com). Além disso, a preposição *de* não permite a mesma interpretação semântica em PB que a *with* permite em inglês. Com a preposição *de*, pode-se fazer uma leitura que não implica reciprocidade. Assim, Ana pode ser boa amiga de Sara, mas não necessariamente Sara será boa amiga de Ana. Por essas razões, é relevante considerar, ao menos inicialmente, essa construção do Inglês como tendo uma equivalência parcial em Português.

A segunda construção que compõe o Grupo (B) é a **Open\_interrogative.non-subject**. Nessa construção, temos um pronome interrogativo do inglês – como *who*, *where*, *what* – o qual antecede a inversão do sujeito e do verbo auxiliar. Por essa razão, essa construção conta com dois elementos construcionais: **Interrogative\_phrase** e **Inversion**, os quais podem ser visualizados na anotação do exemplo (33).

- |         |              |              |                  |                     |              |
|---------|--------------|--------------|------------------|---------------------|--------------|
| (33) a. | <b>How</b>   | <b>is</b>    | <b>infection</b> | <b>transmitted?</b> |              |
|         | Como         | é            | infecção         | transmitida?        |              |
| b.      | <b>Where</b> | <b>could</b> | <b>she</b>       | <b>be?</b>          |              |
|         | Onde         | poderia      | ela              | estar?              |              |
| c.      | <b>What</b>  | <b>am</b>    | <b>I</b>         | <b>doing</b>        | <b>here?</b> |
|         | O que        | estou eu     | fazendo          | aqui?               |              |

No PB, na formação de interrogativas, há a presença do pronome interrogativo posicionado no início da sentença, antecedendo todo o restante da informação, assim como no Inglês. A diferença entre as duas línguas, nesse caso, que impede que consideremos que haja uma equivalência total, centra-se no fato de que no PB não é comum a ocorrência da inversão do verbo auxiliar sozinho na formação da interrogativa. Ao contrário do que há no Inglês, a inversão ocorre apenas no que tange ao pronome interrogativo, o qual é alçado para o início da sentença, como é possível perceber no exemplo em (34a-b).

- (34) a. A infecção é transmitida como?  
b. Como a infecção é transmitida?

No entanto, no que se refere ao exemplo em (34b), é possível em PB inverter o auxiliar desde que ele esteja acompanhado do verbo principal no particípio. Vejamos o exemplo em (35).

- (35) Como é **transmitida** a infecção?

Apesar disso, essa característica não é comum a todas as sentenças interrogativas do PB e, portanto, não é possível considerar que tenhamos um construção exatamente equivalente a essa do Inglês no PB.

A terceira construção incluída nesse grupo é a **Postpositive adjective**, em que um Nome (**Noun**) é modificado por um Sintagma Adjetival (**Adjective phrase**), o qual aparece, na sentença, posicionado logo após o Nome. Em Inglês, essa construção ocorre apenas com alguns adjetivos específicos e pela maioria dos adjetivos acompanhados por complementos ou por aqueles que requerem um complemento obrigatoriamente. A sentença em (36) permite que visualizemos melhor essa explicação:

- (36) **Applicants**      **unable to do the tests**      will be eliminated.  
Candidatos      incapazes de fazer as provas      serão eliminados.

A descrição dessa construção é importante, uma vez que em Inglês a ordem padrão para adjetivos é Adjetivo-Nome, e não o inverso. No PB, por sua vez, a ordem padrão é Nome-Adjetivo. A relevância para o PB, portanto, é a descrição daqueles casos em que a ordem inversa é requerida. Como a descrição dessa construção do Inglês no Constructicon de Berkeley ocorre justamente pelo fato de ela ser um caso periférico na língua, não é possível considerar sua equivalência total com o PB, já que a situação periférica no PB é o oposto do que essa construção propõe.

A quarta construção do Inglês analisada como tendo correspondência parcial no Português é a **There.presentational**. Essa construção descreve a existência de uma entidade ou entidades anteriormente não mencionadas. O objetivo dessa

construção, portanto, é apresentar essa entidade ao interlocutor. Vejamos o exemplo em (37).

- (37) **There** **was** **a man** **sitting** **in** **my** **seat**.  
 Lá estava um homem sentado no meu assento.

A sentença em (37) traz a palavra da língua inglesa *there*, a qual funciona na construção como o argumento externo do verbo *to be*, o verbo principal. Este, por sua vez, toma como seu complemento um NP com o qual mantém relação de concordância em número e pessoa. Os elementos construcionais, portanto, são o verbo **Be** – em Português ser ou estar –; a **Entity**, ou seja, a entidade representada pelo NP apresentada ao interlocutor; a palavra **There**, que, embora tenha função de argumento externo da sentença por critérios relacionados à sintaxe específica do Inglês – como formação de *tag-question*, alçamento e inversão sujeito-auxiliar –, não mantém relação de concordância com o verbo principal. Outro elemento que também aparece nessa construção é o **Secondary predicate**, o qual equivale a qualquer predicado secundário na sentença com a função de descrição da entidade apresentada.

Apesar de ser possível a compreensão do sentido de uma sentença do Inglês como a do exemplo (37), a partir da tradução literal, a sintaxe observada para o Inglês não é a mesma para o Português. Isso ocorre porque, no PB, para a apresentação de uma entidade, usa-se, em geral, o verbo *haver*. Nesse caso, substituiríamos o *There* e o verbo *be* do inglês pelos verbos *haver* ou *ter* do PB. Assim, a sentença em (37) ficaria melhor em Português como mostrado no exemplo (38a-b).

- (38) a. Havia um homem sentado no meu lugar.  
 b. Tinha um homem sentado no meu lugar.

Em seguida, tem-se a construção **There be a time when**. Nessa construção, a situação que a difere do PB é a mesma descrita para a construção *There\_presentational*. Isso ocorre porque, em ambos os casos, apesar de haver construções com o mesmo sentido em Inglês e em Português, a forma obtida em cada língua é diferente.

A construção *There\_be\_a\_time\_when* expressa a existência de um período de tempo durante o qual há a permanência de determinado estado de coisas. Para expressar essa ideia, essa construção é composta pelos seguintes elementos construcionais: o verbo **Be** e a palavra **There** – com as mesmas funções da construção *There.presentationl* -; o NP **Time** ou algum outro similar; e a **When\_clause** – uma sentença relativa que expressa o estado de coisas que dura por um determinado período de tempo. A sentença em (39) exemplifica essa descrição.

- (39) **There** will **be** a **time** **when** **people will all be happy**  
 Lá será um tempo quando pessoas serão todas felizes

Em PB, como também foi visto na *There.presentational*, a forma mais adequada para expressar o mesmo sentido descrito na construção em questão é através do verbo haver. Do mesmo modo que na construção anterior, portanto, seria necessário substituir a palavra *There*, o verbo *Be* e o auxiliar *will* responsável pela expressão do futuro, pelo verbo *haver*, conjugado nesse mesmo tempo verbal. A resultante dessa alteração seria a sentença em (40):

- (40) Haverá um tempo em que todas as pessoas serão felizes.

Outra construção agrupada em (B) é a **Attributive\_degree\_modification**. Segundo a descrição dela no Constructicon de Berkeley, tem-se um Sintagma Adjetival (**Adjective\_phrase**) marca atributivamente um Sintagma Nominal Indefinido (**Indefinite\_noun\_phrase**), com um determinante indefinido, como os artigos *a/an*. Além disso, o **Adjective\_phrase** pode sofrer modificação de grau a partir de comparativos morfológicos, como *more, less, -er, as, so, too, enough, how, (not) too, (not) that*. Vejamos o exemplo em (41).

- (41) He was building **as tall** **of a tower** as he could.  
 Ele estava construindo tão alta de uma torre como ele pudesse

A diferença central que nos leva a considerar essa construção como parcialmente equivalente é o fato de, em Inglês, o Sintagma Adjetival precisar vir



antes do Sintagma Nominal Indefinido, conforme se nota em (41). Embora possamos compreender o sentido dessa sentença e fazer a tradução dela, com as devidas alterações, em PB, não se observa a mesma ocorrência, uma vez que a inversão do Sintagma Adjetival não ocorre no PB. Isso pode ser melhor visualizado a partir do exemplo em (42).

(42) Ela encontrou **uma razão** **tão boa** quanto qualquer outra

Note-se que, em Inglês, a ordem dessa construção é Sintagma Adjetiva – Sintagma Nominal Indefinido, enquanto que, em PB, verifica-se o contrário. Por esse motivo, ainda que possamos ter algo semelhante, com equivalência de sentido, formalmente, essa correspondência não é possível, sendo, portanto, parcial.

Além dessa construção, tem-se a **Exocentric\_adjectival\_compound**, a qual também não apresenta equivalência tão próxima no PB. De acordo com sua descrição, essa construção licencia a ligação de um elemento morfológico participial – ou formador de participios – a um *N-bar*, o que resulta em um composto adjetival, formado por um Modificador (**Modifier**) e um Nome (**Noun**). Vejamos o exemplo em (43). Nessa sentence, *lilac flowers* é anotado como o elemento Entidade (**Entity**), o qual é especificado pelo composto Modificador + Nome.

(43) She had **thick** **broken** **lilac flowers** in her hands.  
 Ela tinha grossa quebradas lilazes flores em suas mãos

Não há correspondência total nesse caso, uma vez que, no Inglês, o sufixo participial é aplicado a nomes. Em PB, esse tipo de sentença, com o sentido mais próximo, é formado por uma estrutura com advérbio + adjetivo, enquanto, no Inglês, conforme nos mostra a descrição da construção, a estrutura é adjetivo + participio. Assim, em Português, poderíamos ter algo como mostrado em (44).

(44) Ela tinha flores lilases grosseiramente despedaçadas em suas mãos.

Há, ainda, a construção **Modifier-head**. Nesta, há um Modificador (Modifier) o qual especifica – ou modifica – um elemento tomado como Núcleo (Head). Partindo da descrição encontrada no Constructicon de Berkeley, poderíamos assumir quem

em PB termos algo exatamente igual: a função gramatical de especificação de um dado elemento a partir de um modificador, que, na maioria das vezes, é um adjetivo. No entanto, consideramos essa construção como pertencente ao grupo das parcialmente equivalentes, porque a ordem em que são dispostos o Modificador e o Núcleo varia nas duas línguas. Em Inglês, a ordem padrão é Modificador + Núcleo, enquanto no PB é o inverso, como se pode observar nos exemplos em (45a-b).

- (45) a. The **smart** **students** did well the tests  
 b. Os **alunos** **inteligentes** se saíram bem nas provas.

Três outras construções descritas no Constructicon de Berkeley demonstram ter equivalência parcial no PB: são as construções de **Tagged\_sentence**. As três construções que levam esse rótulo compartilham uma oração alocada ao final da sentença formada por sujeito e verbo auxiliar invertidos. As duas primeiras construções encontradas no Constructicon de Berkeley, **Tagged\_sentence.canonical** e **Tagged\_sentence**, apresentam descrição semelhante. De acordo com sua descrição no Constructicon, essas construções são formadas por uma oração principal (**Host**), formada por sujeito e predicado, seguida por uma oração **Tag**, esta composta por um verbo auxiliar acompanhado de um sujeito. Em (46a-b) e (47a-b), encontram-se as sentenças em Inglês e suas traduções em PB.

- (46) a. **But I'm seeing you tomorrow,** **am I?**  
 b. Mas eu vou ver você amanhã, não vou?
- (47) a. **We aren't going with him,** are we / **aren't we?**  
 b. A gente não vai com ele, vai?

A terceira construção de estrutura semelhante é a **Tagged\_sentence.subjectless**. Esta é composta por uma oração Host, assim como as demais, seguida por uma Tag. No entanto, **Host**, nesse caso, não apresenta sujeito explícito e seu sujeito notacional é o mesmo expresso na oração **Tag**. Vejamos o exemplo em (48a-b).

- (48) a. **Can't believe it, can you?**  
 b. Não acreditou, acreditou?

Como é possível perceber, em PB temos algo bastante similar. No entanto, a construção encontrada para exercer o mesmo objetivo em Português difere desses casos do Inglês pelo fato de não haver na *tagged\_sentence* inversão do sujeito auxiliar. Voltando aos exemplos acima, percebe-se que o mais comum é que ocorra uma oração com sujeito elíptico. No inglês, por outro lado, o sujeito está sempre explícito através de um pronome que faça referência ao sujeito da oração principal.

Além disso, é possível substituir as estruturas da *tagged\_sentence* por uma fórmula fixa, a expressão “não é”, ou por sua forma reduzida “né”. Observemos, em (49) a (51), que nas sentenças (46b), (47b) e (48b), apesar de o significado da oração principal ser diferente, a substituição da *tagged\_sentence* por “não é” ou “né” pode ocorrer sem prejuízos de sentido para o enunciado como um todo.

- (49) Mas eu vou ver você amanhã, não é / né?  
 (50) A gente não vai com ele, não é / né?  
 (51) Não acreditou, não é / né?

Portanto, não há entre PB e o Inglês uma equivalência total no que tange à essa construção, assim como com as outras em que há diferença de ordem de constituintes nas duas línguas. Construções desse tipo, quando apresentam mesma função tanto em PB quanto em Inglês, serão consideradas parcialmente correspondentes.

Na Tabela 3, seguem as construções do Inglês enquadradas no Grupo (C), referente àquelas para as quais parece não haver equivalentes – ainda que parciais – no PB, conforme constam no Constructicon de Berkeley.

| Construção                         | Exemplo   |
|------------------------------------|---|
| 1. Inversion_with_preposed_element | [Preposed_element <b>So valuable</b> ] [Inversion has the dating of tephra become that it has been given a specific name – tephrochronology]. |

|   |  |
|---|--|
| 2. Measurement_plus_adjective<br>[Medida_mais_adjetivo]         | [entity Her replica] was<br>[Mismatched_measurement_phrase six foot]<br>[adjective high], made of spun<br>meringue and sponge cake.            |
| 3. Subject_auxiliary_inversion.closed_<br>interrogative         | [Auxiliary Do] [Subject I] [Remainder need<br>any training?  |
| 4. Subject_auxiliary_inversion.conditional                      | [Auxiliary Were] [Subject it] [Negation not]<br>[Remainder for this fact of nature we<br>wouldn't have our time-of-day<br>language].           |
| 5. Subject_auxiliary_inversion.emphatic_<br>negative_imperative | [Auxiliary Don't] [Subject you] [Remainder let<br>her know what you're up to], mind.   |
| 6. Subject_auxiliary_inversion.exclamation                      | [Conventional_exclamation Boy], [Auxiliary do]<br>[Subject they] [Remainder have a surprise<br>coming their way]                               |
| 7. Subject_auxiliary_inversion                                  | [Auxiliary Ca] [Negation n't] [Subject you]<br>[Remainder hear me?   |
| 8. Subject_auxiliary_inversion.optative                         | [Auxiliary May] [Subject the Force]<br>[Remainder be with you].  |
| 9. Way_manner   | [theme She] [Transitive_manner_verb<br>whistled] [cee her way] [Path down the<br>lane] [goal to the silo].                                     |
| 10. Way_means   | [theme One of the guards]<br>[Transitive_manner_verb elbowed] [cee his<br>way] [Path through the crowd] [goal to<br>the stage].                |
| 11. Way_neutral   | [theme She] [manner carefully] [make_verb<br>made] [cee her way] [path through the<br>cluttered room] [goal to the altar at<br>the north end]. |

Tabela 3: Construções que parecem não ter nenhuma equivalência no PB (Grupo C)

Essa análise se aproxima do que foi feito pelos pesquisadores do Swedish Constructicon para o Sueco (BÄCKSTRÖM ET AL, 2014). Assim como o que

propusemos para este trabalho, eles buscaram comparar as entradas construcionais do Inglês no Constructicon de Berkeley com possíveis correspondentes em Sueco. Três grupos também se destacaram nas análises suecas, sendo o primeiro para as construções com equivalência mais próxima tanto formal quanto funcional, o segundo para aquelas que se relacionam em algum aspecto – sintático ou semântico –, mas não completamente, e o terceiro composto pelas construções que não apresentam relação direta nas duas línguas. Apesar disso, a análise sueca não apontou nenhuma construção do Constructicon de Berkeley completamente sem equivalência em sueco. Isso pode ser justificado pelo fato de a busca pela equivalência no trabalho de Bäckström et al (2014) se basear mais no sentido, diferentemente do trabalho com o PB, uma vez que este tende a ser mais formalista justamente devido às atuais limitações do Constructicon. Dessa maneira, no Sueco, todas as construções do Inglês consideradas, ainda que com diferenças formais – algumas mais relevantes que outras – demonstraram ter alguma possibilidade de ocorrência em sueco no tangente à função.

No trabalho de Bäckström et al (2014), das 73 construções descritas no Constructicon de Berkeley, apenas 50 foram consideradas para análise. Desse número, pouco mais de 80% tiveram correspondência em Sueco. As demais foram agrupadas como casos de correspondência parcial ou subtipos especiais dentro de um grupo de construções. Na análise com o PB, como observado anteriormente, 68%, aproximadamente, parecem ser equivalentes. Essa diferença pode estar ligada ao fato de tanto o Sueco quanto o Inglês serem línguas germânicas e terem, por esse motivo, algumas características estruturais em comum, como ocorre com a inversão de constituintes na sentença, o que não se aplica ao Português. Além disso, conforme expõem Bäckström et al (2014), a maioria das construções assumidas como muito próximas são geralmente construções que descrevem padrões gramaticais, por exemplo a Coordination (Coordenação) e Adjective\_as\_nominal (Adjetivo\_como\_nominal), muito semelhante ao que observamos em PB. Apesar disso, como se pode conferir na Tabela 3, todas as construções para as quais não foi possível verificar correspondência com o PB são referentes a especificidades gramaticais do Inglês que não conseguimos encontrar no PB em uma primeira análise.

Embora haja vários casos de correspondência entre as construções do Constructicon de Berkeley e as do Sueco, essa equivalência, em sua maioria, é

aproximada e não total, uma vez que as duas línguas apresentam certas particularidades que podem fazer com que algumas diferenças sejam expressivas. Isso foi evidenciado por Bäckström et al (2014) nas construções formadas a partir de elementos lexicais específicos ou construções idiomáticas. Outras diferenças observadas pelos pesquisadores referem-se à utilização de determinados marcadores gramaticais em cada língua. Nessas ocorrências, manifestam-se construções que são – ou devem ser – agrupadas de formas diferentes em Sueco e em Inglês, e outras que não parecem ocorrer da mesma maneira em Sueco. Estas envolvem construções que apresentam formas semelhantes em sueco ou expressões que cumprem a mesma semântica, mas não se manifestam da mesma forma que as do Inglês.

No que tange àquelas agrupadas diferentemente em cada uma das línguas em questão, Bäckström et al (2014) exemplificam com as construções de *Rate* e *Be\_recip*. Na primeira, tanto em Inglês, quanto em Sueco, há duas variantes formais, com duas preposições diferentes. Contudo, em Inglês, embora haja essas duas possibilidades, o nome que segue o elemento multiplicador é indefinido. Em sueco, por outro lado, o nome que se segue é dependente da escolha da preposição e, além disso, é, em geral, definido. Assim, enquanto em Inglês as variantes formais são idênticas com exceção apenas para a realização lexical, em Sueco há o emprego de duas construções de *Rate* distintas.

Algo parecido com o PB ocorre em Sueco ao se tratar da construção *Be\_recip*. Como descrito anteriormente, essa construção do Inglês apresenta duas possibilidades de valência, uma simétrica e uma assimétrica. Em ambas, o nome que indica a relação recíproca é plural. Em Sueco, há claramente uma equivalência com a versão simétrica, uma vez que o nome também é plural nesse caso. No entanto, assim como acontece com o PB, na versão assimétrica, o nome é singular e há uma mudança na preposição – ‘with’, em Inglês para “med” em Sueco, a qual equivale a “de” em Português. Essa alteração da preposição modifica o sentido recíproco da construção, muito semelhante ao PB, prevalecendo uma noção de unilateralidade na relação. Para ficar mais claro, vejamos o exemplo (52).

- (52) *Jar ar god van med presidenten.*  
 ‘I am a good friend of the president’  
 Eu sou um bom amigo do presidente.

Nota-se, portanto, que, tanto em Sueco quanto em PB, ainda que seja possível encontrar construções bastante próximas com as descritas no Constructicon de Berkeley, sempre pode haver particularidades gramaticais referentes a cada uma das línguas que podem evidenciar distinções. Assim, convém ressaltar que os resultados obtidos a partir dessas análises evidenciam apenas tendências. Por esse motivo, seria arriscado assumir essa equivalência sem uma observação mais aprofundada, já que a relação de equivalência ou não-equivalência total foi definida a partir da observação da descrição das construções e do contraste entre exemplos nas duas línguas.

Mais que isso é necessário quando se busca comprovar a aproximação ou não de construções de línguas distintas. Isso ocorre porque, em alguns casos, a simples observação individual de poucos exemplos de um dado padrão não é capaz de esgotar em si suas possibilidades de ocorrência em uma língua, o que pode se repetir ou não em outra com a qual se busca contrastar. A comprovação de certos fenômenos linguísticos exige, muitas vezes, a percepção dos falantes nativos de dada língua.

Por essa razão, considerado o espaço e o tempo da pesquisa no mestrado, escolhemos a construção de Dativo com Infinitivo – a qual já vem sendo analisada longamente pelo grupo de pesquisadores da FrameNet Brasil – para realizar uma análise mais aprofundada, contrapondo suas especificidades em relação à sua contraparte no Inglês – a Infinitival Relative Modal Construction. Sobre isso, debruça-se a seção seguinte.

## **3.2 As Construções Infinitival Relative Modal e Dativo com Infinitivo em Contraste**

### *3.2.1 A Construção Infinitival Relative Modal*

A Construção Infinitival Relative Modal, como é nomeada no Constructicon de Berkeley, foi estudada por Fillmore (2008) no artigo *Wherewithal, a hidden construction*. Segundo Fillmore (2008), essa construção não é do tipo que apresenta, explicitamente, particularidades semânticas e sintáticas, como aquelas consideradas como construções idiomáticas, por exemplo, ou aqueles padrões do

Inglês tomados como mais incomuns, os quais foram os primeiros a serem analisados em trabalhos construcionais. No entanto, de acordo com Fillmore (2008), essa construção enquadra-se entre aquelas que comunicam algo que vai além do que uma análise simples de sua estrutura poderia prever. É isso que a enquadra na definição de Fillmore como sendo uma construção “escondida” – a *hidden construction*. O nome dado por ele – *Wherewithal* (em português, recursos) – aponta para a semântica da construção: em que há um nome que funciona como um recurso que habilita a realização de um determinado objetivo. Vejamos alguns dos exemplos em inglês, fornecidos por Fillmore em seu texto:

(53) a. I don't have the money to take a vacation

Eu não tenho o dinheiro para sair de férias.

b. We lack the staff to take on such a job.

Nos falta o pessoal para assumir tal trabalho.

c. Where can I find the cash to buy something that expensive?

Onde eu posso encontrar o dinheiro para comprar algo tão caro?

d. Do we have the resources to manage our new assignment?

Nós temos os recursos para gerir nosso novo negócio?

e. We don't have the fuel to make it to the next town.

Nós não temos o combustível para ir até a próxima cidade.

Nos exemplos (53 a-e), temos sentenças construídas a partir de verbos cujos significados enquadram-se no domínio de *ter*, como *have*, em (53a), (53d) e (53e); *lack*, em (53b); e *find* em (53c). Outros verbos do inglês apontados por Fillmore (2008) como tendo a mesma significação são *give* e *provide*<sup>7</sup>. Outra característica em comum dessas sentenças é o fato de que há (ou não) a posse de um recurso –

<sup>7</sup> Segundo Fillmore (2008), todos esses verbos apresentam a ideia de “acesso”, em que, na maioria das situações, seria possível uma paráfrase através de uma formulação existencial. Assim, embora os verbos *lack*, *find*, *give* e *provide* não sejam explicitamente do domínio de *ter*, como o é o verbo *have*, todos apresentam a noção de acesso a um recurso ou de existência de tal recurso, ainda que de forma negativa, indicando a ausência de determinado recurso, por exemplo.



*have the Money / the resources / the fuel*, por exemplo. Esse recurso é necessário para que uma atividade subsequente seja realizada, a qual é indicada pelo infinitivo introduzido por *to*. Essa descrição formal é melhor visualizada através da descrição da Infinitival Relative Modal no Constructicon de Berkeley, conforme se observa na Figura 21:

|  |
|--|
| <p><b>Infinitival_relative_modal</b><br/>Inherits Relative_clause.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• A noun phrase, the Head, is modified by a <i>to</i>-marked non-finitive VP, the Infinitival_relative.<br/>ex.: We finally found [<sub>head</sub>a book] [<sub>inf</sub>to read to our daughter]. TRANSLATIONS <input type="text" value="1"/> <input type="text" value="2"/></li> </ul> <hr/> <ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Head(head):</b> The Head is a noun phrase modified by the relative clause.<br/>ex.: We finally found [<sub>head</sub>a book] to read to our daughter. TRANSLATIONS <input type="text" value="1"/> <input type="text" value="2"/></li> <li>• <b>Infinitival_relative(inf):</b> The Infinitival_relative is a <i>to</i>-marked infinitival clause that modifies the Head, and which indicates some variety of modality.<br/>ex.: We finally found a book [<sub>inf</sub>to read to our daughter]. TRANSLATIONS <input type="text" value="1"/> <input type="text" value="2"/></li> </ul> |
|--|

Figura 21: Infinitival Relative Modal Construction, como descrita no Constructicon de Berkeley

Nota-se, a partir da definição do Constructicon de Berkeley, que, sintaticamente, a IRM é composta por um sintagma nominal, nomeado como elemento Núcleo (Head), e um sintagma verbal infinitivo introduzido por *to* (Infinitival Relative). Temos, portanto, dois signos filha – Head e Infinitival\_relative –, um responsável por indicar que tipo de recurso está sendo utilizado ou é necessário e o outro por apresentar a atividade a ser cumprida.

Retomando os exemplos em (54) de Fillmore (2008), formalmente, poderíamos anotá-los da seguinte forma:

- (54) a. I don't have [<sub>head</sub> the money] [<sub>inf</sub> to take a vacation]  
 b. We lack [<sub>head</sub> the staff] [<sub>inf</sub> to take on such a job].  
 c. Where can I find [<sub>head</sub> the cash] [<sub>inf</sub> to buy something that expensive]?  
 d. Do we have [<sub>head</sub> the resources] [<sub>inf</sub> to manage our new assignment]?  
 e. We don't have [<sub>head</sub> the fuel] [<sub>inf</sub> to make it to the next town].

Uma especificidade relativa a essa construção, de acordo com Fillmore (2008), relaciona-se ao fato de não ser possível chegar a uma explicação fácil para a presença do VP infinitivo ao final. Isso ocorre porque não há, nessa construção, a obrigatoriedade de um complemento infinitivo para preencher o sentido de um

determinado núcleo lexical. Dessa forma, não há nada na valência do item *money*, por exemplo, na sentença (54a), que exija a presença da relativa infinitiva *to take a vacation*.

Além disso, nessa construção do Inglês, o nome – relativo ao recurso – é precedido pelo artigo definido, ou seja, ao dizer em português “Eu tenho dinheiro para viajar”, ainda que em PB não se faça necessária a presença do artigo definido, em Inglês sempre teremos que dizer “I have **the** money to travel”. Apesar disso, segundo Fillmore (2008), as palavras *time* e *room*, por uma característica específica da língua Inglesa, não exigem a presença do artigo definido. Assim, é possível dizer “I have time to study with my brother”, sem prejuízos de sentido ou de estruturação gramatical. A diferenciação entre as duas línguas será mais bem explorada mais adiante, ao compararmos a Construção Infinitival Relative Modal com a Construção de Dativo com Infinitivo. Sobre esta, porém, tratamos a seguir.

### 3.2.2 A Construção de Dativo com Infinitivo

A Construção de Dativo com Infinitivo compõe o grupo de construções enquadradas como pertencentes à família Para Infinitivo (LAGE, 2013; TORRENT, 2009). Os padrões construcionais dessa família, formalmente, compartilham um Sintagma Verbal infinitivo iniciado pela preposição *para* – ou em sua forma reduzida *pra* – e, em relação ao sentido, evocam, em geral, elementos do frame de *Finalidade*, ou outros relacionados a este, devido ao fato de o verbo no infinitivo indicar um objetivo que se busca alcançar ou realizar. Isso confere às construções a ideia de um deslocamento em direção a um alvo, o qual é a atividade que se tem como finalidade alcançar.

No que tange especificamente à construção de DCI, ela evoca o frame de *Habilitação*, uma vez que descreve a existência de um determinado recurso o qual é responsável por habilitar um beneficiário/agente a atingir uma dada finalidade. Segundo Lage (2013), a forma como o recurso é disponibilizado ao beneficiário/agente é especificada através do sentido do verbo finito. Para que isso fique claro, observemos as sentenças em (55).

- (55) a. João não conseguiu dinheiro para cortar cabelo.  
 b. Marcos e Pedro compraram ingresso para assistir ao filme.

c. Ana tem tempo para escrever seu trabalho.

Note-se que tanto em (55a), (55b) e (55c) prevalece a ideia de existência de um recurso que se faz necessário para que o objetivo proposto seja alcançado. No entanto, os verbos finitos em cada uma das sentenças são diferentes: *conseguir*, em (55a); *comprar*, em (55b); e *ter*, em (55c). É interessante notar, ainda, que a presença do advérbio de negação em (55a) altera a relação do beneficiário/agente com o recurso e, conseqüentemente, com a ação que se espera realizar.

Outros verbos podem aparecer na posição do verbo finito nas instâncias da construção de DCI. Torrent (no prelo) lista essas possibilidades, dividindo-as em grupos de acordo com a classe verbal, como exemplificado na Tabela 4.

| Classe verbal    | Verbo    | Exemplo  |
|------------------|----------|--|
| Transferência    | Dar      | Cê tem que <b>dar</b> [Headum prazo] [VP_para_inf pra eu te dar uma resposta].                         |
|                  | Ceder    | Eu vou mandar <b>ceder</b> uma parte do [headalojamento] [VP_para_inf pra vocês ficarem à vontade lá]. |
|                  | Devolver | Nunca <b>devolveram</b> nem [Heado corpo dele] [VP_para_inf pra mãe dele enterrar]                     |
|                  | Deixar   | Ela podia <b>deixar</b> [Heada chavinha] [VP_para_inf pra mim pegar a conta de telefone aí então].     |
|                  | Colocar  | Ela tem vontade de <b>colocar</b> [Headveneno] [VP_para_infpro cachorro dele morrer].                  |
|                  | Passar   | A empresa <b>passou</b> [Heado recado] [VP_para_infpra eu te passar].                                  |
| Atividade Mental | Conhecer | Não <b>conheço</b> [Headninguém] aqui [VP_para_inf pra te dar essa informação].                        |
|                  | Saber    | Você <b>sabe</b> [Headalgum hotel bom] [VP_para_infpra passar a lua de mel]?                           |
|                  | Ver      | Douglas foi <b>ver</b> [Headas opções] [VP_para_infpra reduzir o orçamento].                           |
|                  | Ler      | Eu vou ler [Heada carta] [VP_para_infpra vocês entenderem melhor a situação].                          |

|            |               |  |
|------------|---------------|--|
| Obtenção   | Comprar       | Ele <b>comprou</b> [Head as passagens] [VP_para_inf pra viajar com a esposa].                                      |
|            | Pagar         | Você vai <b>pagar</b> [Head o valor] [VP_para_inf para os garçons ajudarem na festa]?                              |
|            | Arrumar       | Eu <b>arrumei</b> [Head o local] [VP_para_inf pra gente fazer a festa].  |
| Tornar-se  | Criar coragem | Ana precisa <b>criar coragem</b> [VP_para_inf pra fazer a escolha certa].  |
|            | Acontecer     | [Head O que] <b>aconteceu</b> [VP_para_inf pra ele perder o braço]?  |
| Posse      | Ter           | Você <b>tem</b> [Head cem reais] [VP_para_inf pra comprar a passagem]?   |
|            | Estar com     | Verifica se eles <b>estão com</b> [Head os documentos necessários] [VP_para_inf pra fazer a inscrição].            |
| Existência | Ter           | É preciso <b>ter</b> [Head uma pessoa] [VP_para_inf pra coordenar o trabalho].                                     |
|            | Existir       | <b>Existe</b> [Head um contrato de prestação de serviço] [VP_para_inf pra gente dizer se foi descumprido o prazo]. |
|            | Faltar        | <b>Falta</b> [Head gente] [VP_para_inf pra ajudar a enrolar os docinhos].  |
|            | Aparecer      | Quando você tá de folga sempre <b>aparece</b> [Head alguma coisa importante] [VP_para_inf pra fazer].              |
|            | Rolar         | Vou ver com a mãe se rola [Head um jantar especial] [VP_para_inf pra receber os amigos em casa].                   |

Tabela 4: Verbos finitos que aparecem na Construção de Dativo com Infinitivo

Apesar da grande diversidade de tipos verbais que podem participar da DCI com sentido habilitativo, uma análise 127 instâncias desse padrão construcional levantadas por Torrent (2009), a partir de um *corpus* de 250.000 palavras do PB contemporâneo, revelou que algumas delas possibilitam outra leitura, que não a habilitativa<sup>8</sup>. Dessas 127 sentenças, 103 apresentavam sentido habilitativo

<sup>8</sup> As instâncias relativas à DCI são oriundas de três *copora* diferentes, compilados por Torrent (2009) para as análises empreendidas em sua tese de doutorado: o *corpus* do projeto *O português falado na região de Juiz de Fora e arredores – constituição de um banco de dados “anotado”*, coordenado pela

prototípico, enquanto 24 delas possuíam leitura deôntica. Essas sentenças, portanto, apresentam uma estrutura sintática muito próxima ou idêntica à da DCI, mas diferem-se por carregar o sentido de obrigação de realização de uma atividade, e não de habilitação, através de um recurso, para a realização de um propósito. Vejamos os exemplos em (56):

- (56) a. Tomás tem tarefa da escola para fazer.  
 b. Maria tem louça para lavar.  
 c. Maria tem dinheiro para gastar.

Tanto em (56a) quanto em (56b), embora haja a presença do verbo *ter* finito, o NP que o acompanha não equivale, semanticamente, a um recurso sob o qual os agentes têm posse, como ocorreu, por exemplo, nas sentenças em (56). O NP que se segue ao verbo *ter* corresponde a algum elemento que, associado ao VP infinitivo, representa uma ação que deve ser realizada obrigatoriamente. Uma primeira análise poderia atribuir à relação de complementação existente entre o verbo infinitivo e o núcleo nominal a razão para a diferença de leitura. Porém, em (49c) essa mesma relação de complementação existe, sendo que a leitura que emerge não é necessariamente deôntica, podendo ser também habilitativa.

Diante disso, surgiu a necessidade de verificar se todas as sentenças com padrão *Núcleo Nominal VP\_para\_inf* encaixam-se, de fato, na descrição da construção de Dativo com Infinitivo. Isso se tornou relevante, além disso, para os estudos construcionais contrastivos, uma vez que, a princípio, em um olhar superficial, a construção de DCI, do PB, e a IRM, do Inglês, seriam inteiramente equivalentes. Como foi mencionado, a simples opinião dos pesquisadores nem sempre é capaz de abarcar todas as possibilidades de uma construção e, por essa razão, foi elaborado um questionário, contendo sentenças-exemplo da Construção de DCI destinadas ao julgamento de falantes nativos do PB. Os resultados obtidos com a aplicação desse questionário serão apresentados mais adiante na próxima seção.

---

professora Dra. Nilza Barrozo Dias (UFJF/FAPEMIG); o *corpus* de audiências do *PROCON de Juiz de Fora – MG*, organizado sob a coordenação dos professores doutores Nilza Barrozo Dias, Paulo Cortes Gago e Sônia Bittencourt Silveira, da Universidade Federal de Juiz de Fora; e o *corpus Conceição de Ibitipoca*, compilado pela Dra. Terezinha Cristina Campos de Resende para sua tese de doutoramento junto à Universidade Federal do Rio de Janeiro.

### 3.2.3 Análise Contrastiva

Vejamos as duas sentenças (57) e (58) do Português e do Inglês respectivamente:

(57) Eu tenho dinheiro para viajar.

(58) I have the money to travel.

É interessante observar que essas duas sentenças são possíveis nas duas línguas, indicando haver entre elas uma relação tanto estrutural quanto semântica. Isso ocorre porque ambas são instâncias do padrão sintático {[NP] [VP\_para/to\_inf]}, em que NP representa o Núcleo (ou Head, em Inglês) nominal, o que permite que sejam anotadas da maneira apresentada em (57a) e (58a):

(57a) Eu tenho [<sub>Head</sub> dinheiro] [VP\_para\_inf para viajar].

(58a) I have [<sub>Head</sub> the money] [VP\_to\_inf to travel].

Ainda no polo formal, em ambas as línguas, a forma nominal empregada no segundo signo filha da construção é o infinitivo, o qual, por sua vez, é regido por *para* e *to*, duas preposições que compartilham inúmeras funções nas duas línguas – ambas indicam finalidade, destino de um deslocamento e beneficiário de uma ação, por exemplo – e são tomadas como equivalentes por qualquer dicionário Inglês-Português.

No que tange ao sentido, por sua vez, todas as duas sentenças indicam a posse sobre um recurso que permite que uma ação seja realizada. Nos dois casos, portanto, há a posse sobre o dinheiro que habilita a realização de uma viagem. A partir disso, e da observação de outros exemplos como esse, chegou-se a propor que a construção de Dativo com Infinitivo e a Infinitival Relative Modal fossem equivalentes.

Entretanto, como foi observado que em PB esse mesmo padrão sintático poderia abarcar um sentido que não fosse o habilitativo, comum à descrição tanto da DCI quanto da IRM, fez-se necessária uma análise mais profunda, a partir da busca pela impressão de falantes do PB através de um questionário. Neste, foram dispostas 20 instâncias do padrão {[Head] [VP\_para\_inf]}, tanto as que contêm o

sentido habilitativo quanto as que apresentam semântica distinta, relacionada à modalidade deôntica. Cada uma dessas sentenças foi acompanhada por cinco paráfrases, produzidas a partir das estratégias de clivagem, inversão, alteração na preposição, substituição por cláusula relativa e sentença sem sentido, e os falantes deveriam julgar cada uma dessas paráfrases considerando a proximidade semântica delas com a sentença-alvo. Esse procedimento teve como objetivo:

- i. determinar que tipo de restrições pode ser identificado para cada sentido observado para o padrão {[Head] VP\_para\_INF};
- ii. comparar essas restrições às propostas por Fillmore (2008) para a construção IRM.

No que tange às limitações do teste, do total de 20 sentenças inicialmente criadas, 19 foram aproveitadas para a análise, uma vez que uma apresentou problemas identificados posteriormente à aplicação dos testes. Os problemas estavam na formulação equivocada de uma das paráfrases. Ainda, do total de 50 participantes, apenas 45 responderam a todas as questões. Assim sendo, apenas as respostas desses 45 sujeitos foram consideradas na análise, sendo as respostas dos demais descartadas.

A seguir, apresentamos os resultados obtidos nos testes (disponibilizados integralmente no Anexo I), agrupados pelas conclusões a que eles nos possibilitam chegar.

*A) Ambas as leituras do esquema {[Head] [VP\_para\_INF]} admitem a anteposição do [VP\_para\_INF]:*

As paráfrases construídas pela anteposição do esquema [VP\_para\_INF] foram aquelas que obtiveram os maiores *scores* médios em 13, das 19 sentenças analisadas, sendo ranqueadas em segundo lugar nas demais. Nesse último caso, é necessário enfatizar também que não foi observada diferença estatisticamente significativa entre os *scores* médios atribuídos à anteposição do esquema e aqueles atribuídos às paráfrases mais bem pontuadas. A Tabela 5 traz os *scores* médios atribuídos a cada uma das paráfrases, acompanhado do desvio padrão calculado para cada média a partir da variância observada.

|    | <b>Sentença Base</b>  | <b>Anteposição do [VP_para_INF]</b>                          | <b>Score Médio</b> | <b>Desvio Padrão</b> |
|----|---|--|--------------------|----------------------|
| 1  | Nós não temos recurso pra fazer isso                        | Pra fazer isso, nós não temos recurso                        | 6,38               | 1,57                 |
| 2  | Eu não tenho tempo pra assistir televisão.                  | Pra assistir televisão, eu não tenho tempo.                  | 6,20               | 1,53                 |
| 3  | Tinha um lugarzinho pra gente fazer um lanche               | Pra gente fazer um lanche, tinha um lugarzinho               | 6,16               | 1,43                 |
| 4  | Eles não tem competência pra decidir.                       | Pra decidir, eles não tem competência.                       | 6,18               | 1,55                 |
| 5  | Eu não tenho motivos pra mentir                             | Pra mentir, eu não tenho motivos.                            | 5,93               | 1,93                 |
| 6  | Eu não tenho mais cabeça pra estudar.                       | Pra estudar, eu não tenho mais cabeça.                       | 6,38               | 1,35                 |
| 7  | Aqui tem facilidade pra pegar lenha.                        | Pra pegar lenha, aqui tem facilidade.                        | 6,58               | 0,86                 |
| 8  | Não existe história bacana pra falar sobre isso.            | Pra falar sobre isso, não existe história bacana.            | 6,46               | 1,15                 |
| 9  | É preciso ter uma pessoa pra coordenar o trabalho.          | Pra coordenar o trabalho, é preciso ter uma pessoa.          | 6,38               | 1,45                 |
| 10 | Ainda tem gente pra roubar galinha do vizinho.              | Pra roubar galinha do vizinho, ainda tem gente.              | 5,98               | 1,50                 |
| 11 | Eu não tinha uma vara pra bater nele assim.                 | Pra bater nele assim, eu não tinha uma vara.                 | 6,04               | 1,74                 |
| 12 | Tem abobrinha para a senhora fazer frita.                   | Para a senhora fazer frita, tem abobrinha.                   | 5,57               | 1,80                 |
| 13 | Tem pouca gente pra ajudar a enrolar os docinhos            | Pra ajudar a enrolar os docinhos, tem pouca gente.           | 6,33               | 1,38                 |
| 14 | Hoje tem reunião pra formar a chapa do grêmio.              | Pra formar a chapa do grêmio, hoje tem reunião.              | 6,29               | 1,54                 |
| 15 | A gente tem uma reunião pra discutir um assunto importante. | Pra discutir um assunto importante, a gente tem uma reunião. | 6,53               | 1,07                 |
| 16 | Tinha um dia certo pra fazer isso.                          | Pra fazer isso, tinha um dia certo.                          | 6,42               | 1,47                 |
| 17 | Ele não tem mais amizade pra sair.                          | Pra sair, ele não tem mais amizade.                          | 6,64               | 0,87                 |
| 18 | A gente tinha um motivo pra ter a banda.                    | Pra ter a banda, a gente tinha um motivo.                    | 6,29               | 1,56                 |
| 19 | Tem um monte de louça na pia pra eu lavar.                  | Pra eu lavar, tem um monte de louça na pia.                  | 6,22               | 1,53                 |

Tabela 5: Scores médios atribuídos às paráfrases de anteposição do [VP\_para\_INF] acompanhados do respectivo desvio padrão.



Os resultados do teste de anteposição corroboram aqueles encontrados por Torrent (2009), que argumenta que a possibilidade de anteposição do esquema *para infinitivo* é uma das propriedades da família de construções em *Para Infinitivo*, herdada da Construção Adjuntiva de Finalidade. Torrent (2009) chegou a essa conclusão após analisar que essa anteposição foi verificável em 8 dentre as 17 construções da família, a partir de teste de similaridade semântica.

Fillmore (2008) não prevê a possibilidade de anteposição do [VP\_to\_INF] em sua análise da IRM, apesar de também não dizer que ela seja impossível.

*B) Os voluntários realizaram o teste com a atenção necessária:*

A concentração dos voluntários quando da realização do teste é sugerida *pelo score* médio baixo atribuído aos casos de paráfrase por uma sentença sem sentido, como a mostrada em (59a-b).

- (59) a. Eu não tenho tempo para assistir televisão.  
b. A televisão não tem tempo pra me assistir.

Isso mostrou que os falantes responderam ao questionário lendo cada uma das sentenças-alvo e suas respectivas paráfrases com a devida atenção, percebendo as situações que ali estavam representadas. A Tabela 6 traz os *scores* médios atribuídos a cada uma das sentenças *non-sense* incluídas no questionário.

|   | <b>Sentença Base</b>                           | <b>Sentença <i>Non-sense</i></b>               | <b>Score Médio</b> | <b>Desvio Padrão</b> |
|---|--|--|--------------------|----------------------|
| 1 | Nós não temos recurso pra fazer isso           | Recurso pra fazer isso não nos tem             | 2,56*              | 2,09                 |
| 2 | Eu não tenho tempo para assistir televisão.    | A televisão não tem tempo para me assistir.    | 1,18*              | 0,80                 |
| 3 | Tinha um lugarzinho pra gente fazer um lanche. | Um lanche pra fazer um lugarzinho tinha gente. | 1,60*              | 1,48                 |
| 4 | Ele não tem competência pra decidir.           | Competência pra decidir não o tem.             | 2,69               | 2,26                 |
| 5 | Eu não tenho motivos pra mentir                | Motivos pra mentir não têm eu.                 | 3,02               | 2,35                 |
| 6 | Eu não tenho mais cabeça pra estudar.          | Cabeça pra estudar não me tem mais.            | 2,47*              | 2,05                 |
| 7 | Aqui tem facilidade pra pegar                  | Facilidade tem lenha pra                       | 1,78*              | 1,65                 |

|    |   |   |       |      |
|----|---|---|-------|------|
|    | lenha.  | pegar aqui.   |       |      |
| 8  | Não existe história bacana pra falar sobre isso.            | Não existe história pra bacana falar sobre isso.              | 2,18* | 2,10 |
| 9  | É preciso ter uma pessoa pra coordenar o trabalho.          | Coordenar o trabalho pra ter um pessoa é preciso.             | 1,51* | 1,09 |
| 10 | Ainda tem gente pra roubar galinha do vizinho.              | Do vizinho ainda tem galinha pra roubar gente.                | 1,67* | 1,67 |
| 11 | Eu não tinha uma vara pra bater nele assim.                 | Uma vara não me tinha pra bater nele assim.                   | 2,29  | 2,06 |
| 12 | Tem abobrinha para a senhora fazer frita.                   | A senhora tem frita para fazer abobrinha.                     | 1,38* | 1,20 |
| 13 | Tem pouca gente pra ajudar a enrolar os docinhos.           | Os docinhos têm pouca ajuda pra enrolar a gente.              | 1,38* | 1,23 |
| 14 | Hoje tem reunião pra formar a chapa do grêmio.              | A chapa do grêmio tem hoje pra formar a reunião.              | 1,40* | 1,24 |
| 15 | A gente tem uma reunião pra discutir um assunto importante. | Um assunto importante tinha uma reunião pra discutir a gente. | 1,53* | 1,45 |
| 16 | Tinha um dia certo pra fazer isso.                          | Tinha isso pra fazer um dia certo.                            | 2,51* | 2,24 |
| 17 | Ele não tem mais amizade pra sair.                          | Amizade não tem mais ele pra sair.                            | 2,32* | 2,43 |
| 18 | A gente tinha um motivo pra ter a banda.                    | A banda tinha um motivo pra ter a gente.                      | 1,44* | 1,38 |
| 19 | Tem um monte de louça na pia pra eu lavar.                  | Tem um monte de pia na louça pra eu lavar.                    | 1,82* | 1,85 |

Tabela 6: Scores médios atribuídos às sentenças *non-sense* acompanhados do respectivo desvio padrão. Um asterisco indica diferença estatisticamente significativa entre o score médio da paráfrase *non-sense* e aquele atribuído à anteposição do esquema [VP\_para\_INF] para a mesma sentença base.

Essa comprovação é importante para verificar a confiabilidade dos dados da pesquisa. Sendo assim, é possível considerar que, em geral, as questões foram respondidas a partir da impressão real dos falantes sobre cada uma das situações apresentadas.

*C) Há paráfrases pela troca de preposição mais aceitáveis do que outras:*

As paráfrases construídas pela troca da preposição *para* pela preposição *de* obtiveram scores médios relativamente altos, mostrados na Tabela 7.

|   | <b>Sentença Base</b>                 | <b>Paráfrase por de</b>             | <b>Score Médio</b> | <b>Desvio Padrão</b> |
|---|--------------------------------------|-------------------------------------|--------------------|----------------------|
| 1 | Nós não temos recurso pra fazer isso | Nós não temos recurso de fazer isso | 4,80               | 2,30                 |

|    |   |  |      |      |
|----|---|--|------|------|
| 2  | Eu não tenho tempo para assistir televisão.                 | Eu não tenho tempo de assistir televisão.                  | 6,82 | 0,48 |
| 3  | Tinha um lugarzinho pra gente fazer um lanche.              | Tinha um lugarzinho de a gente fazer um lanche.            | 4,20 | 2,23 |
| 4  | Ele não tem competência pra decidir.                        | Ele não tem competência de decidir.                        | 6,51 | 0,96 |
| 5  | Eu não tenho motivos pra mentir                             | Eu não tenho motivos de mentir.                            | 5,69 | 1,59 |
| 6  | Eu não tenho mais cabeça pra estudar.                       | Eu não tenho mais cabeça de estudar.                       | 5,22 | 1,93 |
| 7  | Aqui tem facilidade pra pegar lenha.                        | Aqui tem facilidade de pegar lenha.                        | 6,13 | 1,39 |
| 8  | Não existe história bacana pra falar sobre isso.            | Não existe história bacana de falar sobre isso.            | 4,44 | 2,18 |
| 9  | É preciso ter uma pessoa pra coordenar o trabalho.          | É preciso ter uma pessoa de coordenar o trabalho.          | 3,60 | 2,13 |
| 10 | Ainda tem gente pra roubar galinha do vizinho.              | Ainda tem gente de roubar galinha do vizinho.              | 2,71 | 2,13 |
| 11 | Eu não tinha uma vara pra bater nele assim.                 | Eu não tinha uma vara de bater nele assim.                 | 4,98 | 2,10 |
| 12 | Tem abobrinha para a senhora fazer frita.                   | Tem abobrinha de a senhora fazer frita.                    | 4,02 | 2,08 |
| 13 | Tem pouca gente pra ajudar a enrolar os docinhos.           | Tem pouca gente de ajudar a enrolar os docinhos.           | 3,76 | 2,13 |
| 14 | Hoje tem reunião pra formar a chapa do grêmio.              | Hoje tem reunião de formar a chapa do grêmio.              | 4,44 | 2,11 |
| 15 | A gente tem uma reunião pra discutir um assunto importante. | A gente tem uma reunião de discutir um assunto importante. | 4,20 | 2,17 |
| 16 | Tinha um dia certo pra fazer isso.                          | Tinha um dia certo de fazer isso.                          | 5,96 | 1,59 |
| 17 | Ele não tem mais amizade pra sair.                          | Ele não tem mais amizade de sair.                          | 4,40 | 2,14 |
| 18 | A gente tinha um motivo pra ter a banda.                    | A gente tinha um motivo de ter a banda.                    | 5,84 | 1,58 |
| 19 | Tem um monte de louça na pia pra eu lavar.                  | Tem um monte de louça na pia de eu lavar.                  | 3,40 | 1,85 |

Tabela 7: Scores médios atribuídos às paráfrases pela troca de preposição acompanhados do respectivo desvio padrão.

Os scores encontrados indicam que em muitas sentenças há a possibilidade de troca de preposição sem prejuízos para o julgamento dos falantes nativos<sup>9</sup>. Isso

<sup>9</sup> Os scores mais altos (acima de 5,50) observados nas paráfrases pela troca de preposição estão relacionados às sentenças agrupadas como casos típicos da construção de DCI, podendo indicar alguma outra característica específica destas. Outra observação relevante refere-se ao fato de os scores terem sido mais baixos (inferior a 4,00) quando o NP anterior à preposição foi preenchido pelos vocábulos “gente” ou “pessoa”. Tais aspectos, porém, precisam ser melhor investigados por

se deve à possibilidade de alguns nomes admitirem mais de uma preposição. De forma semelhante, Fillmore (2008) apresenta os vocábulos *time* e *room*, do Inglês, os quais por uma especificidade da língua Inglesa, podem vir acompanhadas do artigo definido ou não, sem nenhum prejuízo gramatical. Assim, em PB, há nomes que aceitam tanto a ocorrência com a preposição *de* quanto *para*.

Além disso, Torrent (no prelo) demonstra, em análises com dados do Português do século 13, que a Construção Adjuntiva Final (Para Infinitivo) já ocorreu com o esquema [de VINF], o qual representa, nas análises, o segundo padrão mais frequente, depois do esquema [para VINF].

Já para o caso da IRM, não há a possibilidade, em nenhum caso, de substituição do *to* por outra preposição, mesmo porque, em inglês, é essa a partícula que acompanha verbos infinitivos. Caso houvesse a troca por uma outra preposição, tal como *of*, por exemplo, o verbo passaria para a forma terminada em *-ing*.

*D) Há instâncias da construção de Dativo com Infinitivo que admitem paráfrase por cláusula relativa:*

As paráfrases construídas a partir da cláusula relativa obtiveram scores médios com certo grau de variação de uma sentença para outra. Aquelas com pontuação acima de 3,00 foram consideradas boas paráfrases, enquanto as que obtiveram pontuação abaixo de 3,00 não foram admitidas pelos falantes. Apesar disso, as paráfrases bem pontuadas parecem ter comportamentos diferentes. Isso nos levou a dividir as sentenças analisadas em cinco grupos, sobre os quais trataremos mais adiante. A Tabela 8 mostra as sentenças-base seguidas da paráfrase pela cláusula relativa e os scores médios acompanhados do desvio padrão de cada um.

|   | <b>Sentença Base</b>                        | <b>Sentença Relativa</b>                  | <b>Score Médio</b> | <b>Desvio Padrão</b> |
|---|---|---|--------------------|----------------------|
| 1 | Nós não temos recurso pra fazer isso        | Nós não temos recurso que faz isso.       | 2,82               | 2,31                 |
| 2 | Eu não tenho tempo para assistir televisão. | Eu não tenho tempo que assiste televisão. | 1,51               | 1,22                 |
| 3 | Tinha um lugarzinho pra gente               | Tinha um lugarzinho que a                 | 4,42               | 2,22                 |

meio da aplicação de um novo teste. No entanto, não há subsídios para isso no momento, o que implica levar essa análise para trabalhos futuros.

|    |   |  |      |      |
|----|---|--|------|------|
|    | fazer um lanche.  | gente faz um lanche.                                       |      |      |
| 4  | Ele não tem competência pra decidir.                        | Ele não tem competência que decide.                        | 2,31 | 1,85 |
| 5  | Eu não tenho motivos pra mentir                             | Eu não tenho motivos que mentem.                           | 1,93 | 1,68 |
| 6  | Eu não tenho mais cabeça pra estudar.                       | Eu não tenho mais cabeça que estuda.                       | 2,00 | 1,78 |
| 7  | Aqui tem facilidade pra pegar lenha.                        | Aqui tem facilidade que pega lenha.                        | 2,07 | 1,90 |
| 8  | Não existe história bacana pra falar sobre isso.            | Não existe história bacana que fala sobre isso.            | 4,93 | 2,14 |
| 9  | É preciso ter uma pessoa pra coordenar o trabalho.          | É preciso ter uma pessoa que coordena o trabalho.          | 6,47 | 0,96 |
| 10 | Ainda tem gente pra roubar galinha do vizinho.              | Ainda tem gente que rouba galinha do vizinho.              | 6,82 | 0,57 |
| 11 | Eu não tinha uma vara pra bater nele assim.                 | Eu não tinha uma vara que bate nele assim.                 | 3,56 | 2,10 |
| 12 | Tem abobrinha para a senhora fazer frita.                   | Tem abobrinha que a senhora faz frita.                     | 3,93 | 2,17 |
| 13 | Tem pouca gente pra ajudar a enrolar os docinhos.           | Tem pouca gente que ajuda a enrolar os docinhos.           | 5,62 | 1,82 |
| 14 | Hoje tem reunião pra formar a chapa do grêmio.              | Hoje tem reunião que forma a chapa do grêmio.              | 5,64 | 1,77 |
| 15 | A gente tem uma reunião pra discutir um assunto importante. | A gente tem uma reunião que discute um assunto importante. | 4,64 | 1,99 |
| 16 | Tinha um dia certo pra fazer isso.                          | Tinha um dia certo que faz isso.                           | 2,89 | 2,26 |
| 17 | Ele não tem mais amizade pra sair.                          | Ele não tem mais amizade que sai.                          | 2,16 | 1,74 |
| 18 | A gente tinha um motivo pra ter a banda.                    | A gente tinha um motivo que tem a banda.                   | 2,09 | 1,87 |
| 19 | Tem um monte de louça na pia pra eu lavar.                  | Tem um monte de louça na pia que eu lavo.                  | 3,00 | 1,92 |

Tabela 8: Scores médios atribuídos às paráfrases pela cláusula relativa acompanhados do respectivo desvio padrão.

O primeiro grupo refere-se às sentenças que se enquadram como exemplos clássicos da construção de Dativo com Infinitivo. Essas sentenças tiveram, no julgamento dos voluntários, score médio baixo para as paráfrases pela cláusula relativa. Isso é explicado pelo fato de o Núcleo nominal nos casos padrão dessa construção exercer função adjuntiva habilitativa em relação ao predicador infinitivo e, por essa razão, não ser possível tomá-lo como argumento externo deste verbo em uma paráfrase pela relativa. O verbo no infinitivo pode ter um argumento externo explícito em alguns casos – como no exemplo em (60) – ou ainda pode ter seu

argumento externo alçado para a posição máxima da sentença, quando ele ocupa essa função nas duas orações, por exemplo o que ocorre na sentença (61).

(60) Eu não vou dar dinheiro pra você comprar bebida.

(61) Eu não tenho dinheiro pra comprar bebida.

As sentenças do questionário enquadradas nesse grupo são todas como o exemplo (61), e, por esse motivo, não admitem a paráfrase pela cláusula relativa. Na Tabela 9, listamos as instâncias clássicas, bem como a paráfrase pela cláusula relativa e os devidos valores encontrados.

|   | <b>Sentença base</b>                       | <b>Sentença Relativa</b>                  | <b>Scores médios</b> | <b>Desvio Padrão</b> |
|---|--|---|----------------------|----------------------|
| 1 | Nós não temos recurso pra fazer isso.      | Nós não temos recurso que faz isso.       | 2,82                 | 2,08                 |
| 2 | Eu não tenho tempo pra assistir televisão. | Eu não tenho tempo que assiste televisão. | 1,51                 | 1,22                 |
| 3 | Ele não tem competência pra decidir.       | Ele não tem competência que decide.       | 2,31                 | 1,85                 |
| 4 | Eu não tenho motivos pra mentir.           | Eu não tenho motivos que mentem.          | 1,93                 | 1,68                 |
| 5 | Eu não tenho mais cabeça pra estudar.      | Eu não tenho mais cabeça que estuda.      | 2,00                 | 1,78                 |
| 6 | Aqui tem facilidade pra pegar lenha.       | Aqui tem facilidade que pega lenha.       | 2,07                 | 1,90                 |
| 7 | A gente tinha um motivo pra ter a banda.   | A gente tinha um motivo que tem a banda.  | 2,09                 | 1,87                 |
| 8 | Ele não tem mais amizade pra sair.         | Ele não tem mais amizade que sai.         | 2,16                 | 1,74                 |
| 9 | Tinha um dia certo pra fazer isso.         | Tinha um dia certo que faz isso.          | 2,89                 | 2,26                 |
|   |  |   | 2,19                 | 1,82                 |

Tabela 9: Sentenças que obtiveram scores médios inferiores a 3,00 na paráfrase pela relativa acompanhados do respectivo desvio padrão.

Como explicado anteriormente, as nove sentenças acima compartilham o fato de o núcleo nominal representar semanticamente um adjunto adverbial da cláusula infinitiva, indicando uma determinada circunstância necessária para a realização da ação codificada pelo verbo no infinitivo. Desse modo, na sentença (1) da Tabela 9, *recurso* representa o instrumento que falta para que se faça alguma coisa esperada, codificada pelo VP\_para\_inf. A Tabela 10 demonstra cada um dos núcleos nominais das nove sentenças e os adjuntos adverbiais a que equivalem.

|   | <b>Sentença</b>                                    | <b>Adjunto Adverbial</b> |
|---|--|--------------------------|
| 1 | Nós não temos <b>recurso</b> pra fazer isso        | Instrumento              |
| 2 | Eu não tenho <b>tempo</b> para assistir televisão. | Tempo                    |
| 3 | Ele não tem <b>competência</b> pra decidir.        | Instrumento              |
| 4 | Eu não tenho <b>motivos</b> pra mentir             | Razão                    |
| 5 | Eu não tenho mais <b>cabeça</b> pra estudar.       | Instrumento              |
| 6 | Aqui tem <b>facilidade</b> pra pegar lenha.        | Modo                     |
| 7 | A gente tinha um <b>motivo</b> pra ter a banda.    | Razão                    |
| 8 | Ele não tem mais <b>amizade</b> pra sair.          | Companhia                |
| 9 | Tinha um <b>dia certo</b> pra fazer isso.          | Tempo                    |

Tabela 10: Sentenças acompanhadas do adjunto adverbial a que equivalem seus núcleos nominais

As nove sentenças listadas nas Tabelas 9 e 10 seguem a mesma caracterização proposta por Fillmore (2008) para a IRM, ou seja, não podem ser parafraçadas por uma cláusula relativa desenvolvida.

O segundo grupo de sentenças, assim como os outros três que se seguem, ao contrário do primeiro, teve *score* médio acima de 3,00 para as paráfrases por cláusula relativa, indicando que os falantes admitiram-nas como possíveis. Isso fez com que fosse necessário um olhar mais atento para as sentenças que apresentaram esse padrão. Vejamos, na Tabela 11, os exemplos do primeiro grupo em que se verificou *score* superior a 3,00 na paráfrase pela relativa.

|  | <b>Sentença</b> | <b>Sentença Relativa</b> | <b>Scores médios</b> | <b>Desvio padrão</b> |
|--|-----------------|--------------------------|----------------------|----------------------|
|--|-----------------|--------------------------|----------------------|----------------------|

|   |   |  |      |      |
|---|---|--|------|------|
| 1 | Hoje tem reunião pra formar a chapa do grêmio.              | Hoje tem reunião que forma a chapa do grêmio.              | 5,64 | 1,77 |
| 2 | Não existe história bacana pra falar sobre isso.            | Não existe história bacana que fala sobre isso.            | 4,93 | 2,14 |
| 3 | A gente tem uma reunião pra discutir um assunto importante. | A gente tem uma reunião que discute um assunto importante. | 4,64 | 1,99 |
| 4 | Eu não tinha uma vara pra bater nele assim.                 | Eu não tinha uma vara que bate nele assim.                 | 3,56 | 2,10 |

Tabela 11: Primeiro grupo de sentenças que obtiveram *scores* médios superiores a 3,00 na paráfrase pela relativa acompanhados do respectivo desvio padrão.

Em cada um dos casos acima, o que permite a substituição pela relativa é o fato de, em todos eles, haver a ocorrência de uma metonímia. Assim, ao tomar um termo pelo outro, ao se fazer a relativa, o núcleo nominal, que originalmente seria tomado como adjunto habilitativo do infinitivo, passa a ser, metonimicamente, o argumento externo da cláusula relativa. A partir disso, cabem aqui considerações acerca das sentenças desse grupo individualmente, de modo que possamos também visualizar as substituições metonímicas que ocorrem em cada caso.

Na primeira sentença – *Hoje tem reunião pra formar a chapa do grêmio* –, o termo reunião tem função semântica de Lugar, onde será formada a chapa do grêmio. Na paráfrase pela relativa, metonimicamente, o papel lugar passa a agente e, assim, passa a exercer, sintaticamente, a função de argumento externo do verbo *formar*. Por esse motivo, a relativa torna-se possível nesse caso.

Algo semelhante acontece nas sentenças 2 e 3 da Tabela 11. Na sentença 2 – *Não existe história bacana pra falar sobre isso* –, ao se realizar a paráfrase pela relativa, metonimicamente, o NP *história*, que apresenta função semântica de Instrumento passa a Falante e, conseqüentemente, no que diz respeito à sintaxe, passa a representar a função de externo da oração relativa. Na sentença 3 – *A gente tem uma reunião pra discutir um assunto importante* –, por sua vez, na sentença-alvo, o NP *reunião* possui função semântica de Lugar, entretanto, passa a Falante, metonimicamente, na sentença parafraseada. Desse modo, novamente, a metonímia altera a função semântica do núcleo nominal e, com isso, permite que ele



passa a exercer outra função sintática na sentença parafraseada, tornando sua leitura possível.

No exemplo 4 – *Eu não tinha uma vara pra bater nele assim* – tem-se o NP *vara* ocupando a posição de núcleo nominal, o qual exerce função semântica de Instrumento. Caso semelhante é tratado por Fillmore (1970) com os verbos *hit* e *break* do Inglês. Segundo ele, esses verbos podem compor sentenças a partir de valências diferentes: (a) composto por dois argumentos – sendo o externo o agente e o interno o paciente, como em *Tom broke the stick* (Tom quebrou a vara); (b) composto apenas pelo argumento externo – *The stick broke* (A vara quebrou); (c) ou formado por dois argumentos seguido de um adjunto adverbial que expresse um Instrumento – *Tom broke the stick with a rock* (Tom quebrou a vara com uma pedra).

Apesar disso, é possível que, no que tange à valência (a), o argumento externo seja, a princípio, um Instrumento, como em *The rock broke the stick* (A pedra quebrou a vara). Note-se que *rock*, a princípio, denota o Instrumento que é usado para quebrar a vara. No entanto, metonimicamente, ele passa a funcionar como Agente pelo fato de, agora, ser o responsável pelo ato de causar dano.

Essa mesma situação acontece com *Eu não tinha uma vara pra bater nele assim*. Nessa sentença, originalmente, *vara* é o instrumento que o externo *Eu* utiliza para realizar a ação de bater no Paciente *ele*. Contudo, ao realizar a paráfrase pela cláusula relativa, *vara* passa a ter papel temático de Agente, pois se torna o responsável pelo ato – *Eu não tinha uma vara que bate nele assim*. Conseqüentemente, esse termo torna-se o argumento externo do verbo *bater* e a cláusula relativa, por esse motivo, passa a ser totalmente possível na língua.

A possibilidade de paráfrase da IRM pela cláusula relativa desenvolvida foi taxada de impossível por Fillmore (2008), assim, sua análise não se debruça sobre contextos em que a projeção metonímica de adjuntos habilitativos como externos poderia tornar tal procedimento aceitável para o falante.

As sentenças do segundo grupo que obtiveram, no julgamento dos falantes, scores médios maiores que 3,00 na paráfrase pela cláusula relativa foram agrupadas pelo fato de em ambas haver a ocorrência de um sujeito explícito na posição de argumento externo do verbo no infinitivo. Vejamos os dois casos na Tabela 12:

|   | <b>Sentença</b>                                | <b>Sentença Relativa</b>                              | <b>Scores médios</b> | <b>Desvio padrão</b> |
|---|--|---|----------------------|----------------------|
| 1 | Tem abobrinha pra senhora fazer frita          | Tem abobrinha <b>que a senhora faz</b> frita.         | 3,93                 | 2,17                 |
| 2 | Tinha um lugarzinho pra gente fazer um lanche. | Tinha um lugarzinho <b>que a gente faz</b> um lanche. | 4,42                 | 2,22                 |

Tabela 12: Segundo grupo de sentenças que obtiveram *scores* médios superiores a 3,00 na paráfrase pela relativa acompanhados do respectivo desvio padrão.

Nas duas sentenças acima, é possível notar a presença de um NP antecedendo o verbo no infinitivo dentro do [VP\_para\_inf]. Esse NP que funciona como argumento externo pode ou não aparecer nessa posição na construção de DCI, uma vez que, em alguns casos, como os observados nos grupos anteriores, ele pode ser alçado para a posição máxima na sentença por exercer a função de argumento externo tanto do verbo finito quanto do verbo no infinitivo. Nesses dois casos em questão, o que ocorreu foi a explicitação do sujeito no [VP\_para\_inf], principalmente pelo fato de a sentença como um todo ter sentido existencial e, por essa razão, não requisitar a presença de um sujeito explícito na posição de externo do verbo finito. Assim sendo, a presença do sujeito explícito no [VP\_para\_inf] habilita a paráfrase com a cláusula relativa sem prejuízos estruturais e semânticos no entendimento do falante.

Tal configuração levaria a outra construção em inglês, na qual o VP seria do tipo *for\_to*, em sentenças como *There was a place for us to have a snack*. A análise de Fillmore (2008) não contempla casos como esse, provavelmente devido ao fato de que sua estrutura sintática os afasta da definição da IRM. Isso indica, conseqüentemente, que, pelo menos nesses casos, a equivalência da DCI em inglês deveria ser proposta em relação a uma construção diferente de IRM.

O terceiro grupo de sentenças que apresentaram *score* médio superior a 3,00 na paráfrase pela cláusula relativa é formado por aquelas que têm sentido existencial e são ambíguas no que tange à leitura deôntica e habilitativa. Isso significa que, ao mesmo tempo em que o núcleo nominal aparenta ser um recurso que existe ou deve existir para se alcançar a realização de uma atividade, ele pode indicar uma obrigatoriedade. As sentenças desse grupo, acompanhadas da paráfrase pela cláusula relativa, com os respectivos *scores* e desvio padrão, encontram-se dispostas na Tabela 13.

|   | <b>Sentença</b>                                    | <b>Sentença Relativa</b>                          | <b>Scores médios</b> | <b>Desvio padrão</b> |
|---|--|---|----------------------|----------------------|
| 1 | Tem pouca gente pra ajudar a enrolar os docinhos.  | Tem pouca gente que ajuda a enrolar os docinhos.  | 5,62                 | 1,82                 |
| 2 | É preciso ter uma pessoa pra coordenar o trabalho. | É preciso ter uma pessoa que coordena o trabalho. | 6,47                 | 0,96                 |
| 3 | Ainda tem gente pra roubar galinha do vizinho.     | Ainda tem gente que rouba galinha do vizinho.     | 6,82                 | 0,57                 |

Tabela 13: Terceiro grupo de sentenças que obtiveram scores médios superiores a 3,00 na paráfrase pela relativa acompanhados do respectivo desvio padrão.

Observa-se que esse grupo é o que obteve os maiores scores a partir da impressão dos falantes no que diz respeito à paráfrase pela relativa. Isso deve-se ao fato de o núcleo nominal poder ser interpretado não somente como complemento do verbo finito existencial, mas como argumento externo do [VP\_para\_inf]. Tomando o exemplo 1 – *Tem pouca gente pra ajudar a enrolar os docinhos* –, observa-se que o NP *pouca gente* é tanto o elemento sobre o qual se fala da existência na primeira oração, quanto aquele que irá realizar a ação de dar informação na segunda.

O último grupo considerado nessa análise é composto por apenas uma sentença: *Tem um monte de louça na pia pra eu lavar*. Esta, dentre as 20 sentenças-alvo incluídas no questionário, foi atestada, pelos resultados, como tendo uma leitura deôntica explícita. A Tabela 14 traz as paráfrases dessa sentença seguidas dos scores médios, acompanhados do respectivo desvio padrão.

|   | <b>Paráfrases</b>                                    | <b>Scores médios</b> | <b>Desvio padrão</b> |
|---|--|----------------------|----------------------|
| 1 | Tem um monte de louça na pia que eu tenho que lavar. | 6,44                 | 1,20                 |
| 2 | Tem um monte de louça na pia de eu lavar             | 3,40                 | 1,85                 |
| 3 | Tem um monte louça na pia que eu lavo.               | 3,00                 | 1,92                 |

|   |  |      |      |
|---|--|------|------|
| 4 | Pra lavar, tem um monte de louça na pia.   | 6,22 | 1,53 |
| 5 | Tem um monte de pia na louça pra eu lavar. | 1,82 | 1,85 |

Tabela 14: Scores da sentença *Tem um monte de louça na pia pra eu lavar* acompanhados dos respectivos desvios padrão.

A primeira paráfrase apresentada na Tabela 14 – *Tem um monte de louça na pia que eu tenho que lavar* – teve o maior score médio comparando com as demais paráfrases. Embora ela seja semelhante à paráfrase pela cláusula relativa, o exemplo em questão não equivale a uma relativa, mas a uma reformulação da sentença pela forma deôntica mais comum entre os falantes. É interessante notar que a paráfrase pela cláusula relativa teve score médio equivalente a 3,00, um pouco mais baixo em relação às sentenças dos três grupos anteriores, o que indica que a semântica obtida na relativa é diferente, na opinião dos falantes, da semântica da sentença-alvo.

Uma hipótese para a ocorrência de sentenças como essa no padrão [HEAD][VP\_para\_inf] é a proposta de que a leitura deôntica emerge quando o Recurso é um Elemento de Frame nuclear do frame evocado pelo verbo no infinitivo, em geral, o objeto desse verbo. Vejamos outros exemplos em (62) para compreender melhor essa hipótese:

- (62) a. Eu tenho [Head**prova**] [VP\_para\_inf]para **corrigir**].  
 b. Tem muita [Head**conta**] [VP\_para\_inf]pra **pagar**].  
 c. Ela tem [Head**casa**] [VP\_para\_inf]pra **arrumar**].

Nas sentenças (62a) o que se tem *para corrigir* é *prova*, assim como em (62b) o que se tem *para pagar* é *conta* e em (62c) o que se tem *para arrumar* é *casa*, ou seja, o complemento do verbo finito é também o objeto do verbo no infinitivo. Simplificamos essa explicação em (63).

- (63) a. **Corrigir** [V\_inf] **prova** [objeto]  
 b. **Pagar** [V\_inf] **conta** [objeto]  
 c. **Arrumar** [V\_inf] **casa** [objeto]

Tomando o exemplo (62a) e traduzindo-o para o Inglês, podemos perceber que, ao menos aparentemente, essa ocorrência é também possível naquela língua, como se pode notar no exemplo (64).

- (64) a. I have [<sub>Head</sub> **some tests**] [<sub>VP\_para\_ing</sub> **to grade**]  
 b. **To grade** [<sub>V\_inf</sub>] **some tests** [Object]

No entanto, para confirmar essa impressão, bem como as comparações feitas entre a DCI e a IRM, é fundamental ampliar as análises e buscar a aplicação de um teste de similaridade semântica a falantes nativos de Inglês relativo à construção IRM, nos moldes do que foi feito para as construções de DCI do PB. Como foi possível perceber na apresentação dos resultados acima, vários outros aspectos emergiram quando se buscou a impressão dos falantes.

Ainda assim, é possível concluir que a aparente equivalência direta proposta entre a DCI e a IRM não se sustenta, em todos os contextos, devido aos seguintes motivos:

- i. Diferentemente da DCI, a IRM não admite a substituição de *to* por qualquer outra preposição, sem que isso altere a flexão do VP;
- ii. Diferentemente da DCI, a IRM não admite a presença de sujeito explícito no VP\_inf, sem que isso altere por completo a estrutura da construção, caracterizando uma construção distinta em inglês;
- iii. Segundo Fillmore (2008), a IRM jamais aceita paráfrase pela oração relativa desenvolvida, diferentemente da DCI.<sup>10</sup>

---

<sup>10</sup> É importante ressaltar que as análises da DCI e da IRM seguiram percursos metodológicos diferentes, o que implica, conseqüentemente, resultados e observações distintos. Os testes de similaridade semântica aplicados às sentenças do PB, da construção de DCI, fizeram emergir particularidades de tal construção não previstas para a IRM por Fillmore (2008). Isso torna relevante, para trabalhos futuros, a aplicação de um teste, nos mesmos moldes do que foi realizado nesta pesquisa, a falantes nativos do Inglês no tangente à construção IRM.

#### 4 IMPLICAÇÕES DA ANÁLISE PARA A IMPLEMENTAÇÃO DE CONSTRUCTICONS

Uma vez que o desenvolvimento dessa pesquisa contrastiva entre construções do Inglês e do Português do Brasil foi motivada pela implementação do Constructicon do PB, com base no que foi feito para o Constructicon de Berkeley, é necessário que se façam algumas considerações no que tange às implicações da análise empreendida para esse estudo.

Primeiramente, este trabalho focou-se nas construções da Língua Inglesa descritas no Constructicon de Berkeley, comparadas a possibilidades em Português Brasileiro. Os resultados obtidos, embora sejam significativos e apontem para características bastante relevantes de cada uma das línguas, precisam ser relativizados. Conforme discutem Bäckström et al (2014), o primeiro fator que requer isso diz respeito à extensão do Constructicon de Berkeley. Este é ainda um recurso em desenvolvimento, que não abrange todas as ocorrências construcionais da Língua Inglesa. O segundo fator refere-se ao fato de as análises comparativas basearem-se em uma perspectiva subjetiva, dependente da noção de correspondência empregada pelo pesquisador. Ainda de acordo com Bäckström et al (2014), é comum que as distinções observadas na língua fonte influenciem as análises na língua alvo, as quais se fundamentam na busca por similaridades. Apesar dessa limitação, Bäckström et al (2014) ressaltam que a perspectiva contrastiva adotada na pesquisa com o Sueco, assim como pudemos observar com o PB, revelou características específicas das construções da língua que poderiam ter passado despercebidas se outro método tivesse sido aplicado.

Contudo, para que se possa estabelecer uma relação entre recursos construcionais de línguas distintas, isto é, entre Constructicons, a análise contrastiva deve ir além de uma mera comparação entre sentenças. De acordo com Bäckström et al (2014), apenas encontrar e propor pares de construções de línguas diferentes com correspondência direta não é um método suficiente para relacionar Constructicons de uma forma útil.

A impressão de falantes nativos é capaz de evidenciar aspectos que, antes, talvez não tenham sido percebidos pelos pesquisadores. Isso ocorreu ao realizar a comparação entre as construções de DCI e IRM e o percurso analítico apresentado na seção anterior constitui-se como uma contribuição desta dissertação à

constructicografia multilíngue, na medida em que sugere caminhos para preencher as lacunas de uma análise contrastiva centrada apenas em comparações de exemplos.

As construções de DCI e IRM, inicialmente, aparentavam ser totalmente equivalentes no que tange à forma e ao sentido. No entanto, foi percebida uma possibilidade de sentido distinta daquela antes prevista para o Inglês. Essa observação levou à necessidade de uma comprovação através da impressão dos falantes do PB, a qual, por meio dos resultados apresentados no capítulo anterior, mostrou que há muitos outros aspectos que a observação inicial não permitiu ver.

Isso ocorre porque, como o Constructicon não tem por objetivo primeiro ser um recurso contrastivo, muitas questões tendem a ser subfocalizadas. É o que se percebe com a construção IRM. Da forma como está descrita no Constructicon de Berkeley, essa construção não teria, a princípio, uma leitura deôntica, como foi percebido na análise de corpus do PB para a DCI. Apesar disso, quando comparamos as sentenças com semântica de obrigação do PB com possíveis traduções no Inglês, foi possível perceber que a mesma situação é possível nas duas línguas.

Isso nos leva a pensar que, possivelmente, há muitas questões relacionadas a essa construção que a descrição dela no Constructicon de Berkeley não dê conta. Por essa razão, seria interessante a aplicação de um questionário a falantes nativos do Inglês, do mesmo modo como foi feito para a DCI do PB.

Neste trabalho de mestrado, no entanto, por razões de falta de tempo e de espaço, a aplicação desse questionário a falantes do Inglês não se fez possível. Essa tarefa é uma proposta para a pesquisa de doutorado, a qual intenciona, do lado analítico, ampliar o escopo de análise para a tese de doutorado e, do lado da contribuição teórica, discutir questões voltadas à formalização de um recurso sintático computacional multilíngue, a partir das análises contrastivas desenvolvidas nesse processo.

Outro fator relevante a se considerar é a necessidade de se avaliar qual o impacto que esse tipo de análise tem de fato para um Constructicon Multilíngue. Uma análise contrastiva que abarque aspectos mais profundos das construções em análise – como quando se busca a impressão dos falantes nativos de cada língua em relação a elas – garante maior riqueza de detalhes e permite ampliar o conhecimento em relação à língua e suas particularidades. Entretanto, é necessário

pensar se esse grau de detalhamento é imprescindível para a construção em um constructicon multilíngue. Nesse sentido, surgem alguns questionamentos:

(a) Qual grau de detalhamento construcional deve-se buscar ao se implementar um constructicon multilíngue?

(b) No tratamento de uma construção como a DCI, que, como foi observado a partir da impressão dos falantes nativos, pode ser disposta em cinco grupos distintos, considerando aspectos mais profundos de sua estrutura, qual a melhor saída: considerar a existência de cinco construções diferentes ou considerar que todos esses grupos são subcategorias radiais de uma mesma construção?

Para responder ambas as perguntas, é necessário o desenvolvimento de tarefas de Processamento em Linguagem Natural (PLN) e a anotação de vários outros exemplos da construção analisada. No entanto, a opção mais econômica no atual momento do desenvolvimento do Constructicon do Português do Brasil, em que nos falta, de certa forma, uma capacidade técnica mais ampla, é aquela em que consideramos que todos os grupos encontrados com a análise contrastiva aplicada sobre os resultados da pesquisa com os falantes nativos do PB pertencem a uma mesma construção. Assim sendo, teríamos apenas uma construção à qual se amalgamarão valências nominais e verbais diferentes. Isso significa que as diferenças observadas seriam apontadas pela valência dos itens lexicais que compõem cada uma das sentenças, ou seja, os itens lexicais diversos que podem ocupar a posição de Núcleo [Head] ou o VP\_INF, na construção de DCI, a depender de sua valência, seriam os responsáveis pelas variações encontradas nessa construção.



## 5 CONCLUSÕES

Nesta dissertação, buscou-se verificar as possíveis alterações necessárias para aprimorar o Constructicon do Português Brasileiro, já em funcionamento, de modo a possibilitar seu alinhamento a outros Constructicons em desenvolvimento. Para tanto, 69 construções do Inglês descritas no Constructicon de Berkeley foram contrastadas com padrões do PB, o que levou à classificação delas em três grupos: (A) padrões equivalentes, (B) parcialmente equivalentes, (C) não-equivalentes. O grupo (A) contou com 47 construções, o grupo (B), com 8, e o grupo (C), com 14.

Esses achados foram comparados com os encontrados por pesquisadores do Swedish Constructicon (BÄCKSTRÖM ET AL, 2014). Estes identificaram um maior número de construções do Inglês com correspondência em Sueco, mais de 80%, uma vez que tanto o Sueco quanto o Inglês são línguas germânicas e, por esse motivo, podem ter algumas características estruturais em comum. Embora na análise do PB, tenhamos observado que 14 padrões do inglês não se aplicam ao PB, especialmente pela diferença de colocação sintática entre as duas línguas, muitas das construções do Inglês possíveis em Sueco também demonstraram ter equivalência em PB. Isso permite considerar como válida a possibilidade de um alinhamento entre os Constructicons das três línguas, o que pretende ser foco da pesquisa no Doutorado.

Apesar das proximidades percebidas com o Inglês tanto no trabalho do Sueco quanto neste, foi observado que particularidades gramaticais referentes a cada uma das línguas podem evidenciar distinções entre elas. Por esse motivo, não se pode assumir nenhum dos resultados como absolutos antes de uma observação mais aprofundada. Isso significa que uma análise focada apenas na comparação superficial entre a forma e o sentido de construções de línguas diferentes não é suficiente para verificar aspectos mais profundos relativos às construções. Com isso, foi necessário recorrer à impressão de falantes nativos do PB para atestar algumas das hipóteses levantadas relativas à construção de DCI, que, devido ao espaço e tempo, foi escolhida como foco para um estudo mais detalhado nesta dissertação.

Algumas especificidades na construção de DCI precisaram ser confirmadas através da aplicação de um Teste de Similaridade Semântica a falantes nativos do PB. O teste contou com 19 questões válidas, as quais foram submetidas a cinco

paráfrases, e 45 participantes. Com os testes, o comportamento das sentenças diante das paráfrases nos levou às seguintes conclusões:

- A) Ambas as leituras do esquema {[Head] [VP\_para\_INF]} admitem a anteposição do [VP\_para\_INF];
- B) Os voluntários realizaram o teste com a atenção necessária;
- C) Há paráfrases pela troca de preposição mais aceitáveis do que outras; e
- D) Há instâncias da construção de Dativo com Infinitivo que admitem paráfrase por cláusula relativa.

Tais conclusões evidenciaram especificidades da construção de DCI que podem se refletir na análise contrastiva. Para tanto, seria necessária a aplicação de um teste nos mesmos moldes para falantes nativos do Inglês no intuito de confirmar se as mesmas particularidades ocorrem no Inglês e são relevantes para a análise contrastiva entre as duas línguas.

Esta dissertação, portanto, a partir das análises empreendidas, propõe os seguintes avanços:

(i) A partir das discussões teórico-metodológicas empreendidas neste trabalho, propõem-se métodos para análises contrastivas construcionais entre línguas, principalmente seguindo a metodologia da FrameNet e a metodologia *bottom-up* proposta por Boas (2010).

(ii) Dadas as limitações do Constructicon no presente momento, deixa-se abertura para investigações futuras, as quais, partindo da verificação da possibilidade de alinhamento entre Constructicons, visam a analisar as restrições no tangente ao processo de constituição do Constructicon multilíngue como ferramenta computacional.

(iii) Esta pesquisa cumpriu a primeira fase envolvida no desenvolvimento de tarefas de Processamento de Linguagem Natural (PLN), segundo Dias-da-Silva (2007), a fase linguística, uma vez que este trabalho se dedicou à compreensão dos fenômenos linguísticos necessários para o posterior desenvolvimento do sistema computacional multilíngue. Para próximos estudos, as ações se enquadrarão nas fases ditas **representacional e implementacional**. Os objetivos da pesquisa de doutorado, portanto, além de focar o tratamento linguístico de novas construções que serão contrastadas e incluídas na base de dados do Constructicon, pretendem estar voltados para a descrição de políticas de formalização de restrições representacionais e implementacionais do Constructicon multilíngue.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BÄCKSTRÖM, L., LYNGFELT, B. & SKÖLDBERG, E. Towards Interlingual Constructicography: on correspondence between construction resources for English and Swedish. In: BORIN L.; MELO G.; HEPPIN, K.F.; TORRENT, T.T. (Eds.), **Frames, constructions, and computation**. Special issue of *Constructions and Frames* 6:1 (2014). 2014. v, 135.

BERGEN, B.; CHANG, N. Embodied Construction Grammar. In: HOFFMANN, T.; TROUSDALE, G. **Oxford Handbook of Construction Grammar** (Eds.). Oxford University Press, 2013

BOAS, H. C. Comparing constructions across languages. In: BOAS, H. C. **Contrastive Studies in Construction Grammar** (Ed). Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2010

BOAS, H. C. & SAG, I. A. (Orgs.). **Sign-Based Construction Grammar**. Stanford: CSLI, 2012.

BRODBECK, R.C.M.S. **Um monte de problemas gera uma chuva de respostas: estudo de um caso de desencontro na quantificação nominal em Português**. Tese de doutorado em Linguística apresentada à Coordenação do Curso de Pós-Graduação em Linguística: área de concentração em Linguagem e Cognição da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora, 2010.

FERRARI, L. V. Modelos de Gramática em Linguística Cognitiva: Princípios Convergentes e Perspectivas Complementares. In: **Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Letras e cognição**, n. 41, p. 149-165, 2010

FILLMORE, C. J. The grammar of hitting and breaking. In: JACOBS, R. A.; ROSENBAUM, P. S. (eds). **Readings in English Transformational Grammar**. Waltham MA: Ginn and Company, 1970.

\_\_\_\_\_. The case for case reopened. In: COLE, P.; SADDOCK, J. (eds) **Grammatical Relations**. New York: Academic Press, 1977. p.59-81.

FILLMORE, C. J. *Innocence: A Second Idealization for Linguistics*. 1979

\_\_\_\_\_. Frame Semantics. In: THE LINGUISTIC SOCIETY OF KOREA (org.). **Linguistics in the morning calm**. Seoul: Hanshin, 1982. FILLMORE & ATKINS, 1992

\_\_\_\_\_. Wherewithal: eine verborgene Konstruktion. In: STEFANOWITSCH, A.; KERSTIN, F. (eds.). **Konstruktionsgrammatik II: Von der Konstruktion zur Grammatik**. Tübingen: Stauffenburg, 279-283, 2008.

\_\_\_\_\_. Berkeley Construction Grammar. In: HOFFMANN, T.; TROUSDALE, G. **Oxford Handbook of Construction Grammar** (Eds.). Oxford University Press, 2013

FILLMORE, C. J. & ATKINS, B. T. Toward a Frame-Based Lexicon: The Semantics of RISK and its Neighbors, 1992.

FILLMORE, C. J., KAY, P. and O'CONNOR, M. C. Regularity and Idiomaticity in Grammatical Constructions: the case of *Let Alone*. In: **Language**, Vol. 64, No. 3, 1988. p. 501-538.

FILLMORE, C. J., JOHNSON, C.R. and PETRUCK, M. R. L. Background to FrameNet. In: **International Journal of Lexicography**, 2003. p. 235-250.

FILLMORE, C. F.; LEE-GOLDMAN, R. R. & RHOMIEUX, R. The FrameNet Constructicon. In: BOAS, H. C. & SAG, I. A. (Orgs.). **Sign-Based Construction Grammar**. Stanford: CSLI, 2012.

FRIED, M.; OSTMAN, J-O. Construction Grammar: a thumbnail sketch. In: \_\_\_\_\_. **Construction Grammar in a Cross-Linguistic Perspective**. Amsterdam: John Benjamins, 2004.

GOLDBERG, A. **Constructions**: A Construction Grammar Approach to Argument Structure. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

\_\_\_\_\_. **Constructions at Work**: The nature of generalization in language. Oxford: Oxford University Press, 2006.

\_\_\_\_\_. Constructionist Approaches. In: HOFFMANN, T.; TROUSDALE, G. **Oxford Handbook of Construction Grammar** (Eds.). Oxford University Press, 2013

KAY, P.; FILLMORE, C. J. Grammatical Constructions and Linguistic Generalizations: the What's X Doing Y Construction. In: **Language**, vol. 75, nº 1, 1999.

LAGE, L. M. **Frames e Construções**: A Implementação Do Constructicon Na Framenet Brasil. Dissertação de Mestrado apresentada ao programa de Pós-Graduação em Linguística da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora, 2013.

MARCUSCHI, L. A. & SALOMÃO, M. M. M. Introdução. In: MUSSALIM, F. & BENTES, A. C. (Orgs.) **Introdução à Linguística: fundamentos epistemológicos**. São Paulo: Cortez, 2004.

PETRUCK, M. R. L. Frame Semantics. In: VERSCHUEREN, J. OSTMAN, J. & BLOMMAERT, J. (Eds.) **Handbook of Pragmatics**. Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins, 1996.

RUPPENHOFER, J.; ELLSWORTH, M.; PETRUCK, M.; JOHNSON, C.; SCHEFFCZYK, J. **FrameNet II**: Extended Theory and Practice. Versão 14 set. 2010. Disponível em: <http://framenet.icsi.berkeley.edu/> Acesso em 4 de junho de 2012.

SALOMÃO, M.M.M. Lanterna na proa: sobre a tradição recente nos estudos de linguística. In: **Gragoatá**. n.23, p.52, Niterói, Editora da UFJF, 2007.

\_\_\_\_\_. FrameNet Brasil: um trabalho em progresso. In: **Calidoscópico**, Vol. 7. nº 2, 2009a, p. 171-182

\_\_\_\_\_. Tudo certo como dois e dois são cinco: Todas as construções de uma língua. In: MIRANDA, N. S. & SALOMÃO, M. M. M. (Org.). **Construções do Português do Brasil**: da gramática ao discurso. Belo Horizonte: UFMG, 2009b.

SALOMÃO, M.M.M.; SAMPAIO, T.F.; TORRENT, T.T. **Construções em contraste**: anotação de construções na FrameNet Brasil e na Swedish FrameNet ++. Projeto apresentado à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior e à Swedish Foundation for International Cooperation in Research and Higher Education, no âmbito do Edital CAPES/STINT nº 052/2012

SAUSSURE, F. **Curso de Lingüística Geral**. 29ª ed. São Paulo. Cultrix: 2008 [1916].

TORRENT, T. T. **A Rede de Construções em Para (SN) Infinitivo**: uma abordagem centrada no uso para as relações de herança e mudança construcionais. 2009. 166 f. Tese de Doutorado em Linguística. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

TORRENT, T. T. & ELSWORTH, M. Behind the Labels: Criteria for Defining Analytical Categories in FrameNet Brasil. In: **Veredas**: Frame semantics and its technological applications. Juiz de Fora: UFJF, v. 17, p.44-65, 2013.

\_\_\_\_\_. **On The Relation Between Inheritance and Change**: The Constructional Convergence and The Construction network Reconfiguration Hypotheses. (no prelo).

TORRENT, T.T.; LAGE, L.M.; SAMPAIO, T.F.; TAVARES, T.S.; MATOS, E.E.S. Revisiting border conflicts between FrameNet and Construction Grammar. In: BORIN L.; MELO G.; HEPPIN, K.F.; TORRENT, T.T. (Eds.), **Frames, constructions, and computation**. Special issue of *Contructions and Frames* 6:1 (2014). 2014. v, 135 pp. (pp. 34–51)

| NOME DA CONSTRUÇÃO  | ELEMENTOS DA CONSTRUÇÃO  | EXEMPLO ANOTADO EM INGLÊS   | EXEMPLO ANOTADO EM PB  |
|---|--|---|--|
| 1. Cláusula_absolutiva [Absolute_clause]  | Predicado [Predicate]<br>Sujeito [Subject]   | Kim, a doctor?!   | A Maria, ministra da eucaristia?!  |
| 2. Adjetivo_como_nominal.abstrato<br>[Adjective_as_nominal.abstract]            | Sintagma_adjetival [Adjectival_phrase]<br>Determinante_definido [Definite_determiner]  | Though the practical includes the technological, it is wider than that.       | É preciso saber diferenciar o certo e o errado.                                    |
| 3. Adjetivo_como_nominal.definido<br>[Adjective_as_nominal.definite]            | Sintagma_adjetival [Adjectival_phrase]<br>Determinante_definido [Definite_determiner]  | Its hard to find the unity between the old rules and the new                  | É difícil encontrar a unidade entre as regras antigas e as novas.                  |
| 4. Adjetivo_como_nominal.pessoa<br>[Adjective_as_nominal.people]                | Sintagma_adjetival [Adjectival_phrase]<br>Determinante_definido [Definite_determiner]  | The greatest danger for the very young  | Isso é importante para os mais jovens entenderem.                                  |
| 5. Como.papel [As.role]   | CEE: como (PB) / as (Inglês)<br>Preenchedor [Filler]<br>Papel [Role]   | He could, as God, have chosen to act otherwise                                | Ela devia, como mãe, impor mais limites ao seu filho.                              |
| 6. Ser_estar_particípio-presente [Be_present-participle]                        | Ser [Be]<br>Gerúndio [Present_Participle]  | They are riding their bicycles.   | Eles estão andando de bike   |
| 7. Comparação [Comparison]  | Expressão_base [Base_expression]<br>Marcador [Marker]<br>Diferença [Difference]<br>Item [Item]<br>Valor_padrão [Standard_value]  | Tomas is more intelligent than his brother.                                   | Tomás é mais inteligente que seu irmão.  |
| 8. Comparação_igualdade [Comparison_equality]                                   | Aproximação [Approximation]<br>Expressão_base [Base_expression]<br>Marcador [Marker]<br>Item [Item]<br>Multiplicativo [Multiplicative]<br>Padrão [Standard]<br>Valor_padrão [Standard_value] | He is as intelligent as his boss.   | Ele é tão inteligente quanto seu chefe.  |
| 9. Comparação_igualdade_metalinguística<br>[Comparison_equality_metalinguistic] | Aproximação [Approximation]<br>Expressão_base [Base_expression]<br>Marcador [Marker]<br>Item [Item]<br>Padrão [Standard]   | The fact that it crashes every few hours is as much a feature as it is a bug. | O fato de o celular não estar funcionando é tanto um problema quanto um benefício. |
| 10. Comparação_desigualdade<br>[Comparison_inequality]                          | Aproximação [Approximation]<br>Expressão_base [Base_expression]<br>Marcador [Marker]<br>Diferença [Difference]<br>Item [Item]<br>Multiplicativo [Multiplicative]                             | The Sumatran tiger is more striped than his larger Indian cousin.             | Juiz de Fora é mais povoada que Carangola.   |

|  |  |   |   |
|--|--|---|---|
|  | <b>Padrão [Standard]</b><br><b>Valor padrão [Standard_value]</b>   |   |   |
| 11. Coordenação [Coordination]                               | <b>Conjunção [Conjunction]</b><br><b>Coordenado [Cordinated]</b>   | For dinner we will serve <b>potatoes, asparagus, and salmon.</b>  | Para o jantar, teremos <b>batatas, aspargos e salmão.</b>                             |
| 12. Modificação_de_grau [Degree_modification]                | <b>Predicado_escalar [Scalar_predicate]</b><br><b>Modificador_de_grau [Degree_modifier]</b><br><b>Item [Item]</b>  | <b>She</b> is <b>so</b> <b>tired</b> as you.  | <b>Ela</b> está <b>tão</b> <b>cansada</b> quanto você.                                |
| 13. Grau_tão [Degree_so]                                     | <b>CEE: Tão (PB) so (Inglês).</b><br><b>Item [Item]</b><br><b>Cláusula_resultativa [Result_clause]</b><br><b>Predicado_escalar [Scalar_predicate]</b>        | <b>The smell</b> is <b>so</b> <b>terrible</b> <b>you want to throw up.</b>  | <b>Eu</b> estou <b>tão</b> <b>orgulhosa</b> <b>que nem</b> <b>consigo expressar.</b>  |
| 14. Nome_de_dia_dêitico_invertido [Deictic_dayname_inverted] | <b>Subunidade_de_calendário [Calendar_subunit]</b><br><b>Último/Próximo [Last/Next]</b>  | They'll expect, then, to see both your daughters in class on <b>Monday</b> <b>next.</b>   | Eles esperam se encontrar na <b>sexta</b> <b>próxima.</b>                             |
| 15. Sintagma_nominal_determinado [Determined_noun_phrase]    | <b>Determinante [Determiner]</b><br><b>Nominal [Nominal]</b>   | We are going to <b>the</b> <b>stadium.</b>  | Estamos indo para <b>o</b> <b>estádio.</b>  |
| 16. Nome_próprio_determinado [Determined_proper_name]        | <b>Determinante [Determiner]</b><br><b>Modificador [Modifier]</b><br><b>Nome_próprio [Proper_noun]</b>   | I was recalling <b>the</b> <b>Paris</b> <b>of my youth.</b>   | Venha conhecer <b>o</b> <b>Brasil</b> <b>do Carnaval</b>                              |
| 17. Conjunção_de_dimensão [Dimension_conjunction]            | <b>Conjunção [Conjunction]</b><br><b>Dimensão [Dimension]</b>  | It measures <b>four feet long</b> <b>by</b> <b>three feet wide.</b>   | A piscina mede <b>seis metros de comprimento</b> <b>por</b> <b>três de largura.</b>   |
| 18. Elipse [Gapping]   | <b>Depois [After]</b><br><b>Antes [Before]</b><br><b>Conjunção [Conjunction]</b><br><b>Gapped_portion [Porção_apagada]</b><br><b>Pontuação [Punctuation]</b> | <b>The donkeys</b> <b>were</b> <b>destroyed</b> <b>,</b> <b>horses</b> <b>slaughtered</b> <b>,</b> <b>and</b> <b>operations</b> <b>performed.</b> | <b>João</b> <b>estuda</b> <b>Matemática</b> <b>,</b> <b>Ana</b> <b>Letras.</b>        |
| 19. Ter_com [Have_with]                                      | <b>Predicado_ter [Have_predicate]</b><br><b>Possuidor [Possessor]</b><br><b>Sintagma_com [With_phrase]</b>   | <b>Most people</b> like to <b>have</b> <b>with them</b> the necessary items.  | <b>As pessoas</b> devem sempre <b>ter</b> <b>consigo</b> seu passaporte.              |
| 20. Complementos_de_núcleo [Head-complements]                | <b>Complemento [Complement]</b><br><b>Núcleo [Head]</b>  | Everyone <b>gave</b> <b>him</b> <b>three books.</b>   | Deram <b>a</b> <b>ele</b> <b>três livros.</b>   |
| 21. Dativo_com_infinitivo [Infinitival_relative_modal]       | <b>Núcleo [Head]</b><br><b>Relativa_infinitiva [Infinitival_relative]</b>  | We finally found <b>a book</b> <b>to read</b> <b>to our</b> <b>daughter.</b>  | Nós encontramos <b>um ótimo livro</b> <b>para</b> <b>ler</b> <b>para nossa filha.</b> |

|  |   |   |   |
|--|---|---|---|
| 22. Aposto_integrado [Integrated_appositive]                                   | Núcleo [Head]<br>Especificação [Specification]  | Meet <b>my wife</b> <b>Jane</b>   | <b>Minha amiga</b> <b>Ana</b> mora fora.  |
| 23. Que_dirá [Let_alone]   | CEE: muito menos/que dirá (PB) / let alone (Inglês)<br>Contexto_de_foco [Context_of_focus]<br>Primeiro_conjunto [First_conjunct]<br>Segundo_conjunto [Second_conjunct]<br>Gatilho [Trigger] | He won't eat <b>chicken teriyaki</b> , let alone <b>raw sea urchin</b> .  | Ela não gosta <b>de estudar português</b> , <b>que dirá</b> <b>de escrever redação</b> .          |
| 24. Localização_no_calendário_subunidade [Location_in_calendar_subunit]        | Subunidade_de_calendário [Calendar_subunit]<br>Último/Próximo [Last/Next]   | As recently as <b>last December</b> it pencilled in a figure of 1.9% . flunked it   | O que você fez no <b>último sábado</b> ?  |
| 25. Localização_no_calendário_unidade [Location_in_calendar_unit]              | Unidade_de_calendário [Calendar_unit]<br>Último/Próximo [Last/Next]   | The huge, gently tilting summit plateau is vast and it is easy to believe that locals held horse races here <b>last century</b> . | As pesquisas realizadas neste século superaram as que foram feitas no <b>último século</b> .      |
| 26. Medida_mais_sintagma_preposicional [Measurement_plus_prepositional_phrase] | Entidade [Entity]<br>Sintagma_medida [Measurement_phrase]<br>Nome [Noun]<br>Sintagma_preposicional [Prepositional_phrase]   | To qualify <b>they</b> had to be at least 26 and measure <b>5 feet 7 inches</b> <b>in height</b> .                                | Aos <b>32 anos</b> <b>de idade</b> , <b>ela</b> fez sua primeira viagem à praia.                  |
| 27. Nome_composto_substantivo-substantivo [Noun-noun_compound]                 | Membro [Member]   | <b>key word</b>   | <b>Palavra-chave</b>  |
| 28. Seus_próprios_olhos [Ones_very_eyes]                                       | Expressão_olhos [Eyes_expression]<br>Preposição [Preposition]<br>Estado_de_coisas [State_of_affairs]  | Their life's work was destroyed <b>before</b> <b>their very eyes</b> .  | O trabalho da sua vida foi destruído <b>diante de</b> <b>seus próprios olhos</b> .                |
| 29. Si_mesmo [Own_right]   | CEE: o sintagma <i>por si mesmo</i> (PB) / <i>in one's own right</i> (Inglês)<br>Entidade_estável [Established_entity]<br>Entidade_IOR [IOR_entity]<br>Propriedade [Property]               | <b>Apart from his family riches</b> , <b>Midani</b> is a <b>wealthy man</b> <b>in his own right</b>                               | <b>Apesar do que dizem sobre ele</b> , <b>Tom</b> <b>se considera feliz</b> <b>por si mesmo</b> . |
| 30. Embelezamentos_de_nome_próprio [Proper_name_embellishments]                | Embelezamento [Embellishments]<br>Nome_próprio [Proper_noun]<br>Pontuação [Punctuation]   | <b>Father of three</b> , <b>Jason Martin</b> was given an award yesterday by police department for service to the community       | Os repórteres falaram com o <b>Secretário do Tesouro</b> , <b>Manuel Smith</b> .                  |
| 31. Razão.custo-tempo [Rate.cost_time]   | Custo [Cost]<br>Tempo [Time]  | I am now going to have to pay <b>five pounds</b> <b>per day</b> for these children.   | O pedreiro cobrou <b>150 reais</b> <b>por dia</b> .   |
| 32. Razão.frequência [Rate.frequency]  | Aproximação [Approximation]   | We <b>meet</b> <b>approximately</b> <b>twice</b> <b>per month</b> .   | Nós nos <b>encontramos</b>  |



|   |  |   |   |
|---|--|---|---|
|   | Multiplicativo [Multiplicative]<br>Estado_de_coisas [State_of_affairs]<br>Período_de_tempo [Period_of_time]  |   | aproximadamente duas vezes por mês.                                   |
| 33. Razão.milhagem [Rate.mileage]                         | Distância [Distance]<br>Consumidor_de_combustível [Fuel_consumer]<br>Unidade [Unit]  | Its fuel consumption was eight miles per gallon.  | O carro fez 13 quilômetros por litro de gasolina.                     |
| 34. Razão.velocidade [Rate.speed]                         | Distância [Distance]<br>Entidade [Entity]<br>Tempo [Time]  | Okay he's doing a hundred miles an hour.  | Ele dirige sempre a 60 quilômetros por hora.                          |
| 35. Em_vez_de_coordenação [Rather_than_coordination]      | CEE: em vez de [PB] / rather than [Inglês]<br>Conjunto_1 [Conjunct_1]<br>Conjunto_2 [Conjunct_2]<br>Contexto [Context]   | I prefer crimson or deep orange rather than pillar - box red  | Ele dedica mais tempo para trabalhar em vez de estudar.               |
| 36. Completamento_compartilhado [Shared_Completion]       | Completamento [Completion]<br>Conector [Connector]<br>Pontuação [Punctuation]<br>Compartilhador [Sharer]   | We can remind ourselves of , and help our children to realise , the need at all times for compassion. | Você pode pensar sobre , ou reclamar da postura dela o quanto quiser. |
| 37. Sujeito_predicado [Subject-predicate]                 | Predicado [Predicate]<br>Sujeito [Subject]   | You may find her less apparently distressed than you expect.  | Os jovens desperdiçam muito tempo.                                    |
| 38. Superlativo [Superlative]                             | Expressão_base [Base_expression]<br>Marcador [Marker]<br>Comparativo_estabelecido_pelo_item [Comp_set_by_item]<br>Comparativo_estabelecido_pela_relativa [Comp_set_by_reln]<br>Determinante [Determiner]<br>Extensão [Extent]<br>Item [Item]<br>Categoria [Rank]<br>Cláusula_relativa [Rel_clause]<br>Item_relativo [Rel_item] | The Diplodocus has the longest neck of all the dinosaurs.   | O Diplodocus tem o pescoço mais longo de todos os dinossauros.        |
| 39. Suplemento_designativo [Supplement_ascriptional]      | Propriedade [Property]<br>Pontuação [Punctuation]<br>Referente [Referent]  | Smith, leader of the group, has been unwilling to consider stepping down.                             | Tales, líder do grupo, não está disposto a deixar o cargo.            |
| 40. Suplemento_especificador [Supplement_specificational] | Pontuação [Punctuation]<br>Referente [Referent]  | In my pen drive, one folder namely New Folder was created automatically.                              | Uma pasta chamada Nova Pasta foi criada no meu desktop                |

|  |   |   |  |
|--|---|---|--|
|  | Especificação [Specification]   |   | automaticamente.   |
| 41. Tautologia.profunda [Tautology.deep_tautology] | Categoria [Category]<br>Copula [Copula]   | A fight is a fight, wherever you are.                         | Uma luta é uma luta, onde quer que você esteja.                      |
| 42. Tautologia.nominal [Tautology.nominal]         | Categoria [Category]<br>Copula [Copula]   | The past is the past, and you can do nothing about it.        | O passado é o passado, e você não pode fazer nada em relação a isso. |
| 43. Tautologia.nostalgia [Tautology.nostalgia]     | Categoria [Category]<br>Copula [Copula]   | When weddings were weddings.                                  | Quando casamentos eram casamentos.                                   |
| 44. Unicidade [Uniqueness]                         | Comparativo_estabelecido_pelo_item [Comp_set_by_item]<br>Comparativo_estabelecido_pela_relativa [Comp_set_by_reln]<br>Determinante [Determiner]<br>Item [Item]<br>Marcador_de_singularidade [Marker_of_uniqueness]<br>Modificador_pós_nominal [Post_nominal_modifier] | Mine was the only dog of his breed to be put in that category | Eu fui o único membro da minha família a ir à festa.                 |
| 45. Desnudamento [Stripping]                       | Advérbio [Adverb]<br>Antecedente_real [Antecedent_actual]<br>Antecedente_potencial [Antecedent_potential]<br>Conjunção [Conjunction]<br>Fragmento [Fragment]  | He smokes during the day, but only with a pipe                | Ele fuma durante o dia, mas apenas com um cachimbo.                  |
| 46. E_X_absolutivo [What-with_absolutive]          | Predicado [Predicate]<br>Sujeito [Subject]<br>E_X [What_with]   | What with the children crying and screaming all night?        | E esse povo reclamando de o nordeste ter votado na Dilma?            |
| 47. Com_absolutivo [With_absolutive]               | Predicado [Predicate]<br>Sujeito [Subject]<br>[Com] With  | John with his mouth opened couldn't believe.                  | João com a sua boca aberta não conseguia acreditar                   |

Tabela 2: Construções que parecem ter equivalência muito próxima (grupo A)